Diário de Lisboa

Fevereiro 1978
Sexta-feira
17
ANO 57.º
N.º 19 584
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

MEMÓRIA DO TARRAFAL

Artigos, documentos, recordações e entrevistas com sobreviventes num destacável de oito páginas

HOJE NO "DL"

Noticiário nas centrais

QUEM VAI PARA O MAI?

Fala-se em Jaime Gama mas oficialmente não existe nada

As autoridades governamentais recusaram esta manhã confirmar ao «DL» a provável nomeação de Jaime Gama para ministro da Administração Interna, em substituição de Oliveira e Silva que anteontem apresentou o seu pedido de demissão. Fontes socialistas adiantaram (particularmente) não acharem muito viável que a escolha venha a recair sobre aquele membro da direcção do PS e figura destacada na concretização do acordo com o CDS. De qualquer modo, o Secretariado Nacional do PS encontrava-se reunido esta manhã (os trabalhos prosseguiam ainda na altura do fecho desta edição) sendo possível que o assunto estivesse a ser sujeito a debate.

Segundo as nossas fontes, Jaime Gama seria considerado demasiado importante no aparelho partidário, razão por que o seu afastamento se vislumbrava improvável. Note-se, porém, que com a formação do actual Governo algumas figuras de proa do PS, como Manuel Alegre e Jorge Campinos (entre outros) ficaram reduzidos às suas funções partidárias o que poderá «aliviar» alguns dos secretários nacionais até aqui mais sobrecarregados — caso de Jaime Gama. No entanto, há que referir o esforço que o PS vem desen-

Continua na pág. 24

DEPOIS DO "SIM" QUE VEIO DO NORTE

Professores avançam para greve nacional

As quatro direcções sindicais dos professores reunem-se no próximo dia 19 em Coimbra. Encontro decisivo para uma próxima paralisação dos docentes, mas desta vez a nível nacional.

Com o «SIM» maciço dos professores do Norte a favor da greve, estão criadas as condições para desencadear uma luta a nível nacional com o objectivo de obrigar o MEC a abrir negociações com os Sindicatos dos Professores.

A conferência de Imprensa marcada para o dia 21 anunciara uma data provável para a greve se o MEC prosseguir no seu silêncio e na sua legislação contra os interesses e reivindicações dos professores.

Estes problemas foram ontem abordados no decorrer da reunião efectuada pelos delegados sindicais dos professores da Área da Grande Lisboa. Foi decidido desenvolver todas as formas de luta possíveis, concertadas com os outros sindicatos, para levar o MEC à mesa das negociações. Para além disso, e como objectivo prioritário, que a direcção do Sindicato utilize «todos os meios à sua disposição para obter a anulação do despacho 9/78» que pretende marcar faltas injustificadas aos professores que adiram à greve.

Nova assembleia de delegados da Área da Grande Lisboa está marcada para breve, realizando-se um plenário sindical de professores ainda este mês.

Mais de setenta por cento dos votos dos professores do Norte foi de um «SIM» à greve, num referendo que conseguiu uma elevada participação. Era o único sindicato que ainda não tinha tomado posição sobre uma possível paralisação, apesar de desde sempre ter manifestado solidariedade e apoio à greve dos professores da Área da Grande Lisboa. A Zona Sul sempre teve o apoio dos seus sócios para aderir à paralisação, mesmo a do dia 2 de Fevereiro, mas no último momento terá recuado por não encontrar condições para a greve.

Tal como ontem tínhamos previsto, os professores do Norte decidiram-se pela greve. Em muitas reuniões, professores de diversas escolas do Norte manifestaram publicamente o seu desapontamento por não terem participado na paralisação do dia 2 e pressionavam a direcção nesse sentido. O resultado do referendo demonstrou que esse desejo era largamente maioritário.

Entretanto o CEC (Contra a Escola Capitalista) emitiu um comunicado em que se refere ainda à paralisação do dia 2 «como uma grande vitória». E acentua: «A luta continua. Nos locais de trabalho, os professores têm de se opor ao despacho antigreve do MEC, continuar o debate e o aprofundamento do que diz respeito à contratação — o que não pode ser desligado da luta quotidiana pela defesa da vida democrática das escolas, duma intervenção permanente nos órgãos eleitos, duma atitude de resposta imediata e eficaz às medidas do MEC no sentido da recuperação autoritária ou tecnocrática da escola, revisão de programas e de currículos, regulamentações e estatutos.

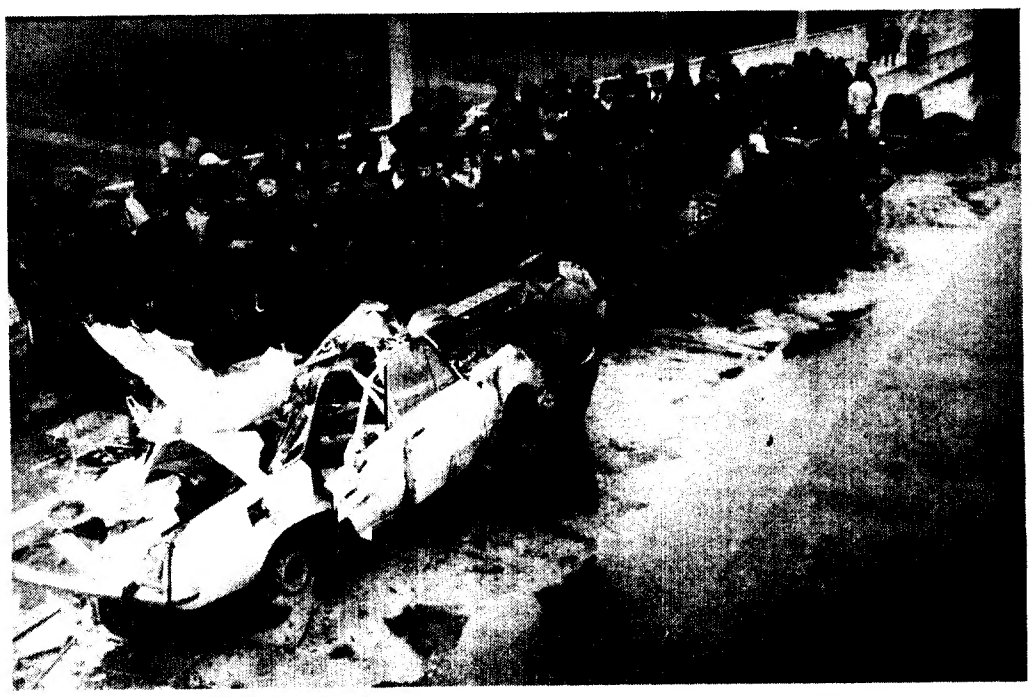
ONTEM NA PONTE DA ARRÁBIDA

Camião contra automóvel: quatro mortos

PORTO, 17 — Quatro mortos e dois feridos é o balanço de um trágico acidente de viação ocorrido ao princípio da tarde de ontem na Ponte da Arrábida. Em direcção a esta cidade rolava um camião carregado de areia conduzido por José António Carvalho Caselha, de 36 anos, de Guinfões (Matosinhos) que levava como ajudantes Joaquim Pinto Correia, de 44 anos, da Rua Particular de Francos, e José Carmino Conceição Lisboa, de 47 anos, da Rua António Enes.

Súbito, o pesado veículo galgou o separador da ponte e foi embater violentamente com um «Fiat-124», guiado por Alexandre Pereira Pinto, de 48 anos, técnico de contas, de Valadares (Gaia), desfazendo completamente o veículo e causando a morte imediata do seu condutor, que só pôde ser retirado de entre os destroços com a ajuda dos bombeiros.

Entretanto, o camião da areia, na sua marcha desordenada chocou ainda com outra camioneta que seguia atrás do automóvel e que era guiada por António Jacinto Guerreiro, de 27 anos, de Pinheiro Grande, Chamusca, e na qual seguia o seu ajudante, Artur Campos, de 48 anos, de Torres Novas.



«Isto» é o automóvel ambatido pelo camião

Em consequência do acidente encontraram a morte o condutor do carro ligeiro, como já referimos, e, ainda, os três ocupantes do camião de areia, que esteve na origem do desastre. Com mais sorte andou o condutor da outra camioneta, António Guerreiro, que sofreu ligeiras escoriações. O seu ajudante, com fractura das pernas, teve de ser internado no Hospital de Santo António.

PUBLICIDADE

é uma iniciativa que visa distinguir as Agências de Publicidade que mais contribuem para a valorização e prestígio da actividade publicitária em Portugal.

Tal como no ano passado, as nossas páginas estarão abertas à imaginação e criatividade dos técnicos daquelas Agências, dando a conhecer os múltiplos serviços quotidianamente prestados aos seus clientes.

Outros órgãos de Informação, inspirados pelo nosso exemplo, secundam neste momento a iniciativa do «DL», o que muito nos apraz registar.

Hoje, na página 7, está presente a ESPIRAL

post-scriptum

Uma carta ao presidente da AR

«Caro amigo e antigo camarada da MUNAF

Com o meu maior respeito, por si, pelo seu passado de militante antifascista e de presidente da Assembleia da República venho pedir-lhe para apresentar ao novo Governo e aos Exm.os Srs. deputados dessa Assembleia a expressão do meu mais profundo desgosto, um veemente protesto, e um grande sentimento de repulsa pela existência de mais um Governo contrário aos interesses do nosso povo e do progresso do nosso País. Considero que fazer participar numa coligação governamental os herdeiros do pior passado da nossa pátria é não somente uma traição constitucional, mas um crime que a história não poderá perdoar.

Eu que sofri como tantos milhares de companheiros, as consequências de uma política atroz, de ruína e de empobrecimento da nossa pátria, tragédia de um povo dominado pelas prepotências durante meio século, não posso, nesta hora, novamente trágica, deixar de me manifestar e protestar contra uma política contra os interesses nacionais e lembrar, ao mesmo tempo, que dentro de dias chegam a Lisboa os restos mortais dos meus companheiros, patriotas assassinados, no campo de concentração do Tarrafal, pelos antecessores, dos que, agora, têm assento no Governo e que querem preparar, de novo, o regresso a um passado repugnante.

Protesto, junto da Assembleia da República, e, considero uma desonra para Portugal e uma humilhação para os heróicos soldados do 25 de Abril que o libertaram da grande noite fascista.

Apelo, daqui, para todos os socialistas honestos, muitos dos quais também sofreram as consequências de um regime nefasto para que meditem nas consequências que podem, de novo, submergir a nossa pátria.

Saúdo todos os verdadeiros antifascistas e firmo-me fraternalmente

Tomás Ferreira Rato — Paris, Fev. 78»

Homenagem ao general Humberto Delgado

Teve lugar no passado dia 12 do corrente mês, no cemitério dos Prazeres, uma homenagem ao general Humberto Delgado.

Na qualidade de resistente antifascista, como sempre estive presente. Vi lá muitas caras que de há muito me habituara a ver em tantas manifestações, que nós, democratas, corajosamente organizávamos como forma de luta contra o fascismo. Desta vez não vi os srs. Mário Soares, Salgado Zenha, Sottomayor Cardia, Manuel Alegre, Tito de Morais (este convidado para representar o PS) e outros dirigentes do «pluralista» Partido Socialista. O governador civil de Lisboa enviou um telegrama, «impedido» de comparecer.

Creio que tamanha ausência se deverá a alguma «gripe» colectiva originada por calafrios a que estiveram sujeitos durante a última «maratona» na Assembleia da República. Ou seria por «indigestão» provocada pelas iguarias servidas no banquete oferecido ao sr. Carlucci?

José Flora Bento
— LISBOA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Não compreender os princípios democráticos que nos regem

Do parlamentarismo, como do mais, não se deve abusar, e a prova está à vista: os representantes do Povo levaram 4 dias a recompor-se dos excessos da semana passada, e nem todos apareceram ontem em S. Bento na melhor forma, denotando ainda indícios de ressaca parlamentar.

Dois votos aprovados por unanimidade e um adiado para a próxima sessão, assinalaram o período antes da ordem do dia do plenário de ontem da Assembleia da República, pouco concorrido de público e de deputados.

O primeiro voto, proposto por Francisco Miguel (PCP), chama a atenção do Povo português — no momento em que regressam a Portugal os restos mortais dos trinta e dois antifascistas que, no campo de concentração do Tarrafal, deram a sua vida, durante o fascismo, pela conquista da Liberdade e Democracia — para a «desumanidade de um regime que cometeu tais crimes» e presta «comovida homenagem ao sacrifício e à coragem dos mártires que desde agora repousam no solo da Pátria que tanto amaram».

O segundo voto, proposto pelo grupo parlamentar do PS, repudia a exteriorização de posições de «condenável sectarismo» ocorrida no passado dia 12, no Cemitério dos Prazeres, na manifestação de homenagem à memória do general Humberto Delgado, onde, segundo os considerandos da proposta de voto, «se chegou a comparar a Assembleia da República com a Assembleia Nacional do regime fascista» e a insultar publicamente o deputado Raul Rego — que «procurou desagravar este órgão de soberania» — com os epítetos de «fascista, traidor e vendido».

Ao aprovar por unanimidade o voto de protesto do PS, a Assembleia da República, conclave imaculado de representantes do Povo, desagravou-se dos populares que lhe chamaram «Assembleia Nacional» dos Prazeres, agravando-os a eles com a qualificação de «sectários cegos» e inimigos da democracia, que «se propõem destruir».

Quanto ao deputado Raul Rego, o Parlamento proclamou que não se trata de um «traidor e vendido», mas sim de uma «figura antifascista coerente e consequente».

Um terceiro voto, também de protesto, este contra a prisão absurda do antifascista Maximino Serra (que coerente e consequentemente escapou às garras da PIDE em 1964, utilizando para o efeito o que estava à mão de semear, ou seja, uma avioneta do aeródromo de Torres Vedras), seria apresentado pelo deputado socialista Pedro Coelho, e muita gente não deixou de pensar com tristeza no à-vontade com que o PS fala destas coisas, como se não tivesse responsabilidades nenhumas no assunto.

Seja como for, a votação do protesto contra Maximino Serra seria, a requerimento do PSD, que pretende estudar melhor o caso, transferida para a próxima sessão.

O QUE É ISTO?

Praças da GNR apresentaram-se recentemente em duas escolas, uma da Gafanha da Nazaré e outra em Tarouca, inquirindo se aí se estudaria por um livro sobre estudos sociais da autoria de Fins do Lago e Maria José Dinis.

O caso, que veio noticiado nos jornais, seria ontem trazido à Assembleia da República pelo deputado comunista Manuel Gusmão, que com razão o classificou de «verdadeiramente estranho e insólito», tanto mais que o livro foi publicado com toda a normalidade e legalidade há cerca de dois anos, data desde a qual se encontra à venda.

Inquiridos sobre o motivos da sua diligência, a justificação apresentada pelas praças da GNR foi a conhecida: — (de) que cumpriam ordens. Quando se procurou uma explicação mais concreta, nada foi adiantado para além de que a ordem vinha de «alguém» (citou o deputado do PCP) com o rótulo de «confidencial».

Atendendo a que «a política do livro único» foi abolida e que o livro em causa não consta de nenhuma lista, publicada no «Diário da República», de instrumentos individuais de trabalho escolar que tivessem sido reprovados, ocorre reagir como as professoras inquiridas («para que é isto?») ou como um dos co-autores do livro («o que é isto?»).

Ainda durante o período antes da ordem do dia foi proferida uma declaração política do grupo parlamentar do PSD cuja tónica fundamental foi a crítica ao programa do actual governo no tocante ao sector agrícola e a reivindicação da aplicação integral da «Lei de Bases Gerais da Reforma Agrária».

CRIMES DE IMPRENSA

Já no período da ordem do dia, a Assembleia da República aprovou ontem por maioria (PS, PCP, CDS e dois independentes), na especialidade e na generalidade, um projecto de lei do grupo parlamentar socialista que visa reforçar a celeridade no processamento de crimes de Imprensa, quando várias e sucessivas infracções desta natureza foram atribuídas ao mesmo autor.

A nova lei sobre o regime processual dos crimes de Imprensa põe cobro aos expedientes dilatórios que têm impedido que os processos-crime de Imprensa sejam ultimados com a prontidão desejada, acabando com a aplicação da regra da apensação, que tem redundado num injustificado retardamento do julgamento de crimes reiterados de abuso de liberdade de Imprensa.

O projecto de lei aprovado, preconizando o processamento em separado de cada crime de Imprensa, poderá contribuir para que sejam julgados e punidos em devido tempo os prevaricadores.

O grupo parlamentar «social-democrata» votou contra, apresentando argumentos de ordem técnico-jurídica.

Ainda na sessão de ontem, o PCP fez a apresentação de um seu projecto sobre «amnistia das ocupações efectuadas após o 25 de Abril de 1974 e respectiva legislação».

Apresentando o projecto do seu partido, Alda Nogueira referiria as condições em que tiveram lugar as ocupações de fogos habitacionais no nosso país — «por um lado um parque habitacional manifestamente insuficiente quer no que respeita ao número de casas quer no que respeita às condições de habitação de grande número destas e, por outro lado, milhares de casas com condições de habitação que não se encontravam utilizadas» — e concluiria pela necessidade de pôr cobro à vaga de despejos a que quotidianamente temos vindo a assistir, «expressão gritante da inadequação da política governamental ao cumprimento dos imperativos constitucionais no domínio do direito à habitação».

O novo projecto do grupo parlamentar comunista, que irá ser discutido numa das próximas sessões plenárias da Assembleia da República, visa amnistiar as ocupações de fogos devolutos feitas após 14 de Abril de 1975, data da entrada em vigor do decreto-lei 198/A/75, que declarou criminalmente puníveis e insusceptíveis de regularização as ocupações posteriores à data da publicação daquele diploma.

E.S.

Maximino Serra em liberdade

Maximino Serra, o antifascista envolvido no assalto (em 1961) ao quartel do R13 de Beja que dera entrada na Penitenciária de Lisboa por haver sido condenado como réu revel num processo de «abuso de confiança» e «emigração clandestina», foi posto em liberdade e assim aguardará a repetição do julgamento.

A decisão de conceder-lhe liberdade condicional sob fiança é do juiz adjunto da comarca de Torres Vedras, a requerimento do patrono de Maximino Serra, dr. Afonso Baptista de Carvalho, que aliás considera as acusações totalmente amnistiadas pelo Decreto n.º 259/74, de 15 de Junho.

Recorda-se que Maximino Serra fugira do País em 1964 numa vioneta do Aeroclube de Torres Vedras.

FOLHA OFICIAL

No «Diário da República», 1.ª série, n.º 40, foi publicada a seguinte legislação:

....**Presidência do Conselho de Ministros**: Despacho Normativo n.º 47/78: De delegação do Primeiro-Ministro no ministro do Trabalho da competência que por lei lhe é atribuída relativamente à Secretaria de Estado da População e Emprego. Despacho Normativo n.º 48/78: De delegação do Primeiro-Ministro no ministro da Reforma Administrativa da competência que por lei lhe é atribuída relativamente à Secretaria de Estado da Administração Pública. Despacho Normativo n.º 49/78: De delegação do Primeiro-Ministro no ministro da Habitação e Obras Públicas da competência que por lei lhe é atribuída relativamente à Secretaria de Estado do Ambiente. Declaração: De ter sido rectificado o Decreto-Lei n.º 529/77, publicado no «Diário da República», 1.ª série, n.º 301, de 30 de Dezembro de 1977.

Ministérios das Finanças, da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo: Despacho Normativo n.º 50/78: Fixa os subsídios a atribuir ao leite em pó empacotado nos Açores.

Ministérios das Finanças e do Comércio e Turismo: Portaria n.º 93/78: Fixa os preços da semente de soja para a produção do respectivo óleo destinado à indústria de conservas de peixe.

Ministério dos Negócios Estrangeiros: Avisos: Torna público terem os Governos de Portugal e da Espanha celebrado um acordo, por troca de notas, sobre a abolição recíproca das taxas de residência. Torna pública a celebração de um acordo, por troca de notas, entre os Governos de Portugal e da Suécia, pelo qual é posto à disposição de Portugal um donativo de 10 milhões de coroas.

Ministério da Agricultura e Pescas: Portaria n.º 94/78: Reforma a Portaria n.º 301/76, de 15 de Maio, relativamente aos prédios Herdade do Airoso e Courela do Airoso.

Ministério do Comércio e Turismo: Portaria n.º 95/78: Torna obrigatória a afixação de preços dos bens destinados à venda a retalho e da prestação de serviços.

Ministério dos Assuntos Sociais: Portaria n.º 96/78: Cria a Administração Dsitrital dos Serviços de Saúde do Porto.

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o
HOJE MESMO
(indique um só curso)

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CULTURA GERAL
☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

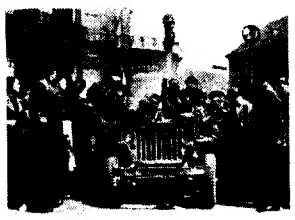
GRÁTIS

DL/10

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

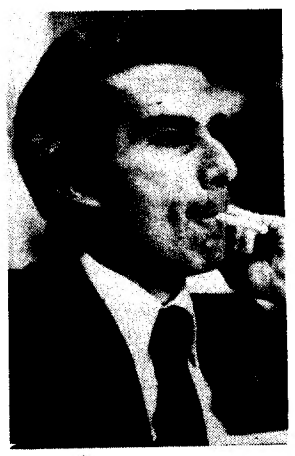
cec Álvaro Torrão ★ Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

ponto a ponto



A Associação Portugal-Checoslováquia inicia no próximo domingo, pelas 16 horas, na sua sede, as comemorações do «Fevereiro Vitorioso», efeméride que assinala o levantamento popular que em 1948 ocorreu no sentido de travar o passo à reacção que pretendia inverter o processo revolucionário que encaminhava o país para o socialismo.

Num grande comício político promovido ontem à noite em Paris o secretário-geral do PCF, George Marchais, citou o que aconteceu com os governos socialistas de Portugal, Grã-Bretanha e RFA em apoio do seu argumento de que os trabalhadores franceses não poderão confiar apenas no PSF para protegerem os seus interesses. «Olhai para a Europa. Os governos socialistas de Mário Soares, Callaghan e Schmidt deixaram o grande capital ser todo-poderoso» — disse Marchais.



«Não há que pensar em hipóteses de regresso ou em congressos extraordinários. O meu afastamento da direcção do PSD é irreversível» — disse Sá Carneiro a um matutino portuense. Estas declarações (e a «oportunidade» da entrevista) surgem no momento em que se intensificam as pressões das bases nortenhas do PSD no sentido de forçar ao regresso do «chefe».

Medeiros Ferreira, que se encontra em Genebra, proferiu ontem uma conferência na Universidade local sobre «Portugal e a integração europeia». O ex-titular do MNE participará hoje num colóquio sobre a nova ordem económica europeia promovido pela Faculdade de Ciências Económicas daquela universidade.

Aires Rodrigues e Carmelin, da Pereira, deputados independentes e dissidentes do PS, foram a «surpresa» na votação do Programa do Governo. Os dois explicam porque votaram contra as propostas de rejeição apresentadas pelo PSD e pelo PCP: no primeiro caso porque ela «não procurava evitar que o Governo passasse»; no segundo porque «não era uma verdadeira moção de rejeição ao Governo». Os dois deputados reafirmam no entanto a sua oposição a este Governo.

Ao contrário do que anunciávamos na nossa edição de ontem, não foi ontem, é hoje. Em Évora, a sessão de esclarecimento do núcleo local do Conselho Português para a Paz e Cooperação. A sessão é à noite no Palácio D. Manuel, e deve estar presente o general na reserva Francisco da Costa Gomes.

ESTRUTURAR A SAÚDE

A. TITO DE MORAIS

Ao pensarmos numa estruturação da Saúde Pública em Portugal é-nos indispensável considerar um certo número de factores básicos aos quais tal estruturação está intimamente ligada. Entre eles salientaremos:

a) o facto da Saúde Pública ser, para poder verdadeiramente promover e conservar a Saúde da Comunidade, um conceito socialista, isto é, uma actividade que se destina a todos os membros da sociedade, sem distinções, discriminações ou excepções. Uma autêntica, completa e eficiente acção da Saúde Pública não pode ser efectivada sem ser dirigida, em todos os seus aspectos, a todos os membros da comunidade. A sua estruturação, tendo em vista somente as camadas sociais economicamente desprivilegiadas, constitui um abastardamento do conceito e conduz à sua ineficácia;

b) a Saúde Pública está indissoluvelmente ligada a todos os problemas socioeconómicos e educativos da sociedade. Não pode, por isso, progredir isoladamente, sem ser acompanhada por um progresso, a par e passo, dos níveis económicos, sociais e educativos da comunidade. A avançar isoladamente, acaba por se ver perante um «muro de pedra», constituindo pela reacção da iniciativa privada, que vê nela uma ameaça às suas prerrogativas e às suas fontes de receita económica;

c) a Saúde Pública constitui um todo indivisível e, por isso, não podemos considerar a sua estruturação dirigida com qualquer predomínio, quer para aspectos curativos, quer preventivos, quer reabilitativos. Numa estruturação eficiente e completa da Saúde Pública todos os seus métodos devem estar integrados e ser aplicados simultâneamente e em função dos problemas sanitários que se confrontam.

Postos estes considerandos é fácil verificar-se, que, em Portugal, ainda sujeito a um regime capitalista, a estruturação da Saúde Pública será imcompleta e, se o sistema governativo não mudar, acabará por ser ineficiente.

Portugal, tal como se apresenta hoje em dia, não tem ainda as condições indispensáveis à estruturação de uma Saúde Pública eficiente. Tudo o que se faça neste campo terá de ser considerado provisório e com o cuidado de não esquecer que o é, para não cairmos no erro de nos preocuparmos mais com os métodos que com os objectivos, esquecendo estes: a disseminação, em quantidade e qualidade, dos métodos de promoção e conservação da Saúde a **toda a população sem excepções**.

Poderemos aceitar, provisoriamente, uma execução de programas, progressivamente mais latos, de aplicação dos métodos da Saúde Pública para fazer face às necessidades mais prementes da população, mas é fundamental que não deixemos socializar os trabalhadores de Saúde, a coberto de um conceito falso de Saúde Pública, sem que se verifique, simultaneamente, a socialização de todos os sectores da actividade da Nação.

A estruturação da Saúde Pública em Portugal, está pois totalmente dependente da opção política que o Povo tomar ao escolher o tipo de sociedade em que quer viver — capitalista ou socialista.

Só haverá em Portugal uma autêntica Saúde Pública quando Portugal for um País socialista ou para lá caminhar abertamente.

Não devemos pensar que os Serviços de Saúde Pública concentrem as suas actividades no saneamento geral do meio ambiente, ou nos aspectos curativos ou nos profiláticos. A existência de prioridades fundamentais poderá justificar a concentração dos métodos num ou noutro campo, mas tal não deve ser feito sem que todos os aspectos respeitantes à Saúde Pública sejam simultaneamente considerados, para execução dentro de um período o mais breve possível. A concentração num ou noutro método da Saúde Pública tem o perigo de, pelos bons resultados obtidos, que são sempre possíveis, virmos a esquecer que há outros métodos indispensáveis à execução de um programa completo e eficiente.

Tal como a Saúde Pública está intimamente ligada aos outros aspectos da vida de uma sociedade, também os seus métodos estão intimamente ligados uns aos outros e o progresso de qualquer um é impossível sem o progresso dos outros.

Não podemos esquecer o que é a Saúde.

Vemos a Saúde como um conceito POSITIVO de equilíbrio geral, fisiológico, social, económico e educacional, e não como um conceito NEGATIVO de ausência de doença.

Para haver Saúde é necessário e indispensável haver um bom ambiente familiar, habitacional, escolar, no trabalho, no recreio e repouso. Tal só se pode obter se todos estes aspectos forem considerados simultaneamente.

Sanear o meio em ar, água, luz, som, transportes, etc., sem que ao mesmo tempo melhoremos as relações familiares e sociais; os tipos de habitação,

Continua na pág. 4

política de A a Z

UNANIMIDADE

Dos diversos ramos da Resistência — o republicano, o dos antifascistas sem filiação partidária, o dos libertários, o comunista — o Campo de Concentração do Tarrafal tornou-se um símbolo. E do conjunto das vítimas da opressão política e estatisticamente, são, os do Tarrafal, uma significativa amostra. E lição. Unidos no martírio e na morte, os que andaram separados pela ideologia e pela estratégia política. Hoje, lado a lado, como estiveram no Campo da Morte Lenta, um Alfredo Caldeira e um Arnaldo Simões Januário, um Bento Gonçalves e um Mário Castelhano.

Dessa unidade perante o adversário brutal e perseguidor terá resultado que os deputados que escutaram ontem um dos deportados do Tarrafal, se tenham erguido, à voz do antifascista Vasco da Gama Fernandes, numa atitude unânime de homenagem às vítimas do fascismo.

Essa unanimidade deverá ser registada como um reconhecimento moral e político do carácter criminoso do fascismo. O Presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, recordando que o fascismo anda na rua e recupera posições, disse: «temos o dever de pensar a sério neste problema.»

Tem razão. A unanimidade dos deputados da Assembleia da República não se manterá, bem o sabemos, quando da evocação comovida das vítimas de ontem, lhe propusermos que passem à condenação enérgica, e à prevenção diligente, da recuperação fascista e reaccionária.

Reconhecemos que é importante que em torno das vítimas do Tarrafal se crie uma atmosfera respeitosa de homenagem, mas consideramos indispensável que se não fique por aqui. Com ou sem unanimidade, com ou sem luta e disputa, é preciso que as condições para que a tirania fascista não regresse sejam criadas por uma prática política generosa, aberta, conciliatória, mas rigorosa, vigilante e combativa.

Só se adquirem vitórias nas batalhas que prosseguem até à criação de novas condições históricas. A vitória sobre o fascismo terá de ser: vitória na institucionalização da Democracia, vitória na construção de um «País novo».

AS REINTEGRAÇÕES

São de Raul Rego as palavras de crítica e de condenação que passamos a transcrever: «mal vai o regime que se quer estruturar com as hierarquias do sistema que combateu e confiar nos fiéis servidores de quem, durante meio século, se não importou com os direitos humanos ou cívicos dos portugueses». Tem razão. Ninguém pretende ressuscitar o clima asfixiante e a obsessão persecutória da época salazarista. Mas considera-se não só imprudente, como desmoralizador, o que se passa em matéria de reintegrações, de retroactivos, de promoções.

Mais uma vez anotamos: o Conselho da Revolução dezautoriza-se na sua função constitucional e quanto ao mandato revolucionário que se arroga, consentindo que serviços que lhe estão afectos produzam tão nefasto trabalho.

Raul Rego cita três casos, o do dr. Bento Garcia Domingues, que foi professor da Escola da PIDE e subdirector da Censura à Imprensa, agora de novo em funções na Polícia Judiciária; o do dr. António Furtado dos Santos que fora aposentado compulsivamente pelo ministro Salgado Zenha, agora reintegrado como juiz e colocado no Supremo Tribunal de Justiça; o do dr. Arelo Manso, que foi presidente do Tribunal Plenário de Lisboa, agora também colocado como juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Os factos falam por si: a Assembleia da República deve assumir perante este escândalo as suas responsabilidades. O Conselho da Revolução, por razões obscuras, por razões que nos escapam, revelou-se incapaz de defender, neste domínio, a Revolução de Abril e as instituições da Democracia. Por consequência, parece «ter chegado o momento da Assembleia da República constituir uma Comissão de Inquérito que reveja as reintegrações e denuncie perante a opinião pública o grave escândalo de que Raul Rego se limitou a sublinhar três expressivos exemplos.

NOVA OFENSIVA CONTRA O CR

A nota anterior levanta um problema da maior gravidade e não evita a necessária referência à falta de critério dos serviços que do assunto se têm ocupado e que dependem do Conselho da Revolução, mas não pode ser interpretada como uma pedra lançada às águas turvas da nova ofensiva contra o Conselho da Revolução, ou contra alguns Conselheiros da Revolução a pretexto de uma reunião político-militar ou social em Miraflores.

De quando em vez, e ao que parece surpreendendo os próprios Conselheiros da Revolução, os profissionais da intriga e da intoxicação lançam, recorrendo a diferentes suportes publicitários, um novo golpe desestabilizador. Desta vez é evidente o propósito de envenenar as relações entre **alguns** Conselheiros e o Presidente da República. Como vem sendo habitual um dos Conselheiros alvejados é o «capitão de Abril» Vasco Lourenço.

Os intriguistas e intoxicadores têm as suas razões. E não se enganam. Para a escalada da «direita», o general Vasco Lourenço é um obstáculo.

NOVA OFENSIVA NO MNE

Os reaccionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros, os fiéis servidores da diplomacia isolacionista de Salazar e de Caetano, a pretexto de defenderem os interesses, dignidade e especificidade profissional da «carreira», retomaram a ofensiva lançada quando Medeiros Ferreira sobraçou a pasta dos Estrangeiros e apenas suspensa na interinidade assegurada por Mário Soares. Os da «carreira» pretendem o afastamento dos «embaixadores políticos».

Com Sá Machado, do CDS, no Palácio das Necessidades, consideram os da «carreira» que era oportuno passarem da palaciana intriga à agitação jornalística. E «O Dia», e o «Tempo», logo se fizeram eco das reivindicações e aspirações depuradoras desses senhores da «carreira» cuja competência (salvo excepções) e a dedicação (excepções ressalvadas) deixa, como é público e notório, muito a desejar.

Para muitos a «carreira» é um modo de vida e uma negociata. Se as «malas diplomáticas» falassem tinham muito que contar...

E quanto a «embaixadores políticos» teremos conversado. Os distintos (e indistintos) funcionários da «carreira» foram os «embaixadores políticos» de Salazar.

AOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PUBLICA DA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL, REGIONAL E LOCAL

Negociações da PRC: entrevista com o ministro da Reforma Administrativa

A Comissão Negociadora mandatada pelas 22 Direcções Sindicais representativas dos trabalhadores da Função Pública da Administração Central, Regional e Local foi hoje de manhã recebida pelo ministro da Reforma Administrativa.

Foram as seguintes as exposições expressas por aquele membro do Governo relativamente à Proposta Reivindicativa Comum (P.R.C.) apresentada pelos Sindicatos ao anterior Governo em Novembro de 1977:

a) **NEGOCIAÇÃO DA P.R.C.:** Aceitação dos princípios e mecanismos formais de negociação já acordados com o 1.º Governo Constitucional com alargamento do órgão negociador por parte do Governo que deverá doravante integrar também o Director Geral do Serviço Central de Pessoal e o chefe do gabinete do ministro.

b) **LEI DE BASES:** O Ministério terá a sua posição definida no prazo máximo de um mês, não pondo no entanto obstáculo à entrega imediata aos Sindicatos do Projecto de Lei de Bases elaborado pelo anterior Governo, a título de «mero estudo preliminar não vinculativo do actual Governo».

c) **QUESTÃO SALARIAL:** Só dentro de 8 dias será transmitida aos Sindicatos a posição do actual Governo relativamente às reivindicações dos T.F.P. constantes da proposta sindical, estando a decorrer contactos com os responsáveis pelo Ministério das Finanças no sentido de conseguir a alteração da proposta do anterior Governo quanto ao montante a destinar no O.G.E. a aumentos salariais da Função Pública.

d) **OUTROS PONTOS DA P.R.C.:** Afigura-se possível avançar de imediato na sua discussão, nomeadamente em relação a garantias sindicais, regime do trabalhador-estudante e vigência inconstitucional do Estatuto Disciplinar Fascista. No que respeita à cobrança da quotização sindical através dos Serviços, de acordo com o estipulado na Lei 57/77, declarou não ver inconveniente e sugeriu que lhes fossem apresentadas propostas concretas. Quanto aos direitos e garantias dos dirigentes e delegados sindicais mostrou-se disposto a discutir o assunto, encarando a possibilidade de preparação de um instrumento legal adequado que os assegure eficazmente. A finalizar a entrevista propôs a realização de uma reunião de negociações na próxima semana e manifestou ainda interesse em ser directamente informado pelos Sindicatos de eventuais atropelos ou restrições à liberdade de actuação sindical na Função Pública.

Analisadas as posições assumidas pelo ministro, as Direcções Sindicais reunidas à tarde em Plenário decidiram:

1. Considerar o prazo de um mês como limite máximo para a entrega pelo actual Governo do Projecto de Lei de Bases aos Sindicatos.
2. Reafirmar que a P.R.C., sem prejuízo do tratamento parcial dos seus diversos pontos segundo prioridades e calendários diferentes, é um todo a negociar como globalidade.
3. Reafirmar a sua exigência de que as negociações se processem na base dos valores salariais reivindicados pelos trabalhadores.
4. Mandatar a Comissão Negociadora para elaborar as propostas concretas cuja apresentação foi sugerida pelo ministro.
5. Propor a realização da próxima reunião de negociações para 2.ª-feira, dia 20.
6. Marcar novo Plenário de Direcções Sindicais para a tarde desse mesmo dia 20 a fim de analisar as medidas a tomar face à posição do Governo em relação às nossas reivindicações salariais.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1978

As Direcções dos Sindicatos

TRABALHADORES DA FUNÇÃO PUBLICA DA ZONA SUL
TRABALHADORES DA FUNÇÃO PUBLICA DA ZONA CENTRO
TRABALHADORES DA FUNÇÃO PUBLICA DA ZONA NORTE
TRABALHADORES DA FUNÇÃO PUBLICA DA REGIÃO DA MADEIRA
TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL (STAL)
TRABALHADORES DAS FEDERAÇÕES DOS MUNICÍPIOS
PROFESSORES DA ZONA NORTE
PROFESSORES DA ZONA CENTRO
PROFESSORES DA GRANDE LISBOA
DOS ENFERMEIROS DA ZONA NORTE
DOS ENFERMEIROS DA ZONA CENTRO
DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL
PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DO FUNCHAL
TRABALHADORES JUDICIAIS DO DISTRITO DE COIMBRA
TRABALHADORES JUDICIAIS DO DISTRITO DO PORTO
TRABALHADORES JUDICIAIS DO DISTRITO DE LISBOA
TRABALHADORES JUDICIAIS DO DISTRITO DE EVORA
NACIONAL DOS TRABALHADORES DAS ADMINISTRAÇÕES E JUNTAS PORTUARIAS
NACIONAL DOS CONSTRUTORES CIVIS
NACIONAL DOS AGENTES TECNICOS AGRÍCOLAS
ENGENHEIROS TECNICOS DA ZONA NORTE
ENGENHEIROS TECNICOS DA ZONA SUL

ALEGRETE
SALDA
ÚLTIMOS DIAS
10.000 HANORAKES ACOLCHOADOS
PARA HOMEM E CRIANÇA
- A BAIXOS PREÇOS -
VENHA VER
— ESTAMOS NO CENTRO DA BAIXA —
POÇO DO BORRATÉM, 10 a 18 — LISBOA

ANDRADE DA SILVA EM TRIBUNAL

"Brigadeiro Azeredo sabia que eu corria perigo"

«O próprio brigadeiro Carlos Azeredo, então governador militar da Madeira, considerou que a minha vida corria ali sérios riscos», afirmou o capitão Andrade e Silva ao depor perante os juízes do 3.º Tribunal Militar, em Santa Clara, onde ontem à tarde começou a ser julgado sob a acusação de homicídio voluntário prè-intencional, com base num polémico processo elaborado pelo promotor de Justiça daquele executivo. Seria, aliás, o brigadeiro Carlos Azeredo, quem desde o início consideraria a atitude do capitão Andrade e Silva de legítima defesa, ilibando-o de toda a responsabilidade criminal na morte de um membro importante do grupo de marginais conhecido por «Quadrilha Real à Solta».

Durante o seu depoimento perante o tribunal presidido pelo coronel da Força Aérea João da Cruz Novo, ladeado pelo juiz auditor dr. Gonçalves Pereira e pelo juiz vogal militar coronel de Infantaria Machado de Castro, o capitão Andrade e Silva, que referiu ter sido ameaçado várias vezes após a sua chegada ao arquipélago, defenderia a hipótese de que a provocação montada nessa madrugada de 18 de Abril de 1976, no bar «Avião Novo», estaria perfeitamente integrada no ambiente de coacção psicológica e física que as forças mais reaccionárias da Madeira tentaram criar à sua volta, de forma a obrigá-lo a voltar ao continente.

Andrade e Silva recordaria como tentara esgotar todos os meios de persuasão ao seu alcance na tentativa de levar o grupo de provocadores á não persistirem na sua tentativa de agressão. «Só disparei porque senti que tinha a vida em perigo. E mesmo assim fi-lo de forma reflexa e sem qualquer intenção de matar», frisou.

CONHECER A VIDA: ÓRFÃO DE PAI AOS CATORZE ANOS

Goucha Soares, patrono de Andrade e Silva, faria uma longa intervenção, baseada sobretudo em estudos exaustivos de autoridades em balística e em medicina legal, procurando demonstrar que o seu constituinte disparou em direcção a uma região pouco crítica do agressor, atingindo-o na zona do abdómen, a qual, segundo salientou, «só em casos muito raros é fatal, mesmo em situações de deficiente assistência médica como as ocorridas, por exemplo com feridos em campanha na guerra colonial».

Seguir-se-iam depois os depoimentos de três testemunhas de defesa: major Brissos de Carvalho, ex-governador civil de Beja, eng. Acácio Monteiro alferes, vereador da Câmara Municipal de Beja e Vítor Quadrado, membro da Unidade Colectiva de Produção «23 de Setembro», de Redondo, e dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évora.

Para Brissos de Carvalho, Andrade e Silva, com a sua vivacidade e ânsia de justiça social, representou bem o espírito do MFA, tudo fazendo na sua qualidade de membro do Movimento dos Capitães no distrito de Évora, para que o espírito do 25 de Abril tivesse aplicação prática em terras alentejanas. «Toda a sua prática foi correcta, consciente, deixando em cada rural um amigo», diria Brissos de Carvalho, que como participante na malograda intentona de Beja, conheceu durante anos o martírio das prisões salazaristas.

«Antes de conhecer pessoalmente o capitão Andrade e Silva, já o conhecia através do relato apaixonado dos camponeses que viam nele um companheiro de ideal, um militar profundamente empenhado em acabar com a exploração. Por tudo isso ele jamais será esquecido pelo povo alentejano», frisaria o eng. Acácio Monteiro, que recordou o momento em que a sua mulher, professora de profissão, lhe perguntara um dia: «Sabes quem é esse capitão Andrade e Silva que é um verdadeiro herói para as crianças da escola?»

Quanto a Vítor Quadrado focou as jornadas de luta travadas pela consolidação das unidades colectivas de produção e das cooperativas agrícolas no Redondo, Montemor e Viana, em que o capitão Andrade e Silva participara sempre «de forma entusiástica e activa».

Até porque Andrade e Silva sabe, por experiência, o que é a dura luta pela sobrevivência: órfão de pai aos 14 anos teve de viver durante anos com a sua mãe, a quem fora atribuída uma pensão mensal de 90 escudos. Por isso ele não hesitou em colocar-se ao lado dos explorados. Por isso a direita o tem como seu inimigo, como adversário a temer, por isso ele, capitão de Abril, se encontra neste momento sentado no banco dos réus, enquanto bombistas nascidos como tal qual ele na Madeira (entre os quais se encontram possivelmente alguns dos agressores do «Avião Novo» se pavoneiam pelas principais avenidas do Funchal.

CARLOS FABIÃO COMO TESTEMUNHA DE DEFESA

«Mandaram-me para a Madeira depois do 25 de Novembro contra a minha vontade. Porque eu sabia que ir para a Madeira era criar problemas e disse-o ao chefe do Estado-Maior do Exército», teria ainda oportunidade de revelar o capitão Andrade e Silva, face aos juízes do STM e perante a numerosa assistência que enchia por completo a sala da audiências, entre a qual se divisavam numerosos capitães de Abril, como Dinis de Almeida, Almada Contreiras, Faria Paulino, Tomé e Durant Clemente.

Entretanto, para a próxima sessão do julgamento que ficou marcada para terça-feira, pelas 14 horas, encontram-se convocados para deporem como testemunhas de defesa, entre outros, o coronel Carlos Fabião e o major Pinto Soares, estando, por outro lado, segundo nos informou o dr. Goucha Soares, praticamente posta de parte a hipótese, há dias ventilada, de algumas audiências do pleito poderem vir a ter lugar na Madeira. «Acontece mesmo que já convocámos para Lisboa as nossas testemunhas de defesa», revelaria a finalizar aquele causídico.

Estruturar a Saúde

Continuação da pág 3

urbano e rural, as cidades, vilas e aldeias em que o Povo vive; o tipo de ensino e as escolas e faculdades em que é ministrado; os locais de trabalho e as condições e os meios com que é executado; os locais de recreio e o seu acesso, qualidade e quantidade; será deitar água num poço sem fundo. Tratar doentes sem prevenir a doença será garantir um trabalho sem fim e uma luta inglória.

Tratar doentes sem os reabilitar e reeducar, para voltarem a ter o seu lugar na sociedade como elementos úteis, é fechar os olhos à criação de parasitas involuntários da sociedade.

Não.

Só temporariamente.

Só excepcionalmente, poderemos aceitar a concentração das actividades da Saúde Pública num ou noutro aspecto das suas múltiplas funções.

"Comando Antifascista" reivindica destruição da estátua de Salazar

Um denominado «Grupo Antifascista de Resistência de Santa Comba Dão» reivindica a recente destruição, à bomba, da estátua do ditador Salazar.

Através de um telefonema para a Redacção do «Diário de Lisboa», cerca da meia-noite e dez, um elemento não identificado, afirmando-se, porta-voz daquele grupo, reivindicou a acção dizendo que esta se justificava «perante as manobras dos fascistas no sentido de recolocarem a cabeça do ditador e perante a cumplicidade do Governo ao protelar a permanência da estátua». Sendo assim, o Grupo Antifascista de Resistência de Santa Comba Dão decidira «reduzir a estátua a pó».

O porta-voz do grupo, que lia rapidamente pelo telefone um comunicado, prosseguiu com uma advertência: «Que isto fique como um aviso do que pode acontecer a todos os fascistas vivos, de Santa Comba Dão ou não, que continuarem com as suas provocações contra os democratas».

Entretanto, notícias veiculadas pela agência ANOP davam conta de que durante a manhã de ontem «muitos populares procederam à recolha dos estilhaços de bronze da estátua, espalhados um pouco por toda a parte, num raio de algumas dezenas de metros, indo depositá-los junto ao pedestal, na praça fronteira ao Palácio da Justiça (de St.ª Comba). Ao mesmo tempo, o local era rodeado de coroas de flores, depostas também por muitos populares».

Segundo a fonte de informação da ANOP (autoridades da vila) o Povo tinha, assim, mantido «a calma e a dignidade, não se registando qualquer distúrbio na sequência da explosão que destruiu a estátua de Salazar».

Morreu o pai de Sá Carneiro

Faleceu ontem, no Porto, com 80 anos, o advogado José Gualberto Sá Carneiro pai de Francisco Sá Carneiro.

O funeral realizou-se hoje de manhã do templo da Trindade para o cemitério de Agramonte.

Além de advogado, o pai de Sá Carneiro, ex-primeira figura do PSD, dirigiu durante muitos anos a «Revista dos Tribunais». O ano passado foi-lhe concedido pela Ordem dos Advogados, o título de advogado honorário.

REDE BOMBISTA

Quando o Ramiro perde a cabeça

. Na 27.ª sessão do julgamento da rede bombista, que decorreu ontem à tarde no 5.º Juízo do TMT, aconteceram várias coisas dignas de relevo. Ao contrário do que sucedera na audiência anterior, houve uma certa agitação e controvérsia. No plenário em si e nos bastidores.

A audiência iniciou-se com uma acareação já anunciada anteontem: dois dos intervenientes no assalto à «Standard Eléctrica», José Carlos Vieira e João Pedro Tavares, devido a certas discrepâncias nas declarações anteriormente prestadas e que deixaram o Tribunal com muitas dúvidas, foram chamados ao «frente a frente». O pomo da questão — e da acareação — situava-se neste pormenor: enquanto o José Carlos Vieira sempre afirmara que a si nenhum homem da PJ do Porto o tentara engrolar com promessas de liberdade imediata para que falasse em nomes ligados à rede bombista, o outro declarante e companheiro de agruras, João Pedro Tavares, o «Marroquino», jurava a pés juntos, embora nada seguro, que o sub-inspector daquela corporação, dr. Lopes Duarte, lhe prometera mundos e fundos para que ele procurasse forma e meios de meter o assalto da «Standard» no imbróglio dos atentados terroristas.

O dr. António Lopes Duarte, sub inspector da Polícia Judiciária do Porto, faz a sua comparência como testemunha. É um homem de aspecto simples, meio calvo, muito atento.

Do que se recorda em relação à matéria dos autos ou fora deles, di-lo sem vacilações, embora num tom cuidadoso — o tom de quem sabe o terreno que pisa. Do que não se lembra, confessa-o sem rebuço nem desvios. Pergunta o juiz auditor.

. — Como desenvolveu a sua actividade neste caso da rede bombista e desde quando?

. — A partir do dia 3 de Fevereiro de 1976, quando numa operação «stop» a Polícia mandou parar um «Lancia-Fulvia», em que viajavam três pessoas. Eu prestava serviço numa brigada externa da PJ que controlava a cidade do Porto na caça à droga, armas, etc. Nesse carro viajavam os srs. José Cruz Ribeiro da Silva, João Pedro Tavares e um sr. Cunha, de Viana do Castelo. O que nos chamou a atenção foi estes senhores identificarem-se com passaportes passados pelo Governo Civil da Covilhã. Ora na Covilhã não há Governo Civil. Na Guarda é que há. Em sequência das suspeitas levantadas, passámos busca ao carro e encontrámos duas armas, duas granadas de mão, uma fita de metralhadora. Claro que mais tarde viemos a suspeitar que se tratava dos assaltantes da «Standard». O que veio a ser confirmado pelo próprio Ribeiro da Silva, que é um homem que gosta de se gabar dos feitos que pratica. Contou-nos muitas coisas, até outros assaltos que dizia terem sido praticados pelo grupo do José Vieira, do caso dos dólares falsos. A certa altura, decidiu falar-me de bombas. Fiquei espantado. Era um assunto em que eu nunca tinha pensado, o meu serviço não era este. Naturalmente que dei parte ao meu superior hierárquico, que resolveu que devíamos investigar sobre as declarações do Ribeiro da Silva, as únicas que possuíamos neste domínio das bombas.

O dr. Lopes Duarte recorda como o Ribeiro da Silva, depois duma estada em Caxias, a contas com a PJ de Lisboa, se tornou mais reticente, ele, que falava por catorze. Por fim, não queria mesmo assinar os autos onde tinha comprometido muita gente implicada na rede bombista. A certa altura confessaria ao dr. Lopes Duarte que se «encolhia» porque tinha sido ameaçado de morte em Caxias, por um tal Centeio que lhe teria dito, segundo o que descreveu na Judiciária do Porto: «Você está perdido. Com que então foi contar tudo à Polícia do Porto?». Insistiram para que assinasse os autos. Voltou a recusar. E manifestou

Centeio ao Ribeiro da Silva: "Você está perdido!"

mais uma vez os seus medos, com esta frase:

. — Até tenho receio que me ponham veneno na comida, veja lá.

E aqui entra outra personagem da história: Ramiro Moreira. Já preso, Ramiro encontra Ribeiro da Silva nos corredores da PJ do Porto e trava com ele um diálogo que o dr. Lopes. Duarte traduz, na sua parte mais importante, da seguinte maneira:

. — O Ramiro, a dada altura, voltou-se para o Ribeiro da Silva e declarou: «Já abri tudo». (Querendo significar que já confessara tudo).

Ramiro Moreira, ao ouvir as declarações do dr. Lopes Duarte, começa a mostrar algum nervosismo no banco dos réus. E, de súbito, não se contém e quase grita para o subinspector:

— Isso é mentira!

Lopes Duarte volta-se no seu banco de testemunha e enfrenta Ramiro, que na altura em que o presidente do tribunal vai interpelá-lo pela desabrida atitude, a conselho do dr. Soares da Silva levanta-se, pede desculpa, diz que se encontra muito mal disposto e pede para sair por momentos da sala do tribunal, no que é atentido sem mais incidentes. (De qualquer maneira e com o devido respeito, também este humilde cidadão não entende porque razão a merecida admoestação do tribunal foi suspensa.)

Porque logo a seguir ocorreria outro pormenor que seria, por contraste, muito evidenciado. Mantinha o dr. Lopes Duarte o ritmo das suas respostas ao juiz-auditor, procurando recordar outras palavras ouvidas entre o Ramiro e o Ribeiro da Silva, quando se viu abruptamente interrompido e admoestado pelo presidente do tribunal, que verberou num tom duro, «a ligeireza das declarações da testemunha». Repetimos: com o devido respeito, ninguém viu tal **ligeireza**. E com o devido respeito garantimos que, quer na bancada da Imprensa, quer na assistência, preciativo, até que a testemunha chamou a atenção do tribunal para o facto. O presidente limitou-se a mandar reentrar Ramiro Moreira.

Intervalo em aberto, para que a testemunha repouse. Eram as quase sete do fim de dia. Mas antes do intervalo, o dr. Lopes Duarte falou da gravação do Ramiro Moreira. Entrou em pormenores. Afirmou que, em dado momento, quando na Judiciária do Porto lhe fizeram ver, sobre a confissão da fita gravada, que havia que lamentar, para além do mais, os tantos mortos das jornadas terroristas, R. Moreira comentaria:

. — Tantos mortos, não. Uns dois ou três. Os cubanos... p... que os pariu.

Referia-se, naturalmente, aos mortos da Embaixada de Cuba, segundo confirmou o dr. Lopes Duarte.

Voltou-se à segunda acareacção do dia. De um lado, um trabalhador honesto duma corporação prestigiada. Do outro, três marginais: José Carlos Vieira, João Pedro Tavares, o «Marroquino» e Bouça Areal, todos já condenados pelo assalto à «Standard». Em desvantagem, o dr. Lopes Duarte, visto que o trâmite legal e jurídico da acareação não lhe permitia intervir sobre as «bocas» humilhantes do Bouça Areal e do «Marroquino».

Não se trata de pormos em causa o mecanismo do tribunal. A discussão travada sobre o assunto entre a acusação e a defesa, também não nos esclareceu muito. Mas pode — e deve — colocar-se uma questão de fundo moral que atinge as estruturas, não da jurisdição, e sim duma sociedade qualificada. E por mais códigos que se manuseiem, e por mais interpretações evidentes que se arranquem aos cardápios da lei, e por mais argumentos com que se justifiquem determinados meios, para atingir determinados fins (mesmo que estes sejam os da verdade e da justiça, e até por o serem), pensa um humilde cidadão que há que ressalvar, sobretudo, a dignidade das instituições das pessoas que as servem e, logo, da sociedade de que somos parte. E nunca, parece-nos, o contrário estará bem.

Hoje, a audiência (a 28.ª), inicia-se à hora do costume, ainda com a presença do dr. Lopes Duarte.

JOSUÉ DA SILVA

Reabilitação de deficientes é tema de próximo Encontro Nacional

. Com o objectivo de discutir a dinamização do movimento de deficientes realizou-se no passado dia 11 uma reunião da Associação Portuguesa de Deficientes nas instalações do núcleo de Cascais, com a participação dos núcleos deste concelho e do Porto, da Direcção Executiva de Lisboa e dum representante do Movimento de Apoio ao Diminuído Intelectual (MADI). Foi decidida a realização de um I Encontro Nacional sobre a Reabilitação de Deficientes no próximo mês de Maio em Lisboa e de um congresso sobre Barreiras Arquitecturais, provavelmente em Novembro, na vila de Cascais.

Após discussão de problemas administrativas e financeiros e da implantação da APD a nível nacional, ficou decidido continuar periodicamente com este tipo de reuniões, alargadas a instituições de/para deficientes já filiadas na APD.

AS NOTAS FALSAS DE MOÇAMBIQUE

Provadas as acusações contra os nove arguidos

. À hora de entrada do nosso jornal em circulação estava a ser lida, no tribunal de Santo Tirso, a sentença do julgamento dos 16 réus implicados no caso de falsificação de moedas da República Popular de Moçambique, que precisamente há um mês se iniciou naquele tribunal.

De acordo com a resposta aos quesitos, o júri do tribunal considerou, aonteontem, provadas as acusações que recaíam sobre 9 dos arguidos. São eles: Henrique Silva, Luís Benigno, Fernando Miranda, Celeste Aguiar, António Pinto, Américo Moreira Pinto, Armando Neves, António Augusto e Ferreira de Castro. Ficou também provado que, contrariamente à tese da defesa, as notas falsas eram perfeitas e podiam entrar no circuito monetário da República Popular de Moçambique. O dinheiro falsificado atintiu o montante de 110 mil contos.

Durante a audiência de ontem, o delegado do Ministério Público dr. Assunção Barbosa, defendeu, nas alegações finais, a integração do crime no artigo 206.º do Código Penal, o que, a ser aplicado, implicará uma pena de 16 a 20 anos de cadeia. Para a defesa, porém, nem aquele artigo deverá ser aplicado, nem a convenção de Genebra sobre a repressão da moeda falsa, mas antes o artigo 212.º do mesmo Código Penal, cuja pena oscila entre 2 e 8 anos de prisão.

Pub

MANEQUINS USADOS

EM BOM OU MAU ESTADO

COMPRAMOS

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 1721

UM ANDAR VERDADEIRAMENTE SEU!

construções António Guerreiro Lda.

Av. José Elias Garcia, 226 - Queluz

Informações todos os dias, inclusive Sábados e Domingos

952538 e 952361

INSIGNIA AG 01/76

QUELUZ Ocidental

Integrados em zona de grande desenvolvimento, temos à sua disposição andares espaçosos, modernos e funcionais com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas. Se preferir compre um andar já alugado, com um bom rendimento.

Visite-nos e juntos encontraremos uma solução adequada às suas necessidades.

REBOLEIRA Sul

Oferecemos-lhe uma realidade — uma casa para si, com 2 ou 3 assoalhadas, a dois passos de Lisboa.

Mas também possuímos andares já alugados com a garantia de um bom rendimento — uma perspectiva certa para o seu investimento!

e AGORA na PAREDE

(em frente ao Liceu, ex-Colégio dos Maristas, zona de grande desenvolvimento comercial).

Local privilegiado! O mar, a praia e o sol farão da sua vida e da dos seus umas férias permanentes!

Compre já a sua habitação, com 2 ou 3 assoalhadas, óptimos acabamentos e equipada com cozinha de tipo italiano.

Granada explodiu nas mãos de uma criança

FUNCHAL, 17 — Ontem de manhã, no Santo da Serra, José Rodrigues Gouveia, uma criança de 12 anos, encontrou uma granada de instrução militar no sítio da Fajã das Vacas onde presentemente decorrem manobras militares.

Transportou a granada para casa e na cozinha, na presença dos irmãos, desmontou-a. A granada deflagrou atingindo-lhe as mãos, o ventre e o rosto.

Está internado no Hospital distrital do Funchal. O José Gouveia pertence a uma família de nove irmãos e o pai é pedreiro de profissão. A mãe da criança foi ainda atingida pelos estilhaços, embora sem gravidade.

A freguesia do Santo da Serra tem estado em evidência nos últimos dias, pois foi lá que, no passado dia 13, a P. J. prendeu três indivíduos como presumíveis implicados na rede terrorista e bombista. Na altura, foram apanhados explosivos.

Não por azar, é claro, mas por coincidência, a criança atingida faria 13 anos no próximo dia 13.

Carris institui bilhetes pré-comprados

A Carris substituiu as senhas de transporte por bilhetes pré-comprados, que podem ser adquiridos em cadernetas de 20 bilhetes, custando cada caderneta 50 ou 100 escudos.

O lançamento deste sistema de bilhetes, que existirá paralelamente ao passe social, destina-se a habituar o público à prática da compra prévia de bilhetes o que, para além de facilitar o funcionamento das carreiras com cobrador, virá a ser essencial para automatização da cobrança».

De acordo com uma nota da Carris, está previsto que os bilhetes pré-comprados sejam vendidos com desconto em relação às tarifas praticadas nos veículos, o que não aconteça nesta primeira fase de lançamento.

Filgráfica hoje na Junqueira

A FILGRÁFICA/FILESCOLA, aberto até domingo, apresenta hoje um programa dedicado ao Panorama do Cinema de Animação.

Estão previstas as seguintes sessões: 15.00, 18.30 e 20.30 horas «As Pinturas da Toupeira», «Um Copo a Mais» e «Asterix e Cleópatra», às 17.00 e 20.30 «O Submarino Amarelo».

REFORMA AGRÁRIA

Agricultores da Lousã manifestam apoio ao Encontro de Coimbra

«Cada dia se torna mais urgente encontrar solução para a grave situação da lavoura», salienta a direcção da Cooperativa Agrícola do concelho da Lousã num comunicado, no qual manifesta a sua adesão ao Encontro das Organizações da Lavoura e dos Agricultores do Minho, Douro, Trás-os-Montes e Beiras que se realiza no dia 26, em Coimbra.

No documento apontam-se algumas das reivindicações dos agricultores nomeadamente a definição de preços compensadores para os produtos agrícolas, escoamento assegurado, tabelamento dos preços dos adubos, rações sementes e pesticidas e a criação de um seguro agro-pecuário «que nos ponha a coberto dos prejuízos causados pelo mau tempo ou por qualquer praga».

Reconhecendo a necessidade de que «só unidos os agricultores terão mais forças para reclamar os seus direitos» a Cooperativa Agrícola da Lousã considera que o Encontro de Coimbra «é sem dúvida uma grande oportunidade» para se fazerem ouvir.

Assim, decidiu a Cooperativa, com outras organizações como a Casa do Povo e os Conselhos Directivos dos Baldios, convocar os agricultores do concelho da Lousã para uma reunião que terá lugar no próximo domingo, às 14 horas, no edifício do antigo Grémio da Lavoura. Aí será discutida a participação no Encontro de Coimbra.

AGRICULTORES DE COIMBRA EXIGEM INDEMNIZAÇÕES

No âmbito dos preparativos para o Encontro de Coimbra realizou-se nesta cidade uma reunião de agricultores, promovida pelo MARN (Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte) e MAPRU (Movimento Por uma Melhor Previdência Rural).

Foi discutido na reunião o Documento-Base do Encontro tendo os agricultores incidido mais nos pontos referentes à venda dos produtos agrícolas, compra e tabelamento dos factores de produção, créditos à lavoura, seguro agropecuário e indemnizações, assistência técnica e previdência rural.

Os agricultores, presentes na reunião, aprovaram ainda duas moções uma delas de apelo à participação massiva no Encontro e a outra relativa aos subsídios, indemnizações e seguros de culturas exigidos pelos lavradores da zona. Em suma pretende-se que o Estado «dê cumprimento ao artigo 102.º da Constituição criando um seguro de culturas» e que oiça as organizações da Lavoura na sua definição. Entretanto na medida em que esse seguro talvez demore a ser criado os agricultores propõem que lhes sejam concedidos subsídios e indemnizações» para os prejuízos da Lavoura de que não somos responsáveis».

MINISTRO DA AGRICULTURA EMPOSSA DIRECTORES

O ministro da Agricultura e Pescas, dr. Luís Saias, conferiu posse esta tarde ao director regional da Beira Litoral, dr. Vicente da Costa Pinto, ao director regional da Beira interior, dr. Luís Gonçalves Rodrigues, e ao director do Instituto da Qualidade Alimentar, eng. Alberto Nunes Salvador.

Na cerimónia da tomada de posse estiveram presentes cinco secretários de Estado do MAP e alguns funcionários superiores

REUNIÃO COM DIRIGENTES DA JNF NÃO SATISFAZ AGRICULTORES DE MONTALEGRE

Os representantes da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Montalegre foram ontem recebidos pelo vice presidente da Junta Nacional das Frutas, a quem expuseram o problema das oito mil toneladas de batata de semente em riscos de apodrecer.

Da reunião, que tiveram com o dirigente da JNF os agricultores de Montalegre saíram bastante mal impressionados». Uma conversa apressada «por que o eng. Resende tinha de ir almoçar» tendo este referido as dificuldades no escoamento da batata de semente «porque as cooperativas de Aveiro afirmam que não querem batata nacional».

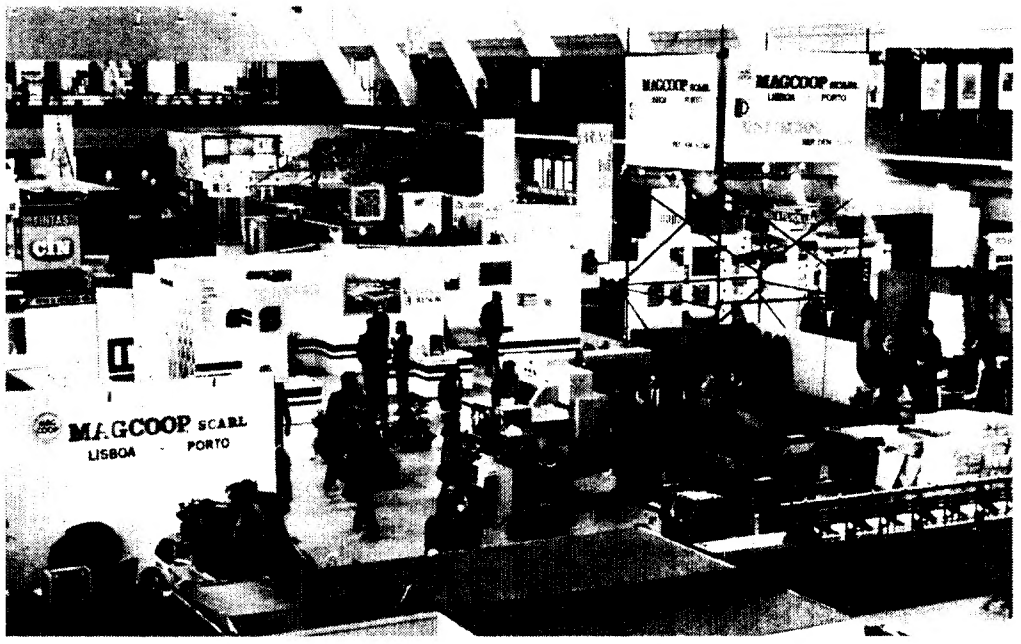
Ao contrário do que sucedeu na JNF os representantes da Liga ficaram satisfeitos pela maneira como decorreu o seu contacto com a Comissão da Agricultura da Assembleia da República. Aqui garantiram que o problema que trouxe os agricultores de Montalegre a Lisboa vai ser apresentado ao ministro do Comércio e Turismo, nestes dias mais próximos.

MAG COOP S.C.A.R.L.

MAGCOOP

Cooperativa de Produção e Comercialização de Máquinas e Artigos Gráficos, S.C.A.R.L.

LISBOA: Av. 24 de Julho, 66 / Telef. 671658 - 671764 PORTO: Rua Monte Alegre, 299 / Telef. 497808



VENDEMOS

- EQUIPAMENTOS FOTOMECÂNICOS
- DUPLICADORES A STENCIL
- DUPLICADORES OFFSET
- MÁQUINAS OFFSET DE ESCRITÓRIO
- MÁQUINAS OFFSET INDUSTRIAL
- ROTATIVAS OFFSET DE BOBINE
- MÁQUINAS DE ENCADERNAÇÃO E ACABAMENTOS
- GUILHOTINAS AUTOMÁTICAS
- CHAPAS PRÉ-SENSIBILIZADAS
- PELÍCULAS GRÁFICAS
- TINTAS OFFSET E OUTROS SECTORES DE IMPRESSÃO

Representantes exclusivos de : UNITECHNA, GmbH.

Máquinas para ARTES GRÁFICAS: Guilhotinas, máquinas de encadernação e acabamento, de coser a fio, dobrar, alceadoras, etc.

COM PRODUTOS QUÍMICOS A BORDO

Navio-tanque alemão encalhado na Ericeira

O navio tanque da Alemanha Federal «Alchimist Emden» que desloca 1599 toneladas brutas encalhou, ontem, cerca das 20 horas, a quatro milhas ao norte da Ericeira, junto da costa portuguesa. O navio sofreu um grande rombo à altura da casa das máquinas. Cerca das 21 e 30, encontrava-se já próximo do local a fragata «Roberto Ivens», da Marinha de Guerra portuguesa que opera em serviço de assistência à navegação marítima e aérea. Às primeiras horas da manhã, um helicóptero «Aluette 3» da base aérea 6 do Montijo, deslocou-se ao local onde o navio encalhou na rocha.

Dos 13 homens que fazem parte da tripulação, sete foram retirados para terra, os restantes, todos de nacionalidade alemã, conjuntamente com o comandante preferiram permanecer a bordo. Contudo, o mau tempo que se tem feito sentir junto da costa portuguesa, com nevoeiro, vento e uma ondulação de cerca de quatro metros tem dificultado as operações de socorro.

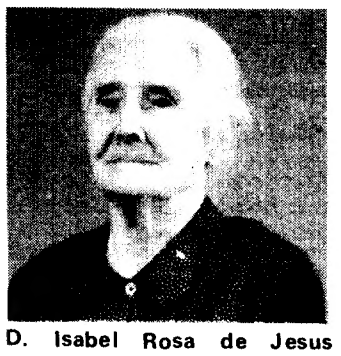
O navio pertence à agência «Schiffahtskontor Nord» com sede em Hamburgo, navega sob pavilhão cipriota e transporta 1500 toneladas de produtos químicos, alguns deles explosivos. O barco viajava de Santander para Huelva.

Ao fim da tarde de hoje são esperados dois representantes da companhia armadora do navio. Além da colaboração dos bombeiros de várias corporações e dos fuzileiros navais, também a Direcção Geral dos Serviços de Fomento Marítimo da Armada tomou medidas contra os possíveis focos de poluição.

Deolindo assaltante agredido a martelo

Deolindo de seu nome, sem profissão que se conheça, com 19 anos de idade, introduziu-se, ontem à tarde numa residência da Calçada de S. Lourenço. A dona da casa acaba por o surpreender escondido debaixo de uma cama. Exige-lhe que saia; o Deolindo recusa-se; a senhora, então pede auxílio a um vizinho que é carpinteiro. Munido do martelo o vizinho carpinteiro intima o estranho assaltante a abandonar a casa. Este além de se recusar nem sequer se digna sair debaixo da cama. Perante o facto, o carpinteiro agride-o com o martelo. Vem um polícia, o Deolindo é transportado para o Hospital de S. José onde ficou internado e o vizinho carpinteiro, por mais estranho que pareça, dá entrada nos calabouços do Governo Civil donde transitará hoje para o Juízo de Instrução Criminal no edifício da PJ.

Em ALHOS VEDROS o DIARIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA



D. Isabel Rosa de Jesus

Um século de vida

«Reinava entre nós D. Luís» quando nasceu em Ovar a dr.ª D. Isabel Rosa de Jesus que hoje festeja o seu 100.º aniversário. Mãe de 3 filhos, avó de 4 netos, entre os quais o nosso companheiro de trabalho Alfredo Cruz, a centenária tem ainda 3 bisnetos e um trineto — neto em terceiro grau muito difícil de conseguir nos tempos que vão correndo.

A memória já não chega para se lembrar dos seus tempos de menina mas ainda anda pelo seu pé, sem se cansar demasiado e come bem e de tudo sem quaisquer problemas.

Com 100 anos de idade está ali para as curvas, disposta a bater o recorde de longividade no País.

Aposentados do QGA

Os funcionários do Quadro Geral de Adidos interessados na aposentação, lê-se em aviso oficial, só beneficiarão dos 25 por cento do Decreto-Lei n.º 294/77 se o requererem até 28 do corrente (caso dos ingressados antes de 1.9.1977) ou no prazo de seis meses contados desde a publicação no «Diário da República» do seu ingresso (caso de ingressos depois daquela data).

"Barronhos" na Comuna

O CIC-Centro de Intervenção Cultural projecta no domingo numa sala da Comuna, à Praça de Espanha, o filme de Luís Rocha «Barronhos: quem teve medo do poder popular». Sessão às 21.30.

EXIGIMOS MUITO AOS NOSSOS CLIENTES PARA QUE ELES POSSAM EXIGIR UM POUCO MAIS DE NÓS.

O QUE SOMOS, QUEM SOMOS, COMO SOMOS.

Formámos equipa em 1968. No ano 10 da nossa actividade sabemos o que ficou para trás: o esforço, o trabalho árduo, o ultrapassar de períodos difíceis, a continuidade. E a consciência de ter feito, muitas vezes, bem. Somos uma equipa de técnicos em publicidade que bombardeia os clientes com perguntas. Exactamente para lhes darmos as melhores respostas.

Acreditamos na Comunicação

A base da nossa "filosofia de trabalho" é acreditarmos no valor da nossa profissão, na necessidade da comunicação:

- A Publicidade é uma questão de homens, e o seu ingrediente é a qualidade humana dos profissionais;
- O nosso produto é a criatividade, criatividade eficaz, que sirva o posicionamento dos produtos e os objectivos dos nossos clientes, criatividade em todos os campos do nosso trabalho;
- Sabemos onde está o consumidor e como comunicarmos com ele, eliminando a sofisticação inútil ou as soluções fáceis;
- Respeitamos as leis do país, as normas éticas do nosso ofício e procuramos jogar um papel importante no meio profissional;
- E utilizamos, naturalmente, algumas regras pois que "as regras não são só para obediência de tolos como para guia dos sensatos".

Quadros Técnicos

Serviço a clientes	10
Criativos	6
Marketing e Documentação	2
Media, Espaço e Tempo	6
Produção	3
Serviços Finan./Administ.	6
Diversos	5
Total	38

Evolução da Facturação

1968	5.000 contos
1972	33.000 contos
1973	44.000 contos
1974	42.000 contos
1976	43.000 contos
1977 (est.)	100.000 contos

Repartição por Meios

	1976	1977 (est.)
*Imprensa	48%	31%
Televisão	41%	61%
Rádio	7%	4%
Exterior	3%	3%
Outros	1%	1%

*Jornais e revistas

PRINCIPAIS CLIENTES

Alimentos – Bebidas – Tabacos

Emp. das Águas Castelo de Vide
Calém & Filhos (Vinho do Porto)
Caves Aliança
Cinzano
Unicer – União Cervejeira EP
F. T. Micaelense
Knorr
Soravil
U. A. Cooperativas da Estremadura
Unicer – D. T. A.

Têxteis – Confecções

S. I. L. (Woolmark) e licenciados portugueses
Santix
Fábrica de Malhas Ameal

Saúde – Higiene – Beleza

Coper
F. Lima
Johnson & Johnson
Ceras Johnson
Ria (Henkel)

Serviços

Banco de Fomento Nacional
Crédito Predial Português
Imprimarte (Pág. Amarelas)
M. do Trabalho
(F. do Desemprego)
F. F. Exportação

Viagens – Cultura – Turismo

British Airways
British Tourist Authority
D. G. Turismo
Celbrasil

Automóveis

Renault
Renault-Veículos Industriais (Saviem/Berliet)

Equipamentos – Prod. Industriais

C. I. N.
Philips
Univac
Vetlima
Comportel
Tagol

Utensílios de Uso Pessoal e Doméstico

Philips
Sado Internacional
Vialga (Parker, Ronson)

A COMUNICAÇÃO NÃO TEM FRONTEIRAS

Somos uma Agência nacional independente na qual as acções estão na posse dos nossos quadros, praticamente desde a nossa implantação. E fomos para a Europa há já vários anos, com muitos benefícios para o nosso trabalho, através do maior Grupo de Agências de Publicidade exclusivamente europeu. As nossas relações são já antigas, sólidas, mutuamente vantajosas, e continuam a desenvolver-se: O Grupo Intermarco – Farner – Publicis está presente em todas as capitais europeias.

Temos ainda um acordo de representação com a Ogilvy Benson & Mather, Grupo americano com Agências na Europa e outros continentes. E acordos especiais de trabalho com as Agências RAPID de Praga e VNESHTORGREKLAMA de Moscovo, Agências estatais para a exportação.

PUB.

Câmara Municipal de Sines

MOÇÃO

A Câmara Municipal de Sines, através da legitimidade que lhe foi conferida pelo voto dos trabalhadores e das classes laboriosas do Concelho, vem manifestar, neste momento singularmente significativo, a sua mais profunda homenagem a todos aqueles que souberam resistir de uma forma ou de outra ao regime político que oprimiu o Povo português durante meio século, e particularmente aos mortos no Campo de Concentração do Tarrafal, cujos restos mortais regressam hoje à Pátria, que com sacrifício da própria vida honram o Povo a que pertencem, e são exemplo de determinação e vontade, a todos aqueles que hoje lutam pela libertação total do Povo português.

Aprovada por unanimidade na Sessão Pública da Câmara, 15.2.78.

Pub

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 29-27 — Telef. 57 40 73
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do art.º 34.º e para os efeitos previstos na alínea e) do art.º 32.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir extraordinariamente no próximo dia 20 de Fevereiro, 2.ª feira, pelas 21 horas, na Voz do Operário, com a seguinte ordem de trabalhos :

Ponto 1. **ANÁLISE E MEDIDAS A TOMAR SOBRE AS INSTALAÇÕES DO SINDICATO**

Ponto 2. **INFORMAÇÕES DIVERSAS**

OBS. 1. De acordo com o art.º 36.º dos Estatutos a Assembleia Geral terá lugar à hora marcada com a presença de qualquer número de sócios;
2. É permitido o ingresso de acompanhantes de associados que poderão assistir aos trabalhos em local para eles reservado,
3. Os sócios deverão munir-se do seu cartão de sócio ou doutro cartão de identificação para o ingresso na sala;
4. Recorda-se que é direito dos sócios «participar na vida do Sindicato, nomeadamente nas reuniões das Assembleias Gerais, requerendo, apresentando, discutindo e votando moções e propostas que entender convenientes» (art.º 13.º alínea b) dos Estatutos.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1978

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
José Manuel de Barros

VÍTIMAS DE DUAS DITADURAS EM MONTALEGRE

Cinco mil pequenos agricultores dependem do preço da batata de semente

Trabalham, trabalham dezasseis horas por dia, sem domingos nem feriados. E agora começam a interrogar-se se «vale a pena?» Isto acontece com os agricultores de Montalegre, povoação esquecida nos confins de Portugal, em terra transmontana. Deles sabe-se que produzem batata de semente e pouco mais. «Sofremos duas ditaduras: a de Salazar e a da família Canedo. O 25 de Abril não chegou a Montalegre. Tivemos conhecimento apenas de que houve um golpe de Estado em Lisboa...» — eis o desabafo de um pequeno produtor de batata de semente. Um dirigente da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores que se deslocou a Lisboa, com outros companheiros, para se avistar com as entidades governamentais. Vêm dizer aos que mandam: que há oito mil toneladas de batata de semente em riscos de apodrecer. Exigem que sejam tomadas medidas, quanto antes. Já em 1975 tiveram um problema semelhante — uma elevada produção que carecia de escoamento — mas nessa altura tudo se resolveu. Em bem. Mandava no País outra gente, vivia-se outro clima, a voz dos trabalhadores do campo e da cidade era escutada com atenção...

Numa conjuntura favorável aos que trabalham nasceu a Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Montalegre: em 75. E desde essa data até agora tem provas dadas da sua eficiência. Hoje os agricultores sentem na Liga uma força, pronta a defendê-los. Ao nomearem-na sua reprentante nas conversações com o Governo, demonstram que confiam nela.

A acção da Liga iniciou-se com a recuperação dos baldios, usurpados, no tempo do fascismo, pelos Serviços Florestais. Saldou uma vitória nesse campo. Actualmente os baldios estão a ser explorados pelas populações e dirigidas por comissões eleitas democraticamente. Entretanto cerca de 300 agricultores fizeram-se associados da Liga. Outra vitória...

Em «mesa redonda» ouvimos três agricultores de Montalegre, membros da Liga, sócios da cooperativa local: Ricardo de Moura, António José Carvas e João Gonçalves Dias informaram o «DL» sobre o que se passa em Montalegre. Através dos seus depoimentos soubemos que a Liga contratara um funcionário para tratar dos contratos de arrendamento rural pois quase todos os pequenos agricultores de Montalegre são proprietários e rendeiros simultaneamente. E que a Cooperativa funciona mal. Houve uma desvalorização no preço do gado na ordem dos 30 por cento. E mais algumas coisas...

PARASITAS DO POVO

«Quem comprou gado o ano passado para o vender este ano vai ter um enorme prejuízo. Subiu o preço das rações e das forragens mas o preço do gado desceu», diz Ricardo Moura.

Os agricultores de Montalegre referem-se aos intermediários que os «cortejam» como uma praga. **«Uns parasitas do povo»**. A inoperância da Cooperativa de Batata de semente, leva-nos a recorrer a essa classe **«que nada faz e muito ganha»**. Também no escoamento do gado se deixam explorar pelos intermediários já que outro meio não têm de vender a sua produção.

«Negociamos nas feiras como os ciganos. A maior parte dos lavradores desconhecem o valor do gado e vendem-no aos intermediários pelo preço que estes querem».

Em 1975 experimentaram outro método. Viram os resultados. Deu-se um retorno que muitos não entenderam. Para eles a mudança (de 75) foi um episódio fugaz...

«Nessa altura a Comissão Administrativa da Cooperativa fazia o escoamento através da Junta Nacional de Produtos Pecuários. Os agricultores ganhavam quatro a cinco contos em cada cabeça de gado. A situação, porém, não agradava aos intermediários que tudo tentaram para boicotar a acção da Junta. Aproveitando-se da ignorância dos agricultores apareceram nas feiras a oferecer preços mais elevados que os praticados pela JNPP no intuito de a descreditarem».

Escusado será dizer que algum tempo depois os intermediários voltaram aos preços de miséria. Fizeram «bluff». E ganharam.

A BATATA EM QUESTÃO

Também na cooperativa houve um retrocesso. Apesar de ser dirigida por agricultores quem nela decide são os técnicos, nomeadamente pelo MAP. Eles igualmente produtores de batata de semente. Eles que certificam o produto.

«A Cooperativa não dispõe de capacidade para a recolha de toda a batata de semente produzida no concelho. Abarca apenas uma produção de cerca de três mil toneladas enquanto ficam de fora mais de oito mil. Por outro lado o sócio não pode colocar a batata na cooperativa porque esta demora muito tempo a pagar. Entregamos a batata em fins de Setembro e só recebemos passados dez meses».

Na conversa travada com os elementos da Liga de Montalegre apontamos o facto dos agricultores da Beira Litoral se mostrarem renitentes em relação à aquisição da batata de semente produzida naquela zona tendo mesmo sido contestada a imposição dos 25 por cento, decretada pelo Governo que obriga os agricultores a comprar um quarto de batata nacional por cada saco de cem quilos de batata estrangeira.

«Muita batata que se encontra em casa dos agricultores está certificada com a letra A. É da boa. Melhor até que muita estrangeira. Mas os técnicos dos ex-Serviços Fito-Patológicos, que ao mesmo tempo são dirigentes da Cooperativa, podem fazer trafulhice enviando para a Cooperativa, à mistura com batata boa, alguma da não aprovada. Muitos compradores vão à Cooperativa e nunca mais lá voltam ... Se a batata não tem qualidade a culpa é dos técnicos» — sublinham os membros da Liga.

Naquela região de Trás-os-Montes existem sete cooperativas que constituem uma União, com sede em Chaves. Produzem sete mil toneladas de batata certificada. No entanto há, na zona de Montalegre, mais oito mil toneladas que não entram na Cooperativa. Essa batata, que pode estar aprovada e não certificada, sempre foi reconhecida pelos compradores, que há mais de trinta anos negoceiam com ela, como um produto de qualidade.

«Quando andei a semear batata de consumo no Ribatejo sempre preferi a batata de semente de Montalegre. Antes queria essa batata que aquela que vinha do estrangeiro muitas vezes já contaminada» — acrescenta António José Carvas.

A SORTE DOS AGRICULTORES EM JOGO

Criticam (ainda) os agricultores de Montalegre a intervenção dos importadores na comercialização da batata. Na sua opinião devia ser a JNF a determinar a distribuição tanto da batata nacional como da importada. Se tem que haver um intermediário no circuito produção-comercialização então que esse papel caiba à Junta.

«Por vezes os armazenistas (importadores) pedem grandes quantidades de batata à Cooperativa que nem sequer chegam a levantar. E isso porquê? Para apresentarem os seus pedidos de importação na JNF.»

Depois sucedem «buracos» do género:

«O armazenista Campos e Ferreira, importador e exportador deve à Cooperativa mais de 400 contos há dez anos. Com a agravante de ser um dos sócios fundadores da Cooperativa, da qual foi vendedor e fornecedor exclusivo. Tinha escritório montado em Braga, à custa da Cooperativa» — conta Ricardo Moura.

A história da Cooperativa de Montalegre, quarenta anos de vida, está marcada por outras manchas. Basta salientar que o presidente da sua direcção se manteve no lugar durante 30 anos. Um tal tenente Canedo **«que deu cobertura a todas as vigarices»**.

Ricardo Moura explica: **«Um funcionário da Cooperativa fornecia sacos com o carimbo desta a um intermediário que vendia batata de outras localidades apresentando-a como se fosse da Cooperativa de Montalegre»**.

Em nome da Liga uma delegação de agricultores deslocou-se a Lisboa. Vai ser recebida pela Comissão da Agricultura e Pescas e tentar contactar os organismos oficiais que tenham poderes para resolver o problema do escoamento da batata. Até agora a Junta ainda não se pronunciou sobre o preço e o destino a dar à batata de Montalegre. Propõem os agricultores o preço mínimo de 7$50 por quilo e que o Governo se comprometa a escoar toda a batata. Das duas uma; ou a Junta decide pagar o preço exigido pelos agricultores de Montalegre ou não estabelece qualquer diferenciação entre a batata de semente e de consumo. Neste caso a batata de Montalegre será comprada ao preço de 5$20... E acontece a grande catástrofe: cinco mil agregados familiares serão atirados para a miséria.

«O preço de 5$20 não dá para pagar as sementes. Sem contar com as sachas, regas, arranques e adubos — e todo o trabalho que gastámos na produção. Eu trabalhei com os meus filhos, de sol a sol, sem descanso. O que vamos fazer? Temos de entregar as terras que trazemos de renda» — conclui António Carvas.

CAE «ENTERRA» AGRICULTOR

Contestam os agricultores a forma como está a ser concedido o Crédito Agrícola de Emergência: juros elevados; prazos de pagamento curtos. A Liga exige que os prazos sejam revistos propondo o mínimo de três a sete anos. Actualmente os prazos vão de um a quatro anos. Quanto aos juros pensam os agricultores que tal como estão são incompatíveis com as suas posses.

«Nós utilizamos o CAE para

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DE COIMBRA
TODOS AO PLENÁRIO - Dia 18 às 21 h — R. MORENO { Sede do Rancho Folclórico de Coimbra
PARA ANÁLISE DA REVISÃO DO NOSSO CONTRATO

a compra de vitelos de recria cujo limite vai até um ano. Com a desvalorização dos 30 por cento do preço do gado mais os 10 por cento de juros o agricultor fica numa situação difícil. Vê-se obrigado a vender o gado para pagar o CAE. No respeitante às máquinas e alfaias, que subiram em três anos mais de 150 por cento, onde vamos buscar 400 ou 500 contos para pagar os juros?

Seno fim do ano o agricultor não vender as batatas a bom preço tem de entregar as máquinas à casa onde as comprou. Casos desses se já estão a verificar» — «Se não for alterado o sistema de crédito muitos agricultores vão para a ruina» — adianta Ricardo Moura.

Assimperante este panorama, a Liga exige que sejam dadas condições aos produtores de batata de semente para que estes possam ser recompensados pelo seu trabalho. Entre as suas reivindicações imediatas destaca-se o escoamento da batata por um preço justo. E depois: revisão do sistema do CAE, apoio técnico, seguro agro-pecuário, fixação do preço da batata antes do início das campanhas.

Até aqui a Liga tem conseguido resolver os problemas dos agricultores. Foi a recuperação dos baldios, o escoamento da batata na campanha de 75, a colocação da batata nas UCP's e Cooperativas de produção de batata de consumo da Beira Litoral, no ano seguinte. E agora conseguirá a Liga evitar que oito mil toneladas de semente apodreçam? O Governo que responda.

LOURDES FÉRIA

Semana do Filme Argelino

Com a exibição, no Palácio Foz, às 15.30 e 21.30 do filme «Os Pescadores», do realizador Ghouti Bendeddouche, termina hoje a Semana do Filme Argelino em Portugal, que foi promovida pelo Instituto Português de Cinema e o ONCIC (Office National pour le commerce et l'industrie cinematografiques). Esta realização contou ainda com o apoio do Ministério da Informação e Cultura da Argélia e do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

PODER LOCAL

CM do Bairro Alto: "Guerra fria exigiu Tarrafal quente"

Contra os crimes do Tarrafal levantou-se ontem a Comissão de Moradores da Freguesia da Encarnação (Bairro Alto), numa sessão efectuada na sede da CM, com a população a superlotar todo o recinto.

Na mesa, dois sobreviventes do fascismo e do «campo da morte lenta»: Joaquim Casquinha e Oliver Bártolo.

Diversos oradores, de quadrantes políticos da esquerda, historiaram «a aberração do Tarrafal», e elucidando a assistência sobre a origem daquele desterro. Em síntese: «a guerra fria exigiu um Tarrafal quente».

Contra o fascismo, a tónica foi a unidade, aplaudida de pé por todos os presentes.

ÁLVARO CUNHAL EM ALPIARÇA

Domingo, em Alpiarça, com a presença de Álvaro Cunhal, efectua-se a segunda assembleia de organização local do Partido Comunista Português.

Os trabalhos decorrem no ginásio do Clube Desportivo «Os Águias», com a participação de 300 delegados (cerca de 25 por cento da organização) e 1.500 convidados.

Ordem de trabalhos:

. Às 9 e 30, leitura dos relatórios dos diversos organismos, aprovação das mesmas e eleição da nova Comissão Concelhia; às 17 horas, sessão de encerramento aberta a toda a gente com uma intervenção do secretário-geral do PCP.

1968/1978
10 ANOS DE ACTIVIDADE

335 EDIÇÕES
145 OBRAS DE AUTORES PORTUGUESES
140 OBRAS DE AUTORES ESTRANGEIROS
60 OBRAS ILUSTRADAS POR ARTISTAS PORTUGUESES

ARMANDO ALVES / JOSÉ RODRIGUES / JÚLIO RESENDE / ANTÓNIO CRUZ / JORGE PINHEIRO / ÂNGELO DE SOUSA / JOÃO MACHADO / ABEL SALAZAR / ANTÓNIO PAIOLO / JOÃO ABEL MANTA / VERGÍLIO / VESPEIRA / JOÃO HOGAN / QUERUBIM LAPA / CIPRIANO DOURADO / ROGÉRIO RIBEIRO / GIL TEIXEIRA LOPES / ALBERTO CARNEIRO

42 OBRAS SOBRE A RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA

(muitas das quais proibidas antes da Revolução do 25 de Abril)

3 POSTERS (com ilustrações de Augusto Gomes e José Rodrigues e textos de Egito Gonçalves, Eugénio de Andrade e Sophia Mello B. Andresen

4 PRÉMIOS LITERÁRIOS CRIADOS PELA EDITORIAL INOVA

1100000 EXEMPLARES PUBLICADOS

Direcção gráfica de Armando Alves

EDITORIAL INOVA

UMA EDITORA DO PORTO PRESENTE NA FILGRÁFICA-FILESCOLA 1978

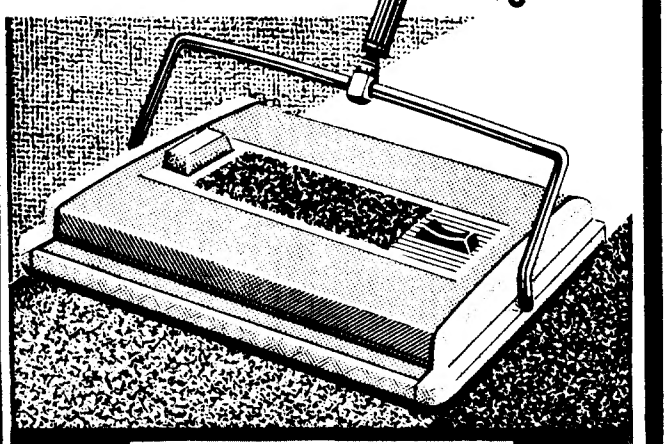
BISSELL

As famosas escovas automáticas alemãs para limpar todos os tipos de alcatifas, tapetes e soalhos.

Reguláveis, com dupla acção de limpeza,

é um prazer trabalhar com elas

agora 7 modelos à sua escolha



BISSELL

A SUA COMPANHEIRA DE TODOS OS DIAS

Direma

DISTRIBUIDORA E REPRESENTAÇÕES DE MÁQUINAS, S.A.R.L.
Rua A (à R.D. João de Castro), Lote 1 - c/v
Telefone 633131/2 - LISBOA-3 - PORTUGAL
À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CONTRATAÇÃO COLECTIVA

Sector farmacêutico exige celeridade

A rápida elaboração de uma portaria de regulamentação de trabalho para a indústria e comércio farmacêuticos, que leve em conta as principais reivindicações já apresentadas pelos sindicatos, é a principal exigência dos delegados sindicais do sector, consubstanciada numa moção aprovada em plenário no passado dia 10.

«Os trabalhadores reafirmam a vontade de verem incluídas no futuro instrumento de regulamentação colectiva de trabalho a aplicar ao sector as reivindicações pelas quais vêm lutando, quer pelo seu carácter de justiça, quer porque muitas delas são já praticadas no sector» — afirma-se nesse documento. Entre as pretensões manifestadas pelos delegados sindicais destacam-se o princípio das promoções automáticas, subsídios complementares da Previdência, subsídio de refeição, diuturnidades, salários justos, princípio da retroactividade que «compense os meses de negociação em que a comissão patronal boicotou todo o processo».

O recurso à via administrativa tornou-se inevitável depois da ruptura das negociações provocada pelas associações patronais, ao fim de 12 meses de conversações.

TRABALHADORES NA IMPRENSA

A comissão directiva do Sindicato de Trabalhadores na Imprensa decidiu seguir uma estratégia alternativa nas negociações do CCT para a Imprensa diária, de modo a concluir um acordo de reajustamento salarial com efeito retroactivo de 1 de Janeiro de 1977, mantendo em vigor todo o clausulado do contrato colectivo em vigor.

O Sindicato pretende deste modo salvaguardar a próxima negociação de um CCT vertical em que participem os órgãos de classe dos jornalistas, e anular as desvantagens resultantes de algumas matérias anteriormente acordadas pela direcção cessante. Segundo um comunicado da comissão directiva, a Associação da Imprensa Diária mostrou-se receptiva a esta alternativa no decurso da primeira reunião negocial, efectuada na última quarta-feira.

Está marcada nova reunião para o próximo dia 23, para a qual foi convocada também a Secretaria de Estado da Comunicação Social, «de forma e obviarem-se obstáculos futuros por parte do Governo, nomeadamente em relação às empresas estatizadas, que são a maioria».

CONFLITO NAS MADEIRAS

Os delegados do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeira do Distrito de Lisboa estão, cada vez mais, dispostos a lutar pela integral aplicação das normas positivas da portaria de regulamentação do trabalho para o sector, que a Associação Nacional das Indústrias de Madeiras (ANIM) deseja ver desrespeitadas.

Numa moção aprovada em plenário no passado dia 10, os delegados sindicais denunciam a acção judicial instaurada pela ANIM contra 72 organizações de classe do sector, e alertam os órgãos de poder e os pequenos e médios industriais das madeiras para «a conduta irresponsável e aventureira» da associação patronal, que «tenta provocar conflitos de trabalho promovendo a desestabilização social e política do sector e comprometendo a sua recuperação económica».

Os delegados sindicais convidam os trabalhadores a cerrar fileiras reforçando a sua unidade e a sua organização, na luta por melhores condições de vida e de trabalho, nomeadamente por um novo e digno CCT vertical.

ELECTRICISTAS

Os trabalhadores do sector de fabricantes de material eléctrico e electrónico entregarão ao patronato, até Julho, a proposta de um novo contrato colectivo de trabalho — informa a ANOP. Durante uma reunião de delegados sindicais do sector, realizada ontem, foram decididas medidas tendentes a levar os patrões a cumprir o actual contrato.

PESCA DA SARDINHA

O Sindicato dos Pescadores do Distrito de Faro (delegação de Portimão) convocou todos os seus associados do sector da pesca da sardinha para uma reunião a efectuar no próximo doa 24, nesta cidade, onde será apreciada a contraproposta do contrato colectivo de trabalho apresentada pela Associação de Empresas de Pesca do Algarve (delegação de Barlavento).

Plenário da Marconi ratifica greve

Os trabalhadores da Marconi reunidos ontem em plenário aprovaram a proposta dos delegados sindicais de fazerem greve por 24 horas, a partir das 8 horas do próximo dia 28, se até às 12 horas do dia 22 a administração não se dispuser a negociar o ACT da empresa.

No caso de a greve se verificar, a Comissão Sindical Negociadora e a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações recomeçarão os contactos com a administração e os Ministérios do Trabalho e das Obras Públicas, Telecomunicações e Transportes. No entanto, se após oito dias de conversações, não houver ainda acordo, os trabalhadores reunirão outra vez em plenário para decidir novas formas de luta.

ELEIÇÕES NO SÁBADO

Duas listas nas Madeiras de Viseu e Guarda

Concorrem duas listas às eleições para os cargos directivos do Sindicato dos Trabalhadores de Madeiras dos Distritos de Viseu e Guarda, que se realizam no próximo sábado.

A lista A, unitária de esquerda, apresenta-se sob o lema «Pela unidade e democracia no Sindicato ao serviço dos trabalhadores», e é apoiada pela actual direcção a lista B é afecta à linha sindical da UDP/PCP (r), e tem a sigla «A união faz a força — Por um Sindicato forte e democrático».

As mesas de voto funcionarão no dia 18 em Viseu, Guarda, Carregal do Sal (Casa do Povo de Cabanas de Viriato), Mangualde, Mortágua, S. Pedro do Sul e Tondela (Moielos), entre as 8 e as 20 horas. Têm direito a voto cerca de 1.500 sócios.

AC MANIFESTOU-SE EM SETUBAL

Governador civil prometeu apoio

Os trabalhadores da empresa AC — Arquitectura e Construção concentraram-se ontem, em Setúbal, em frente do Governo Civil, manifestando-se pela resolução dos problemas daquela empresa, onde não são pagos salários desde há dois meses.

Na sequência desta concentração, para a qual convergiram trabalhadores das diversas frentes de trabalho, o governador civil de Setúbal prometeu fazer diligências no sentido de obter soluções para os problemas que lhe foram transmitidos com a entrega de uma moção.

O representante do Governo naquele distrito informou os representantes dos trabalhadores, na entrevista que lhes concedeu, de que o Gabinete da Área de Sines, do qual a AC é concessionária para a construção de diversas obras, teria feito a entrega de oito mil contos que provavelmente seriam destinados ao pagamento dos salários em atraso.

Nova entrevista foi marcada com os representantes dos trabalhadores, para a próxima terça-feira, às 15 horas, com o objectivo de lhes dar conhecimento do fruto das suas diligências.

Na concentração, que contou com a presença de trabalhadores das frentes de Beja, Évora, Grândola, Sines e Lisboa, incorporaram-se muitos trabalhadores de Setúbal, nomeadamente do sector da construção civil.

Os problemas dos trabalhadores vão desde a falta de pagamentos de salários, incluindo o 13.º mês, até à impossibilidade de prosseguimento de muitas das obras por não existirem matérias-primas.

GREVE NA SNS

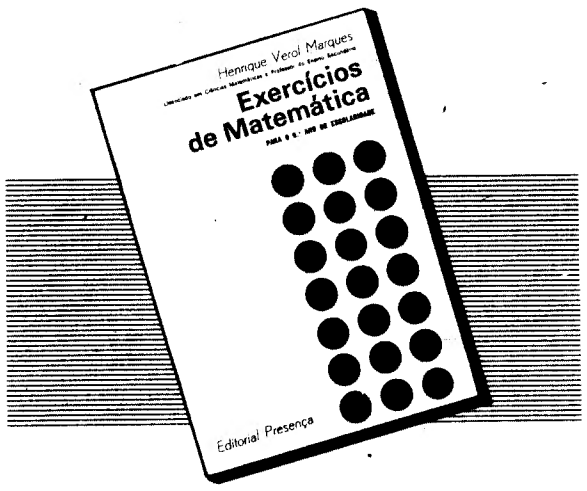
Sócios solidários e intransigentes

Os trabalhadores do grupo da Sociedade Nacional de Sabões continuam em greve, conforme decidiram no plenário desta manhã, até que lhes sejam dadas as garantias de que dispunham à data da entrada na empresa, do gestor eng.º Marques de Sousa.

Acidentalmente, os trabalhadores encontraram a sócia maioritária Maria Helena Beirão da Veiga, que durante semanas procuraram, em vão. No encontro com os trabalhadores, não se mostrou disposta a contrariar a acção do irmão, Marques de Sousa. Os restantes sócios do grupo por seu lado, emitiram ontem à noite um comunicado em que também consideram que as posições assumidas pela «gestão executiva» no encontro com os trabalhadores no Ministério do Trabalho, estão em conformidade com «a política anteriormente estabelecida». No comunicado, os sócios afirmam ainda que «mantêm a sua firme disposição de agir insofismavelmente no âmbito da Lei e do estipulado nos contratos colectivos de trabalho».

Os Sindicatos que subscreveram a declaração de greve vão pedir uma audiência ao Primeiro-Ministro. Os trabalhadores mantêm as esperanças de que alguma instância superior interfira no conflito, de modo a que seja possível negociar uma solução com a administração.

Acaba de sair!



EXERCÍCIOS DE MATEMÁTICA
(Para o 9.º Ano de Escolaridade)
Prof. Henriques Verol Marques

À VENDA NAS LIVRARIAS

EDITORIAL PRESENÇA
RUA AUGUSTO GIL, 35-A TELEFONES 766912 - 763060 LISBOA 1

INSTITUTO NACIONAL DE SEGUROS

IMPOSTO PARA O SERVIÇO DE INCÊNDIOS

CONCELHO DE SINTRA

O Instituto Nacional de Seguros avisa os proprietários de prédios urbanos do Concelho de Sintra de que termina no dia 28 do corrente o prazo para apresentação na Câmara Municipal daquele Concelho das declarações destinadas à isenção do imposto para o serviço de incêndios. Lembra, por isso, os segurados que devem proceder, o mais rapidamente possível, àquela formalidade, para o que se torna indispensável juntar a apólice do seguro, o recibo do respectivo prémio e a Caderneta Predial devidamente actualizada.

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA

AVISO

ECONOMISTA

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, admite para a chefia do seu Departamento de Economia e Turismo, indivíduo licenciado em Economia, Finanças ou Gestão e Administração de Empresas, mediante contrato de trabalho a prazo, com ordenado de 13 800$00 (letra F), correspondente a Técnico de 1.ª classe.

Dá preferência a quem possuir maior experiência profissional como economista e satisfizer os requisitos do artigo 460.º do Código Administrativo.

As inscrições poderão ser feitas até ao dia 20 de Fevereiro.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 9 de Fevereiro de 1978

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

José António Verissimo Silva

NOVA "CENTRAL SINDICAL"

Ninguém se acusa

Nenhuma força política parece interessada em reconhecer a paternidade da anunciada «Central Democrática de Trabalhadores», organização a criar por forças caracterizadamente de direita com propósitos políticos obscuros, que o movimento sindical unitário enquadra na tentativa de divisão dos trabalhadores no intuito de facilitar a aplicação de uma política laboral particularmente gravosa.

Conhecem-se no entanto as conotações de alguns dos elementos que surgiram à luz do dia a encabeçar a «CDT» e os grupos de trabalho para a formação de sindicatos paralelos que lhe darão corpo. Entre eles contam-se indivíduos ligados ao PS e ao PSD, designadamente um deputado deste partido pela emigração (Teodósio da Silva) e um membro (Nélson Guedes) da lista derrotada nas últimas eleições do Sindicato da Hotelaria do Sul, afecta ao PS e à «Carta Aberta».

Sabe-se, por outro lado, que o Centro de Estudos Sindicais, organismo promotor da «CDT» e dos anunciados sindicatos paralelos, surgiu em 74 com a participação de elementos de partidos da direita, e do PS, entre outros, mantendo desde então íntimas relações com a CISL. Pessoa nele dominante será (ou foi) o dr. Pelágio Madureira, colaborador de Mário Soares em questões laborais e sindicais.

Depois de Carlos Laje, deputado do PS, ter ontem considerado a formação da autodenominada «CDT» como «uma autêntica farsa», Marcelo Curto, presidente da comissão de trabalho da AR, em entrevista concedida ao semanário «O Jornal» vem defender que «os sindicalistas socialistas não podem nem devem fazer alianças com linhas sindicais reformistas e conciliadoras», e propor o abandono da «Carta Aberta» por parte dos militantes - PS.

Marcelo Curto reconhece que há militantes socialistas envolvidos na formação de sindicatos paralelos — «isso não pode continuar» — e que a «Carta Aberta» «não tem quaisquer perspectivas futuras dadas as ambiguidades, hesitações e divergências internas face a certas situações».

O caso da «CDT», inesperadamente lançado a público, parece situar-se precisamente no domínio das divergências existentes no seio da «Carta Aberta», onde um sector identificado com o PSD e com os seguidores das propostas de Gonelha para os sindicatos vinham de há muito defendendo a formação urgente de uma segunda central sindical. A «CDT» seria nesse caso, uma manobra de antecipação promovida pelos partidos reaccionários visando levar na sua esteira sectores sindicais mais retrógrados afectos ao PS e alguns grupelhos neonazis.

FALA O MOVIMENTO SINDICAL

O anúncio da formação da «CDT» não constitui uma surpresa para a CGTP-Intersindical Nacional. «Desde muito antes da realização do Congresso de Todos os Sindicatos que as forças políticas de direita, como expressão directa dos interesses de classe dos grandes capitalistas, dos latifundiários e do imperialismo, se têm batido pela divisão dos trabalhadores e do seu Movimento Sindical — ensaiando diversas tentativas que a consciência e acção dos trabalhadores sempre derrotaram — como forma de lhe enfraquecer a capacidade de luta em prol dos seus interesses de classe contra a exploração», afirma o secretariado da Central Sindical em comunicado distribuído à Imprensa.

Para a CGTP-IN a «CDT» não passa de um «grupelho, cuja existência e actuação apenas continuará a ser empolado pela Imprensa de direita como porta-voz dos interesses dos inimigos dos trabalhadores», reflectindo a «necessidade desesperada das forças de direita e do grande capital para se tentar opor às justas reivindicações dos trabalhadores, às suas preocupações e aos seus anseios».

Por outro lado, a figura de «parceiro social» tão encarecida pelos governantes, «não poderá ser assumida por qualquer outra pretensa central sindical, a menos se pretenda reeditar o esquema dos sindicatos «nacionais» de raiz corporativa-fascista que advoga a conciliação de classes no interesse dos grupos capitalistas». Na verdade, a posição dos trabalhadores e do movimento sindical é clara sobre a questão, e deverá centrar-se em torno do caderno reivindicativo aprovado no plenário da CGTP-IN de 4 de Fevereiro.

De salientar que a iniciativa de lançar sindicatos paralelos, ideia vivamente acarinhada pelo actual ministro do Trabalho a que tem o apoio político e financeiro das forças reaccionárias tem deparado com a firme oposição dos trabalhadores. Basta recordar os casos do Sindicatos dos Trabalhadores da Linha de Cascais, que abortou à nascença; do «Sindicato Democrático da Construção Civil», cujos propagandistas têm sido escorraçados das empresas.

NEGOCIAÇÕES NÃO RESULTARAM

Amanhã há greve no comércio de Lisboa

Face ao malogro das negociações ontem efectuadas no Ministério do Trabalho com representantes do patronato, a Comissão Sindical Negociadora do Contrato Colectivo de Trabalho do comércio retalhista do distrito de Lisboa confirmou a greve marcada para amanhã.

A determinação da CSN resulta do facto de as propostas patronais não corresponderem aos pressupostos mínimos que levaram os trabalhadores, em Assembleia realizada na Voz do Operário, a aprovarem a hipótese de paralisação aos sábados.

No entanto, segundo a ANOP, os representantes do patronato apresentaram propostas dignas de negociação mas, apesar da insistência da CSN, não garantiram os aspectos considerados positivos.

Novas reuniões de negociação encontram-se marcadas para a próxima terça-feira.

Os trabalhadores do comércio retalhista de Lisboa batem-se por aumentos salariais que rondam os 23 por cento, enquanto o patronato apresentou uma proposta inicial de oito por cento, que depois veio a aumentar para 15 por cento com a criação de um novo nível salarial.

Além disso a CSN pretende que o novo contrato não sacrifique regalias consagradas no actual, tais como o regime de semana inglesa, complemento de subsídio de doença, promoções obrigatórias e classificações profissionais.

Recorde-se que cerca de 90 por cento dos 40 mil trabalhadores do sector têm vencimentos entre os cinco e os oito mil escudos mensais.

Uniões sindicais planificam acções de massas

Direcções sindicais do distrito do Porto estão esta tarde reunidas na União dos Sindicatos do Porto para debater as formas de levar à prática as conclusões do plenário de Sindicatos da CGTP-IN, no passado dia 4. A reunião é aberta a todos os sindicatos, filiados ou não na CGTP-IN.

Com o mesmo objectivo reuniram-se ontem na USL dirigentes de sindicatos do distrito de Lisboa.

Foi decidida a marcação maciça de plenários em empresas, plenários de delegados sindicais, e de assembleia gerais ou qualquer outra forma de reunião de sócios dos sindicatos de distritos a fim de debater e esclarecer as reivindicações aprovadas no plenário do dia 4. Paralelamente serão desenvolvidas acções de massas, como seja a distribuição à população dos resumos das resoluções do plenário do dia 4.

Foi ainda decidido marcar uma série de plenários de zona, bem como plenários de trabalhadores e da população em geral. Para Março, está prevista a realização de plenários de delegados sindicais do distrito de Lisboa e de outras estruturas unitárias de trabalhadores de Lisboa.

Efectuar-se-á também uma conferência de Imprensa em que serão divulgadas as tarefas a desenvolver.

AINDA A LEI DAS BASES

CSN dá um mês para entrega do projecto

Na sequência da entrevista que teve com o ministro da Reforma Administrativa, no dia 13, a Comissão Sindical Negociadora da Proposta Reivindicativa Comum da Função Pública apresentada pelos sindicatos ao anterior Governo, decidiu «considerar o prazo de um mês como limite máximo para a entrega pelo actual Governo, do projecto de Lei das Bases».

O mesmo comunicado assinado pelos 22 sindicatos que participam naquela CSN reafirma que a Proposta Reivindicativa Comum (para os trabalhadores da Administração Central, Regional e Local) «sem prejuízo do tratamento parcial dos seus diversos pontos, segundo prioridades e calendários diferentes, é um todo a negociar com globalidade».

Outra exigência manifestada é a de que «as negociações se processem na base dos valores salariais reivindicados pelos trabalhadores».

O comunicado a que nos referimos dá conta das posições do ministro da Reforma Administrativa relativamente a diversos pontos. Assim, ter-se-á manifestado disposto a aceitar os princípios e mecanismos formais de negociação já acordados com o I Governo Constitucional, com alargamento do órgão negociador por parte do novo executivo.

No respeitante à Lei das Bases, o Ministério definirá a sua posição no prazo máximo de um mês, não se opondo à entrega imediata aos sindicatos do anterior projecto de Lei na condição de estudo preliminar «não vinculativo do actual Governo».

Um dos pontos importantes, que se refere à questão salarial, deve merecer, dentro de quatro dias, uma posição do actual Governo relativamente às reivindicações dos trabalhadores da Função Pública, estando a decorrer contactos com os responsáveis do Ministério das Finanças para ser alterada a proposta do anterior Governo quanto ao montante a destinar no Orçamento Geral do Estado para aqueles aumentos.

Questões ligadas a garantias sindicais, regime do trabalhador-estudante e «vigência inconstitucional do Estatuto Disciplinar Fascista», são susceptíveis de discussão imediata.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

01 — Faz-se saber que no Concelho Administrativo da Direcção do Serviço de Intendência, Travessa de Santo António da Sé, n.º 21, em Lisboa, se encontra aberto o seguinte concurso público:

VENDA DE MATERIAL INCAPAZ NÃO UTILIZÁVEL NO EXÉRCITO

N.º do Concurso Público	MATERIAL	Data da entrega das propostas	Data da abertura das propostas
1/78	Atrelados, Balanças, Bidões, Caixas, Candeeiros, Fornos, Motores, Sucatas, etc.	Até às 17 h. do dia 6 Março 78	Às 10.30 do dia 7 Março 78 no Entroncamento

02 — O caderno de encargos que serve de base ao referido concurso pode ser consultado todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 17, excepto aos sábados.

O PRESIDENTE DO C. A.
A. A. de Almeida Melo
Coronel

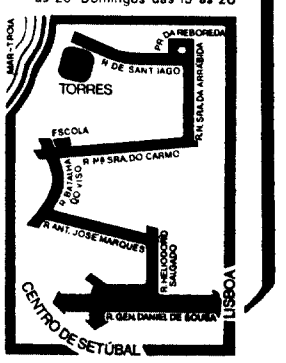
torres de setúbal
'FORTE VELHO'

andares de 2, 3 e 4 soalhadas

EXCEPCIONAL VISTA PANORÂMICA SOBRE A BAÍA DO SADO E ILHA DE TROIA

Andares invulgarmente amplos e de excepcional desafogo
Empreendimento dotado com complexo comercial próprio

ATENDE NO LOCAL
Dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 20 Domingos das 15 às 20



✱ BONS PREÇOS E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO EXTREMAMENTE ACESSÍVEIS

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENVIE-NOS ESTE CUPÃO PREENCHIDO a: RENTIFIX, LDA. - TORRES DE SETÚBAL - Rua de Santiago - SETÚBAL

Nome _____
Morada _____
_____
Telefone _____

ALARGAMENTO DA CEE

Primeiro à Grécia depois a Portugal

O senador italiano Lorenzo Natali, vice-presidente da Comunidade Económica Europeia, revelou ontem em Madrid que o ingresso na CEE dos três países candidatos – Grécia, Portugal, e Espanha – deverá verificar-se separadamente e pela ordem por que os repectivos pedidos foram apresentados em Bruxelas. Assim, a Grécia será o décimo membro do Mercado Comum, seguindo-se Portugal e só depois a Espanha.

Das revelações de Natali que as notícias dizem que causaram algum desapontamento nos meios políticos, sobretudo governamentais, na capital espanhola consta ainda que as principais negociações com a Grécia estarão terminadas até ao fim deste ano. A Comunidade decidirá em Abril quanto à data de idênticas conversações em relação a Portugal. Quanto à Espanha, só nos primeiros meses do próximo ano.

Entretanto, em Estrasburgo, o presidente do Parlamento Europeu, o italiano Emílio Colombo, anunciou que visitará Lisboa nos dias 27 e 28 do mês corrente, para tratar com as autoridades portuguesas de assuntos relacionados com o ingresso de Portugal na Comunidade.

SONDAGEM

A revista «Eurobrométre», no seu último número, publicou uma sondagem à opinião pública da Europa dos Nove acerca do alargamento do Mercado Comum. Dos resultados divulgados ressalta que, dos três candidatos, a Espanha é aquele que merece maior receptividade.

Com efeito, 39 por cento dos inquiridos acham «algo bom» a adesão de Espanha, enquanto, como «algo bom», a adesão de Portugal tem apenas a percentagem de 33 por cento, e a Grécia 32. «Algo mau» acham 17 por cento em relação a Portugal. A percentagem (negativa) da Espanha é 16 e da Grécia 15. «Nem bom, nem mau»: Grécia, 30 por cento, Portugal, 28, e Espanha, 25.

Por países, em relação a Portugal: onde a opinião pública é mais a favor é na Itália (43 por cento, «algo bom»), RFA (40 por cento), Irlanda (38). A opinião pública da Dinamarca e da Holanda parece a mais «hostil» à entrada de Portugal na CEE: 26 por cento dos inquiridos consideram «algo mau» a integração de Portugal no Euromercado.

Um rápido relance por estes números resumidos revela que a opinião pública não é a mesma que a dos dirigentes da CEE. Todavia, é evidente que os responsáveis pela Comunidade não vão seguir à risca as indicações dos inquéritos à opinião pública.

José Barata recordando para a assistência da Academia Verdi o que era o campo de concentração do Tarrafal

TARRAFAL, SÍM

Urna espe

A partir das 18 horas de hoje, até às 14 horas de amanhã, sábado, estarão expostas em câmara-ardente, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, à Rua Barata Salgueiro, as urnas com os restos mortais dos 32 patriotas caídos no campo de concentração que Salazar e seus colaboradores congeminaram e construiram próximo da vila do Tarrafal, na ilha caboverdiana de Santiago.

Ao princípio da tarde de amanhã, sairá da SNBA, rumo ao cemitério do Alto de S. João, o cortejo fúnebre que – tudo o indica – constituirá grandiosa manifestação de repúdio aos repressores e torcionários do fascismo e seus herdeiros

SEGUNDO O PPM

Cardia pensaria sair do MEIC

Tristeza pela saída da dupla Barreto-Portas, do MAP, notícia de próximo comício, em Lisboa, contra as centrais nucleares (com convites a ecologistas franceses) e o boato de que Cardia «não pensa manter-se por muito tempo» à frente do MEIC, foram as novidades maiores da conferência de Imprensa que o PPM levou ontem a efeito, na sua sede, a propósito do «Programa do II Governo e Futuro de Portugal».

O Partido Popular Monárquico, cujas posições se têm aproximado do PSD, entende que a manter-se a «impossibilidade de uma coligação governativa» entre o PS e o PSD, a única saída será eleições gerais antecipadas.

Apelidando o CDS de «porta-voz do capitalismo clássico e de uma democracia social em voga nos anos 50», o arquitecto Ribeiro Telles, que presidiu à conferência, entende que nem centristas nem socialistas tiveram «ainda os rasgos de inteligência necessários para ver os problemas fora da luz dos convencionalismos matemáticos mais caducos e condenáveis, para sair do salazarismo financeiro».

Sottomayor Cardia

Relativamente à questão das Finanças, um especialista do PPM considera que desde 1945 até agora os responsáveis (PS e CDS incluídos) do sector financeiro têm manifestado «claramente falta de imaginação e de conhecimento das particularidades do ramo». Apontou duas excepções: Águedo de Oliveira, e Vasco Vieira de Almeida.

Os perigos das centrais nucleares foram um ponto longamente sublinhado na conferência, tendo um dos membros da mesa considerado que todo o Ministério da Indústria e Tecnologia «foi tomado de assalto pelos defensores da energia nuclear».

«Grande negociata que aí vem, que vai dar muito dinheiro a certa gente» foi outra das expressões utilizadas a propósito da citada energia e dos contratos de cerca de 100 milhões de contos que atingirão tal espécie de energia.

Sobre o «boato» avançado num documento distribuído na conferência e que indicava a possibilidade de Cardia não continuar por muito tempo no MEC, o dr. Henrique Ruas consideraria que a origem do «consta» passa pelos meios próximos do citado Ministério.

Sobre a Reforma Agrária, o PPM pensa que o CDS quer «a transformação das UCPs em empresas agro-industriais» e considera o afastamento de Barreto (que lamenta) consequência de um acordo PS-CDS-PCP.

MES contra constituição de nova força política

O MES não apoiará a constituição da «Organização Revolucionária dos Trabalhadores», que se reivindica herdeira das bases programáticas da candidatura de Otelo.

Tal decisão consta de um comunicado do Comité Central daquela organização política, que considera ainda que a constituição desse partido, há semanas anunciado em conferência de Imprensa, «apenas terá como resultado dificultar a organização da luta contra a política de direita e repressiva do novo Governo com o CDS».

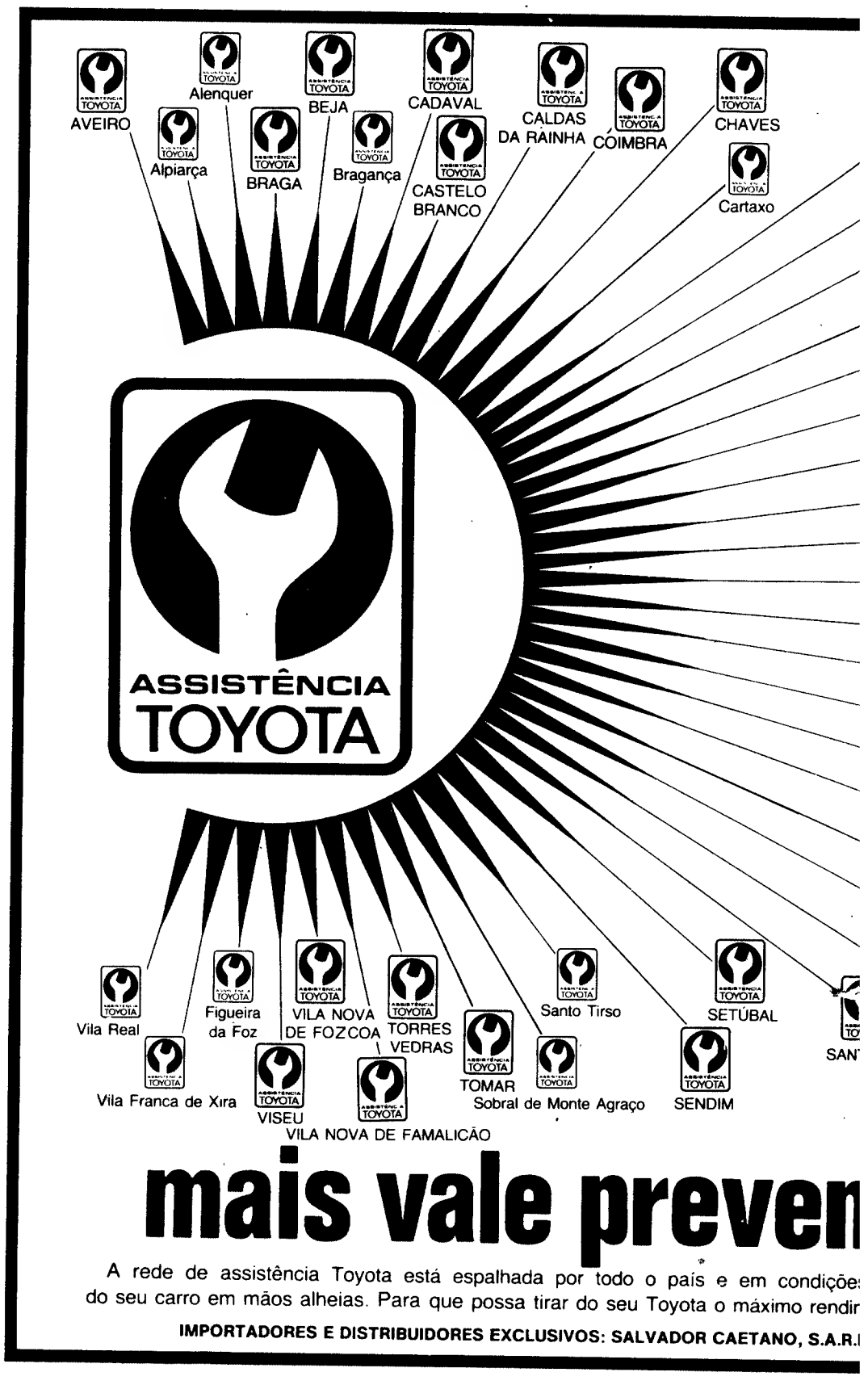
O MES considera ainda que esse movimento poderá levar ao «desprestígio de figuras cujo papel deveria ser o de servir a unidade das massas populares».

A terminar o comunicado afirma que que os seus militantes e o próprio partido não participarão na constituição dessa organização, cujo Congresso de fundação está previsto para o próximo mês de Março, e «alerta ainda para a necessidade de ser dado combate a todas as movimentações aventureiras e esquerdistas, que em nada favorecem o movimento popular».

Jornalistas: disciplina e deontologia

O Sindicato dos Jornalistas terá uma Comissão de Disciplina e Deontologia como um dos seus órgãos permanentes, entre os quais também surge a Assembleia de Delegados sindicais – assim o decidiu a assembleia geral ontem realizada, que prosseguiu a discussão dos novos estatutos do Sindicato.

A Assembleia, que aprovou um bom número de artigos do projecto de estatutos, prosseguirá os seus trabalhos no final da próxima semana.



ÍMBOLO VIVO DA RESISTÊNCIA

as em câmara ardente eram homenagem pública

no «ideal» da violência, hoje, insidiosamente, em busca de lugares estratégicos. O funeral seguirá o seguinte trajecto: Avenida da Liberdade, Marquês de Pombal, Avenida Duque de Loulé, Praça Duque de Saldanha, Avenida da República, Avenida Duque de Ávila Rua Visconde de Santarém, Largo do Leão, Praça do Chile, Rua Morais Soares e Alto de S. João.

INTELECTUAIS APOIAM

«Os corpos de 32 militantes antifascistas, mortos no Campo de Concentração do Tarrafal, vão finalmente repousar em terra portuguesa.

«Trata-se de destacados militantes do movimento operário e democrático de oposição à ditadura fascista que pagaram com a vida a luta pelos ideais da liberdade, da democracia e da emancipação dos trabalhadores.

«Nós, intelectuais antifascistas de diversos quadrantes ideológicos apelamos a todos os escritores e artistas, trabalhadores de cultura, cientistas e quadros técnicos que se identifiquem com os ideais da democracia e da Constituição da República, para que se incorporem no sábado, dia 18, na homenagem a esses lutadores, cuja vida foi um elo importante do combate do povo português pelo Portugal democrático, conquistado em Abril de 74.

«Que a nossa participação seja ao mesmo tempo a homenagem a todos os que caíram para que a barbárie fascista fosse batida na nossa Pátria, a garantia de que a memória desse passado de tortura e humilhação permanece e permanecerá viva, a manifestação de que tudo faremos para que o fascismo, a opressão e o obscurantismo não mais regressem ao nosso país.»

Este texto é assinado por centenas de intelectuais antifascistas.

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA

Eram, na sua maioria, oriundos das classes trabalhadoras os presidiários do Tarrafal. Desse facto advirá o generalizado movimento de apoio à homenagem de amanhã por parte das organizações sindicais.

Depois de a CGTP-In ter exortado a uma participação em massa no funeral, também a União dos Sindicatos de Lisboa dirige idêntico convite aos trabalhadores de Lisboa e ao povo em geral.

Comunicados com o mesmo sentido chegaram (e continuam a chegar) hoje à nossa Redacção, vindos, nomeadamente, do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e dos respectivos funcionários, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro Sul e Ilhas e Moagens do Centro e Sul e do Sindicato dos Trabalhadores Texteis, Lanifícios e Vestuários do Sul.

A Comissão Distrital de Lisboa dos Reformados fez chegar até nós um texto em que se afirma: «Nós, os reformados, que então éramos trabalhadores no activo, temos o direito e o dever de estarmos presentes nesta grandiosa e sentida homenagem àqueles que lutaram e morreram pela causa dos trabalhadores e por um futuro mais digno e justo para a nossa Pátria».

Por seu turno, o Secretariado da Cintura Industrial de Setúbal, a exemplo do que aconteceu com a Cintura Industrial de Lisboa, apela a todas as Comissões de Trabalhadores para que participem no cortejo fúnebre de amanhã. Testemunhos de solidariedade e apoio foram manifestados ainda pela União dos Estudantes Comunistas, pela União da Juventude Comunista, pela Comissão Coordenadora das Comissões de Trabalhadores do Concelho de Almada, Secretariado dos Delegados Sindicais da Setenave, Câmara Municipal de Sintra, por unanimidade solidária com a homenagem, e Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas.

Muitos abaixo-assinados de apoio têm chegado até nós. Transcrevemos, de um deles, subscrito por moradores de Cascais: «O Tarrafal ficará na memória dos portugueses como o próprio símbolo do fascismo. O 25 de Abril restituiu aos portugueses as liberdades fundamentais, tornando assim possível a vinda para Portugal dos que morreram naquele campo de concentração. Homenageá-los é uma forma de usar e defender as liberdades alcançadas; é uma forma de dizer não ao fascismo».

HOMENAGEM DA CT DO «DL» ÀS VÍTIMAS DO TARRAFAL

«Todos os democratas devem homenagear hoje e amanhã as vítimas do Tarrafal, quer passando junto das urnas, quer acompanhando-as ao cemitério» — esta a determinação cívica da Comissão de Trabalhadores do «Diário de Lisboa».

"Arranje papel selado e queixe-se à Polícia"

Logo que cheguei ao Tarrafal fui roubado. Roubaram-me o tabaco, queijo, coisas que levava. Queixei-me ao director. E ele: «Isso há-de resolver-se.» Entro no campo, e aparece outro companheiro, o Carlos Galan, a queixar-se do mesmo: tinham-no roubado. Então o director disse-me para arranjar meia folha de papel selado e reclamar para a Polícia em Lisboa. Estávamos num campo de concentração. Onde é que eu ia descobrir papel selado?

Trata-se de uma recordação do primeiro contacto com o campo de morte. Uma recordação que não se apaga da memória de Américo Martins Vicente, de 72 anos. Ele esteve no Tarrafal de 1937 a 1946. É dos antigos. Quando chegou nem havia ainda «a frigideira». Mandado para ali sem julgamento, resistiu a oito anos e seis meses de degredo. Suportou a violência física, mas não esqueceu, jamais, a prepotência e o roubo que o atingiram. Questão de formação. «Nós tínhamos a nossa comuna. Reunimos ovos, batatas, fogareiro a petróleo. Um dia chegamos ao refeitório, e estava careca. Tudo roubado. Fomos ter com o Seixas, pedir que nos devolvesse o que nos tinham roubado. Ele gritou-me «vaite embora!», e eu fugi para não ser agredido.

Miguel Russel: nove anos de Tarrafal. Diz-nos que sente uma dupla satisfação agora que chegam a Portugal os ossos dos camaradas mortos naquele campo: «Satisfação por termos conseguido finalmente trazer para a nossa pátria os restos mortais dos nossos companheiros e, ao mesmo tempo, satisfação por ver que chegou finalmente o dia em que, apesar de tudo, subsiste a democracia e vamos prestar uma homenagem devida. Nós e todos os portugueses.»

Outro ex-preso do Tarrafal, Oliver Branco Bártolo, condenado na pena de 23 meses de prisão correccional, só saíu do campo de morte nove anos e três meses depois. Lembra-se daqueles sete que morreram «à míngua de medicamentos. Nem sequer um comprimido de quinino. Nem sequer nos deixavam apanhar lenha para ferver água». Comenta: «Eles escolheram o sítio mais insalubre do arquipélago. Tinham a ideia determinada de liquidar todos os presos que fossem para ali.» Há outras recordações inesquecíveis: «Uma vez, vimos o coveiro a limpar uma grande área do cemitério. Perguntámos-lhe 'para quê?' e ele explicou que 'o senhor director disse que tudo o que está aqui é para ir para o cemitério'.»

Que pode sentir um homem com nove anos de Tarrafal ao assistir à chegada dos ossos dos seus companheiros? «Avaliem-no!» Em todo o caso, Oliver Bártolo faz questão de acrescentar algo. Diz-nos que há «pides» em liberdade, mas nem ele nem os restantes camaradas guardam ódio: «Nós é que vencemos, eles é que foram vencidos.»

"Para os mais novos compreenderem que devem lutar pelas causas justas"

«Não queremos passar por heróis: as homenagens são para os nossos camaradas assassinados no Tarrafal e cujos restos mortais conseguimos, finalmente, fazer chegar à Pátria», disse ontem, numa reunião em Campolide, um antigo preso político do campo de concentração, o militante antifascista José Barata.

Tanto ele como João Faria Borda, dirigente da revolta dos marinheiros e um dos mais massacrados no campo da morte, conversaram com a numerosa assistência que se reuniu na Academia Verdi, na Rua Arco de Carvalhão. Foi uma das muitas sessões que ontem se realizaram na região de Lisboa para explicação do significado político das jornadas de hoje e de amanhã, de homenagem aos mortos do Tarrafal.

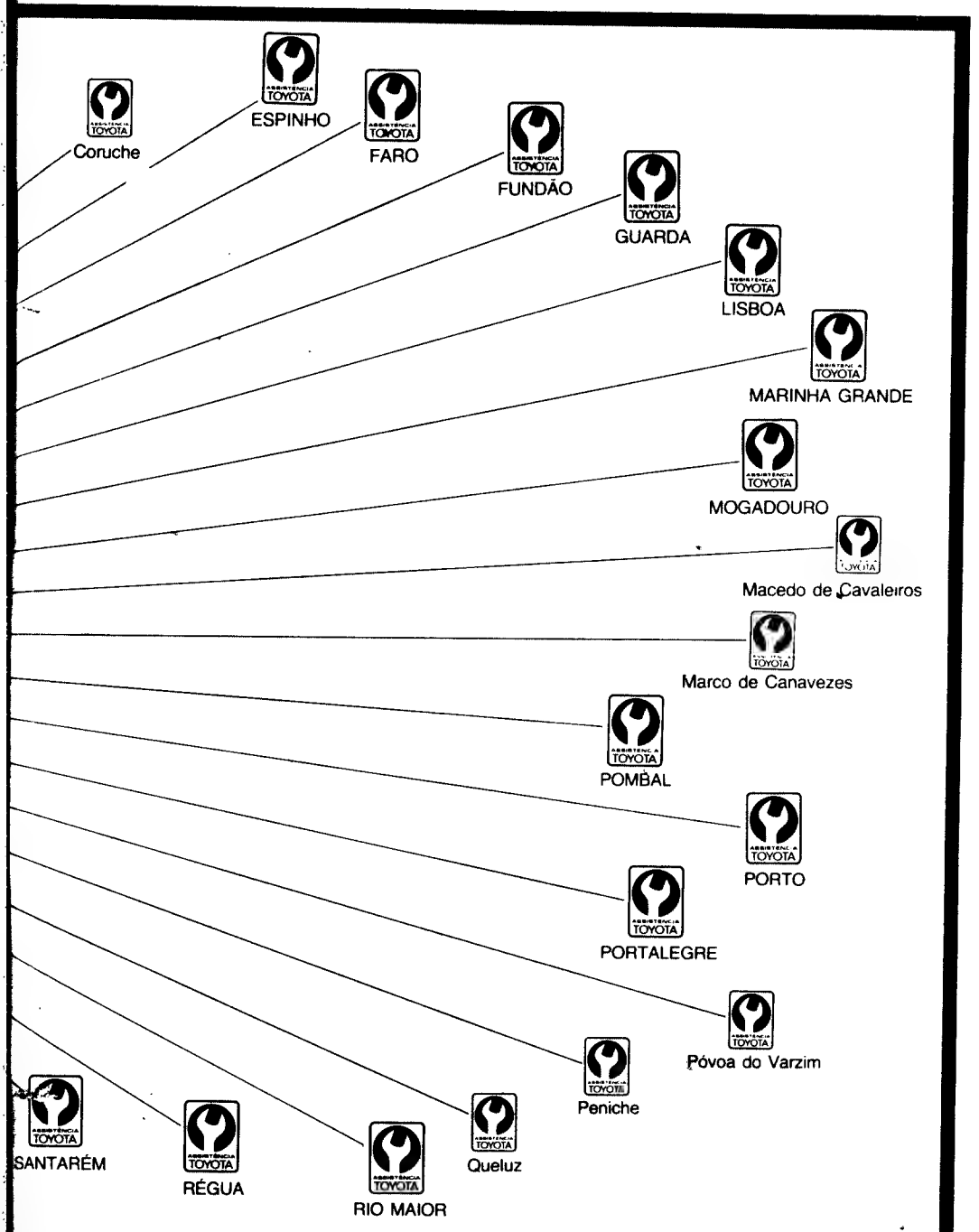
«Pela nossa parte, os que continuamos vivos e sofremos a prisão e o degredo, só aceitamos homenagens se elas servirem para exemplo dos mais novos e para que eles saibam como é importante a luta diária e a entrega total a uma causa justa», disse ainda José Barata.

A sessão de esclarecimento contou também com a presença de José Maria do Rosário, membro da URAP (União dos Resistentes Antifascistas Portugueses) que não esteve preso no Tarrafal mas cumpriu vários anos de cativeiro — na mesma altura — nas prisões de Angra do Heroísmo e de Peniche.

Ao saudar os heróis do Tarrafal, cujos restos mortais vão estar esta noite em câmara ardente em Lisboa (na Sociedade Nacional de Belas-Artes) e amanhã serão depositados no mausoléu do cemitério do Alto de S. João, José Maria do Rosário recordou o nome de outros combatentes da liberdade que passaram, igualmente, pelo campo da ilha de Santiago, ali sofreram tormentos e arruinaram a saúde, para depois virem morrer ou ser assassinados, pela Pide, em Lisboa. Concretamente, evocou a memória de Militão Ribeiro, Alberto Araújo e Fernando Vicente, assim como recordou Humberto Delgado, um lutador de outra origem política e outro passado mas que, segundo disse, «soube compreender a importância da unidade e a partir dela enfrentar directamente o fascismo».

Aliás, esta questão da unidade dos democratas e antifascistas esteve na ordem do dia, na sessão de Campolide como noutras efectuadas sobre o mesmo tema. José Barata, no decorrer da sua intervenção reforçaria o apelo feito por João Faria Borda momentos antes:

«A unidade que nos permitiu a nós, comunistas, anarquistas, sindicalistas e republicanos da velha guarda resistir aos tormentos do Tarrafal volta a ser hoje imprescindível quando o fascismo já deita a cabeça de fora e se aproxima perigosamente do poder».



nir que remediar

ções de responder inteiramente às suas necessidades. Não deixe a manutenção ndimento, em segurança, utilize sempre os serviços de assistência e peças Toyota.

A.R.L. CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVICO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

sonarte TOTA3

Pub

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Av. Visconde de Valmor, 34 – Lisboa – Tel. 770066

COMUNICADO

A tentativa de criação de uma Central Sindical fantasma como a auto-intitulada Central Democrática de Trabalhadores é um atentado aos trabalhadores portugueses que o Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa repudia vivamente, num momento em que as forças do capital e imperialistas, já com assento no Governo, se preparam para impôr aos trabalhadores uma política de recuperação capitalista, em nada conforme aos ideais do 25 de Abril e às aspirações do nosso povo.

É sintomático que esta manobra – velha e gasta cartada da CIA noutros países – apareça à luz do dia, quando o Governo PS/CDS começa a enfrentar a natural oposição dos trabalhadores. Quem pois «apadrinha» este filhote?

Alerta pois, trabalhadores. Mesmo com roupagens democráticas, o inimigo é sempre o mesmo. Desmascarando os traidores, dêmo-nos as mãos uns aos outros na defesa dos nossos interesses e direitos, em torno da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional, a Central Única dos trabalhadores portugueses que tem dado sobejas provas, mesmo durante o negro tempo do fascismo, de lutar pela libertação dos trabalhadores.

— VIVA A CONFEDERAÇÃO GERAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES – INTERSINDICAL NACIONAL!

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1978

A DIRECÇÃO

(Assinatura ilegível)

Pub

CCT COMÉRCIO (RETALHISTA) DISTRITO DE LISBOA

— AO MINISTERIO DO TRABALHO
— À UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE COMERCIANTES DO DISTRITO DE LISBOA
— À UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE COMERCIANTES DOS CONCELHOS LIMÍTROFES DE LISBOA
— ASSOCIAÇÃO DOS RETALHISTAS DE PRODUTOS ALIMENTARES

Exmos. Senhores,

Nos termos e para os efeitos previstos no n.º 1 do art.º 5.º da Lei 65/77 de 26 de Agosto, comunicamos que os trabalhadores abrangidos pelo CCTV a cuja revisão se anda a proceder, deliberaram estabelecer como forma de luta uma greve no próximo sábado 18 de Fevereiro, desde a abertura dos estabelecimentos até às 13 horas.

Esta greve visa defender a manutenção dos direitos adquiridos, nomeadamente a Semana-Inglesa, e a obtenção de Tabelas Salariais justas, concretizadas fundamentalmente, no memorando entregue pela CSN em 12/12/77.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1978

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE PORTARIA E VIGILÂNCIA
SINDICATO DOS COBRADORES
SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE MADEIRAS
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE HOTELARIA
SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
SINDICATO DOS TELEFONISTAS
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE GARAGENS
SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS
SINDICATO DOS OFICIAIS MAQUINISTAS DA MARINHA MERCANTE
SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS AGRÁRIOS

MINISTRO DOS ESTRANGEIROS ANUNCIA

"Vontade de rápida aproximação com antigas colónias portuguesas"

. O ministro dos Negócios Estrangeiros considerou, ontem, como «provocação» o comunicado de um auto-intitulado grupo de Refugiados Independentes de Portugal (GRIP) de que vários jornais se fizeram eco, entre os quais o «DL», e segundo qual, este Governo, por ter nas relações exteriores um membro do CDS ia «obrigar o MPLA e a Frelimo ao cumprimento dos acordos de Alvor e de Lusaka».

«É pura e simples sabotagem dos nossos esforços mútuos de aproximação» disse o ministro CDS que, por outro lado, reconheceu como «passo muito importante e promotedor» a nomeação recente do primeiro embaixador da República Popular de Angola em Lisboa.

«Consta do programa do Governo e foi por mim reafirmado na Assembleia da República, o desejo de maior aproximação com os países africanos de expressão portuguesa — admitiu Sá Machado —. Sabemos que, em consequências das guerras, poderá haver ressentimentos mútuos e por isso, de ambos os lados, deverá ser feito um grande esforço de compreensão».

No intervalo da reunião do Conselho de Ministros Sá Machado foi um dos membros do Executivo «requisitado» pelos jornalistas para informações suplementares às veiculadas pelo comunicado da reunião. Nesse breve encontro de meia hora falou connosco dos esforços em curso para normalizar a situação de muitos portugueses fixados na África do Sul e que em virtude do modo como entraram no País, saídos de Angola ou Moçambique, durante a descolonização, ou por não reunirem as condições exigidas pelas leis sul-africanas da emigração, correm riscos de serem expulsos do País.

Mas a questão mais batida, em especial na conversa que teve com o repórter do «DL» foi a das relações com as antigas colónias portuguesas.

Sá Machado iria, mesmo, mais longe ao garantir que, na sua opinião, essas relações de Estado a Estado poderiam ser até facilitadas estando nas Necessidades um elemento do CDS. «Nós não temos afinidades ideológicas com os partidos que estão no poder nas antigas colónias portuguesas e, por isso, não procuraremos servir-nos dos nossos contactos com o intuito de tirar efeitos político-partidários no plano interno. Somos responsáveis pelas relações. Estado a Estado. Essas relações são no interesse de Portugal e dos novos Estados africanos de expressão portuguesa. E dentro dessa perspectiva que orientaremos a nossa acção, respeitando a soberania e a independência de cada País e sem ingerências mútuas nos negócios internos».

Da "Operação Alcachofra" a Carlucci a CIA continua igual

WASHINGTON — (IPS) — Desde Nixon para cá certos interesses norte-americanos têm recorrido à CIA como «ferramenta» política, desnudando as suas misérias, atrocidades e desventuras.

Ultimamente o «New York Times» insiste com denúncias que inevitavelmente dão a volta ao Mundo. A coluna dedicada a «Actividades da CIA» inclui desde a séria eficácia até ao grotesco.

É aqui que, juntamente ao seu êxito na participação em golpes de Estado, assassínios e redes de espionagem, figura o contrato de prestidigitadores médiuns e telepatas, passando por consultas a equipas de psicólogos, médicos e supostos peritos em comportamento humano.

Noutros casos, certos projectos sinistros alcançam o grotesco através do particular senso que evidenciam alguns americanos para denominar planos e objectos. Assim como ocorreu ao presidente Carter baptizar o avião presidencial com o nome de «Flying Peanut» («amendoim voador»), uma das quatro equipas da CIA que de 1949 a 1974 se concentraram na possibilidade de controlar a mente humana autodenominou-se «Operação Alcachofra».

Os «Aldachofras», entre outras curiosidades, tiveram a seguinte: pode uma pessoa decente ser induzida a cometer um assassínio involuntário sob a sua influência?

. Mais concretamente ainda: «para um projecto superior propõe-se que um indivíduo de cerca de 35 anos, educado, dominando o inglês, bem colocado social e politicamente num Governo de (riscado), seja induzido por «Alcachofra» a actuar involuntariamente contra um político proeminente ou se necessário, contra um oficial norte-americano».

Os «Alcachofras» diziam que o acesso ao indivíduo em questão era muito breve, «provavelmente limitado a uma reunião social» e, como se tratava de um bom bebedor, propunham «drogá-lo sub-repticiamente utilizando um cocktail» e recorrendo a uma droga que o induzisse a realizar o atentado desejado pela CIA.

O problema foi apresentado em 1954, recorrendo-se à opinião de psicólogos, psiquiatras, peritos em drogas e peritos em geral. Não foi levado à prática por se considerar que era insuficiente o controlo que podia exercer-se sobre o sujeito e, como se calculava que o efeito da droga seria instantâneo, a CIA ficaria envolvida ostensivamente.

No entanto, o chefe «Alcachofra» tinha tudo resolvido. Numa informação aos seus superiores não identificados dizia acreditar que, «considerando a rapidez com que tínhamos que actuar, creio que tudo foi exactamente bem. Estávamos prontos quando se solicitou o nosso apoio, ainda que a operação se não concretizasse».

Evidentemente o oficial de segurança de «Alcachofra», Sheffield Edwards, conquistou os seus galões posteriormente foi o homem designado pela CIA para organizar a equipa que atentou contra a vida do primeiro-ministro cubano Fidel Castro.

O «strip-tease» da CIA já não merece primeira página dos diários, a menos que se trate de casos realmente sensacionais, como é o da rede de jornalistas-agentes disseminados pelo Mundo, segundo outra revelação feita também pelo «New York Times». O que aliás todos sabiam, mas ninguém dizia e não havia informação concreta para precisá-lo. A «maquinaria» norte-americana proporcionou-o, como antes proporcionou o «caso Watergate».

O «realismo» norte-americano também já entrou nos objectos de consumo. Apesar de animar (ou canalizar) o descontentamento existente nos Estados Unidos, que tanto preocupa a Administração de Carter, e favorecer a desmitificação do «império», parece não mudar nada.

Há poucos meses Frank Carlucci foi exonerado do seu posto de embaixador dos Estados Unidos em Portugal para ocupar o cargo de vice-director da CIA. Nas suas primeiras declarações como tal, Carlucci apoiou a existência de grupos de choque armados e treinados pela organização para intervir em países com conflitos sociais que ameaçam os interesses norte-americanos. Tudo igual, como sempre. E Carlucci foi designado por Carter, apoiado pelo principal assessor deste, Zbigniev Brzezinzki, «inventores» dos Direitos Humanos!

MANUEL SAMBIER

FUNCHAL-PORTO SANTO

Barco de ligação está à venda

FUNCHAL, 17 — Devido à sua difícil situação económica, a empresa concessionária do barco de médio curso, «Pirata Azul», com lotação para 200 passageiros, encontra-se na disposição de vendê-lo depois de dois pedidos de subsídio ao Governo Central não terem merecido qualquer resposta até à data.

O ««Pirata Azul», que fazendo a ligação entre o Funchal e Porto Santo já ontem esteve paralizado, encontra-se avaliado em quinze mil contos, tendo sido nele que Marcelo e Tomás seguiram para aquela ilha antes de tomarem o avião que os conduziu ao Brasil.

Durante a última greve da TAP o papel do «Pirata Azul» foi de grande importância, no transporte dos passageiros que chegavam em grande número ao moderno e bem apetrechado aeroporto de Porto Santo.

MÓVEIS SATURNO

Móveis de Sala de 25.510$00 agora 17.000$
Móveis de Sala de 21.800$00 agora 14.300$
Quartos de Casal de 21.300$00 agora 12.900$
Quartos de Criança de 14.500$00 agora 9.250$

Rua da Paiã, 34 - A - Patameiras / Odivelas - Tel. 924914

GRANDE PROMOÇÃO

Singles a partir de 17$50; Camel, Rick Wakeman — 197$50; Polystar — 225$00 e tantos outros. Preços sensacionais. Grande sortido de Cartridges a 80$00 e Cassetes a 75$00.

DISCOTECA FILINTO

Av. 5 de Outubro, 53-A • LISBOA 1 • Telef. 53 50 40

Viva os Saldos
camisas a 150$
CINDA e
no Centro Comercial RIVADH em CASCAIS

Rua Ferreira Borges, 109 ★ Rua do Conde de Redondo, 20
Rua Alexandre Herculano, 5 ★ Rua Júlio Dinis, 10

ABERTO A HORA DO ALMOÇO

LÍNGUA PORTUGUESA É TRAÇO DE UNIÃO

Cinco países africanos discutem Educação em Bissau

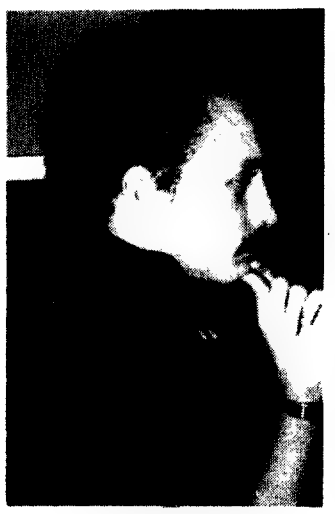
Está a decorrer, em Bissau e deverá prolongar-se até ao dia 24 do corrente, o Encontro de Ministros de Educação dos novos países africanos de expressão portuguesa, encontro destinado a confrontar e estudar as diversas experiências educativas em curso na Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

O dia de ontem foi reservado à abertura solene, pelo Presidente Luís Cabral e às intervenções políticas dos chefes das cinco delegações. As sessões decorreram na sala onde se realizou o III Congresso do PAIGC e, até ao fim destas jornadas, o Programa prevê diversas reuniões de comissões especializadas e visitas a locais históricos da Guiné-Bissau e aos centros onde decorrem as mais salientes experiências no campo da Educação e do desenvolvimento económico-social do País de Cabral.

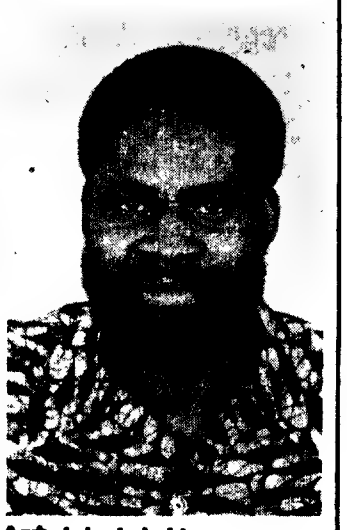
«Não se trata de cada País fazer o relatório das suas experiências», disse, há dias, Mário Cabral, Comissário da Educação da Guiné-Bissau, «mas discutir em profundidade, para encontrar formas de resolver os problemas que mais afectam o ensino nestes países, que há bem pouco tempo se tornaram independentes».

O Encontro nasceu de uma ideia já antiga, prioritariamente discutida pelo prof. Paulo Freire e pelo Ministro da Educação de Cabo Verde, Carlos Reis. Consultados os demais ministros em especial os de Moçambique (Graça Simbine) e de Angola (Ambrósio Lukoki) a adesão foi imediata sendo encarregada a Guiné-Bissau de organizar a reunião. O próprio prof. Paulo Freire ali tem trabalhado várias vezes e estão ali em curso experiências avançadas, algumas delas com o apoio de organizações internacionais que se associaram ao Encontro.

Mário Cabral, comissário de Estado da Educação da Guiné-Bissau



Carlos Reis, ministro da Informação de Cabo Verde



Ambrósio Lukoki, ministro da Educação da República Popular de Angola

Os temas a discutir dividem-se em torno de quatro áreas:

a) Educação e conhecimento; b) Educação e desenvolvimento económico; c) Educação e desigualdade social; d) Educação e identidade cultural.

Dentro destas áreas está prevista a apresentação de comunicações e relatórios sobre os seguintes temas: Relação ensino teórico e prático; Relação educador-aluno; Actividades pedagógicas da comunidade; O trabalho produtivo como elemento de coesão entre a teoria e a prática; Avaliação dos conhecimentos; Alfabetização, formação e educação permanente e mobilização popular; Objectivos dos vários níveis do ensino e a sua incidência nos programas escolares; Formação dos quadros e o seu enquadramento. Emprego; Desigualdade social e o sistema de ensino; Diplomas e seus reflexos socioeconómicos; Democratização do ensino e suas incidências socioeconómicas; Educação e formação da consciência nacional e política; Educação e organizações políticas (sociais e culturais); Conhecimento das bases da identidade cultural; Problemática da utilização das línguas nacionais.

REDUZIDA AO CIDAC A REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA

O último tema relacionado com a utilização das línguas nacionais é um dos mais aliciantes e actual, mormente em Cabo Verde e na Guiné-Bissau, países com uma língua nacional (o crioulo) utilizada por praticamente toda a gente mas ainda insusceptível de ser reduzida a escrita.

O próprio ministro Mário Cabral se referia, há dias, a esta questão ao assinalar para o jornal «Nô Pintcha» que a introdução das línguas nacionais na Educação iria ser tema dominante deste Encontro de Ministros e Educadores de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

Que se saiba, o Ministério português da Educação não enviou ninguém ao Encontro, mas há duas especialistas, ligadas ao CIDAC (Maria Clara Felgueira e Luísa Teotónio Pereira) que participam como ouvintes e a convite expresso dos organizadores. Ambas partiram na terça-feira à noite para Bissau. Participam também como ouvintes ou intervenientes diversos professores cooperantes portugueses em serviço na Guiné.

Segundo o Programa que temos à mão, e para além das reuniões de carácter técnico-pedagógico, estão previstos, encontros com a JAC (Juventude Amilcar Cabral), esta noite, visitas aos centros de cultura e reunião alargada com os professores amanhã, visitas a Bolama e Bubaque, no fim-de-semana, e uma cerimónia junto do Mausoléu de Amílcar Cabral.

O Encontro propriamente dito, conclui-se na terça-feira, às 17 horas, mas na quarta, quinta e sexta, os participantes deslocam-se ao interior da Guiné para sessões de trabalho no Centro de Educação Popular Integrada (em Cufar), ao Internato Osvaldo Vieira (em Morés) e ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Professores «Máximo Gorki», em Có, onde é feita a reciclagem dos professores da guerrilha.

Sublinhe-se, a fechar, um ponto importante e que os documentos preparatórios referem expressamente: a língua utilizada durante o encontro é o português.

Pub

SINDICATO DA FUNÇÃO PÚBLICA

ZONA CENTRO

Rua Simões de Castro, 151-1.º, Esq. — Telefone 20992 — COIMBRA

CONVOCATÓRIA

DIA 4 DE MARÇO — SALÃO DO INATEL — COIMBRA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, às 14.30 horas

Para cumprimento do Art.º 58.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral de Sócios com a seguinte Ordem de Trabalhos:

I — RELATÓRIO E CONTAS DE 1977;
II — ORÇAMENTO GERAL PARA 1978.

ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA, às 16 horas

De acordo com o Art.º 59.º — alínea a) dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Extraordinária com a seguinte Ordem de Trabalhos:

I — INFORMAÇÕES;
II — PROPOSTA REIVINDICATIVA COMUM (P.R.C.);
III — ADESÃO À CENTRAL SINDICAL (Art.º 57.º - Ponto 7 dos Estatutos).

Coimbra, 13 de Fevereiro de 1978

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José da Fonseca Martins

SALVÉ 17-2-78

No dia do seu 80.º aniversário, toda a família lhe deseja as maiores felicidades.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL 23/78
OBRAS DE BENEFICIAÇÃO GERAL

Eu, Aquilino Ribeiro Machado, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço saber que em virtude do disposto nos artigos 209.º, 212.º e 213.º da Postura de 28 de Agosto de 1930, publicada em Edital de 6 de Dezembro do mesmo ano, e da nova redacção do § 1.º do artigo 209.º daquela Postura, aprovada em 20 de Julho de 1950 e publicada em Edital de 19 de Agosto de 1950, e, ainda de acordo com o Edital de 20 de Abril de 1954, alterado pelo Edital 141 de 12 de Julho de 1962, e com o Edital de 9 de Março de 1960, deverão sofrer as obras de beneficiação a que se referem os mencionados artigos, até 30 de Setembro do corrente ano, e sem prejuízo do período máximo de 8 anos estabelecido para essa beneficiação, os prédios situados nas freguesias de Castelo, Madalena, Mártires, Santa Justa, Santo Estêvão, São Cristóvão e São Lourenço, São Miguel, São Nicolau, Santiago, Sé e Socorro, e bem assim todos os prédios que, pertencendo a outras freguesias, fiquem situados em arruamentos abrangidos, em parte, pelas áreas acima indicadas.

Os trabalhos de reparação, caiação, pintura ou limpeza, conforme a natureza da construção abrangerão as faces ou paramentos exteriores das fachadas principais, posteriores, e laterais, as empenas, telhados ou coberturas e bem assim os muros ou vedações de qualquer natureza, barracões, barracas, telheiros e outros cobertos, sejam ou não vistos da via-pública.

Juntamente com as reparações e beneficiações já referidas, serão reparadas e pintadas ou caiadas, as escadas ou quaisquer passagens de serventia dos prédios, reparadas as canalizações de esgoto e as de escoamento de águas pluviais, lavadas e reparadas as cantarias, azulejos e todos os revestimentos ou motivos de ornamentação e, ainda, reparadas e pintadas as paredes dos saguões e dos pátios interiores, assim como as portas, caixilhos, persianas e gradeamentos, quer deitem ou não para a via-pública, devendo igualmente ser levadas a efeito todas as obras interiores necessárias para corrigir as degradações não atribuíveis a uso normal que afectem o bom aspecto, salubridade e segurança das habitações.

Ainda na mesma ocasião, em todos os prédios, em que nalguns dos pavimentos estejam instalados estabelecimentos comerciais ou industriais, que apresentem a parte da fachada correspondente a esses estabelecimentos guarnecida de forma apropriada ou pintada de cor diferente da do resto da fachada do prédio o inquilino respectivo, logo após a limpeza feita pelo senhorio, quando desejar manter as condições anteriores, mandará executar a competente reparação, pintura ou limpeza a não ser que, por contrato entre o senhorio e o inquilino, aquele tenha tomado o encargo dessas obras.

Juntamente com a execução das obras indicadas serão também reparadas, beneficiadas e pintadas as armações exteriores, montras, tabuletas e alpendres.

São atingidos por estas disposições os pavilhões, quiosques, mesas de refrescos ou outras instalações colocadas na via-pública na área indicada.

Findo o prazo indicado neste Edital, serão intimados os proprietários e os locatários dos estabelecimentos abrangidos pelo § 2.º do artigo 209.º, que forem encontrados em transgressão, a proceder às necessárias obras no prazo de 15 dias, findo o qual não cumprindo, serão autuados com a multa de 500$00, de acordo com o que preceitua o artigo 214.º da Postura de 28 de Agosto de 1930 (com a redacção aprovada em 20 de Julho de 1950 e publicada pelo Edital de 19 de Agosto de 1950) e o Edital de 20 de Abril de 1954, alterado pelo Edital 141 de 12 de Julho de 1962.

Poderão ser isentas de obrigatoriedade das obras mencionadas neste Edital as construções concluídas há menos de 8 anos e situadas nas áreas indicadas ou que, sendo mais antigas, tenham sofrido deste prazo as beneficiações que este Edital determina, umas e outras quando o seu estado de conservação e limpeza não afecte o bom aspecto da Cidade.

Esta isenção deverá ser requerida pelos respectivos proprietários.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 14 de Janeiro de 1978.

Pel'O PRESIDENTE,
António Silva Graça

MÓVEIS SATURNO

Fabricamos directamente para o público com preços de revenda

PREÇOS EXCEPCIONAIS ATÉ 24/2/78

Rua da Paiã, 34 - A - Patameiras / Odivelas - Tel. 924914

ITÁLIA

Esquerda tem contrapropostas ao novo programa de Governo

. Comunistas e socialistas prepararam para hoje uma barragem de contra propostas ao programa governamental do primeiro-ministro italiano designado, Giulio Andreotti, que consideram inadequado.

A crise governamental italiana, que se arrasta há 32 dias, poderá entrar agora numa fase decisiva com o primeiro encontro entre Andreotti e os dirigentes dos seis partidos cujo apoio ele procura para o novo governo. Este encontro iniciou-se ao fim da manhã no gabinete de Andreotti, no Palazzo Chigi.

A esquerda, que se tornou um factor vital para qualquer combinação governamental quando os comunistas obtiveram 34,5 por cento dos votos nas eleições de 1976, criticou duramente o programa económico de Andreotti, que prevê mais impostos, tarifas mais elevadas dos serviços públicos e poucos ou nenhuns aumentos salariais para compensar a inflação.

«Apresentaremos contra propostas sobre vários pontos do programa» anunciou o membro do directório comunista, Gerardo Chiaromonte.

O secretário-geral do Partido Comunista, Enrico Berlinguer, discutiu ontem a estratégia durante duas horas com o dirigente socialista, Bettino Craxi, tendo afirmado depois que estiveram de acordo nas críticas ao documento de Andreotti.

Embora os comunistas e socialistas levantem objecções a várias medidas de austeridade propostas por Andreotti, as suas críticas visam principalmente as barreiras levantadas pelo primeiro-ministro designado ao pedido da esquerda de participação total numa maioria parlamentar com os democratas-cristãos.

"FUERZA NUEVA" E MSI

Fascistas lançam "Eurodireita"

. **Giorgio Almirante, secretário-geral do fascista MSI-DN (Movimento Social Italiano-Direita Nacional) anunciou ontem à noite na capital espanhola a criação de uma «Eurodireita».**

Perante duas mil pessoas reunidas na sede de «Fuerza Nueva» (partido da extrema-direita espanhola dirigido por Blás Pinar), Giorgio Almirante declarou que a união entre o MSI e «Fuerza Nueva» poderia agora «servir de ponto de referência e de estímulo a outras forças europeias».

«A 'Eurodireita'», precisou Giorgio Almirante, «lutará contra o 'cavalo de Tróia' que representa o 'Eurocomunismo'. Ulisses pode ser tanto Carrillo, como Berlinguer, mas pode ser que Carrillo seja mais que o meu compatriota», ironizou Almirante. Recordou que a Itália e a Espanha «lutaram juntos em 1936 para eliminar o perigo marxista em Espanha».

FINLÂNDIA

Desvalorização da moeda derruba primeiro-ministro

. **A coligação de cinco partidos do primeiro-ministro social-democrata Kalevi Sorsa demitir-se-á hoje, após azeda** dissensão interna sobre a desvalorização da moeda da Finlândia.

O chefe do Governo anunciou a resignação, ontem, à noite.

Os socials-democratas de Sorsa e os comunistas, que pertenciam também à coligação, opuseram-se às medidas para desvalorizar o marco finlandês. Contudo, ontem, o gabinete votou por 8 a 4 a favor da desvalorização em oito por cento contra uma série de divisas estrangeiras. Três ministros não assistiram à sessão.

Observadores notaram que **era provável que o presidente Urho Kekkonen solicitasse a Sorsa para continuar como primeiro-ministro provisório. Esta é a terceira desvalorização da moeda em onze meses. O marco finlandes foi desvalorizado em 5,7 por cento, em Abril último, e em três por cento, em Agosto passado.**

SOMÁLIA

Jornal do Kuweit anuncia demissão de Siad Barre

. O presidente somali Siad Barre demitir-se-ia «para permitir a solução definitiva do conflito do Corno de África» e seria substituído pelo seu cunhado Ahmad Suleiman, chefe da Segurança Nacional, «considerado como mais moderado», escreve hoje o jornal kuweitiano «Al Rai Al Aam».

Segundo o jornal, a demissão de presidente da Somália seria acolhida «com satisfação» tanto pela URSS como pelos Estados Unidos.

«Al Rai Al Aam» escreve por outro lado que o conflito no extremo oriental da África corre o perigo de se espalhar a Djibuti e aos dois lémenes, em consequência da reivindicação do lémen do Sul sobre a ilha de Brim, situada no mar Vermelho, que é também reivindicada pelo lémen do Norte.

Entretanto e surpreendentemente, David Aaron, um assistente de Zeigniew Brzezinski, conselheiro de Carter para as questões de «segurança nacional», irá hoje à Etiópia para tentar «melhorar as relações entre Washington e Addis-Abeba», indicou na noite passada um representante do Departamento de Estado.

«Dado que atravessamos uma fase relativamente delicada nas nossas relações preciosas e de longa data com a Etiópia, pareceu-nos oportuno elevar o nível do diálogo e ter, a possibilidade de explicar ao Governo Militar Provisório etíope a política norte-americana e em particular os nossos esforços para promover a resolução pacífica do conflito entre a Etiópia e a Somália», precisou este representante que quis guardar o anonimato.

O alto funcionário recordou que os Estados Unidos não tinham actualmente embaixador em Addis-Abeba. Recusou-se a revelar qualquer outro pormenor relativo à missão de Aaron.

RODÉSIA

Reacções ao acordo Smith-moderados

Guerrilheiros da Frente Patriótica declararam que intensificarão a guerra para derrubar o Governo branco, e comentaram que o acordo interno celebrado em Salisbúria entre Smith e os moderados «é um acto de traição». Estas declarações constam de um comunicado distribuído no Maputo e transmitido pela Rádio Moçambique, numa emissão captada em Londres. A Frente Patriótica afirmou também possuir todas as minutas das negociações internas entre Smith e Sithole, o bispo Abel Muzorewa e o chefe tribal Jeremiah Chirau. A Frente declarou ainda estar convencida de que o acordo de Salisbúria é uma conspiração que envolve os interesses do imperialismo internacional. Como síntese de tudo quanto se passou, lê-se no documento que «a solução interna é nula».

Vão surgindo, entretanto, as reacções ao acordo Smith-moderados. Assim, os países da «Linha da Frente», através da Zâmbia, consideram o acordo «irrelevante e sem conteúdo».

Um porta-voz do Ministério zambiano dos Negócios Estrangeiros declarou:

«A Zâmbia sempre apoiou a Frente e as propostas anglo-americanas para um autentico e permanente acordo de independência na Rodésia. A Zâmbia nunca concordou com um acordo interno. Um acordo interno, excluindo a Frente, nunca poderá pôr termo à guerra no Zimbabwe».

Por sua vez, Moscovo considera o acordo interno de Smith-moderados «um plano neocolonialista, tendente a preservar o domínio branco sob fachada africana». Segundo a TASS, a garantia de 28 lugares destinados aos brancos, num Parlamento de 100, preservará o domínio de uma minoria de brancos sobre mais de seis milhões de negros, pois qualquer emenda constitucional poderá ser derrotada por 23 votos.

Finalmente, David Owen, ministro dos Estrangeiros britânicos, embora não muito satisfeito com o acordo, considera que «foi dado um primeiro passo».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

BRASIL

Índios declaram guerra contra invasores brancos

. **As ameaças que os índios do Brasil fazem desde há algum tempo estão em vias de se concretizar e reeditar naquele país cenas típicas dos tempos das descobertas, em pleno século XX. Mil e quinhentos indígenas das tribos Guarani e Kaigang, armados com arcos, flechas, lanças, cacetes e velhas espingardas, uniram-se para expulsar cerca de 2000 «civilizados» que nada mais são do que colonos que invadiram as suas terras da reserva do rio das Cobras, no Estado do Paraná, na região Sul do país. A reserva está localizada próxima da «turística» foz do Iguaçú, a 300 quilómetros da fronteira com o Paraguai.**

Uma equipa de dez funcionários da Fundação Nacional do índio-FUNAI, ao invés de tratar imediatamente da remoção dos invasores, dirigiu-se para a região a fim de pedir aos índios que dilatem o ultimato de oito dias para que os brancos deixem as suas terras, garantidas por lei.

O chefe (cacique) dos Guaranis declarou que os índios estão cansados das agressões, torturas e intimidações levadas a cabo pelos «jagunços» contratados pelos colonos ricos e fazendeiros e, como as autoridades ditas competentes nada fizeram diante das sucessivas reclamações, os legítimos e milenares proprietários daquelas terras resolveram agir «à sua maneira». A ocupação das terras índias começou em 1969, graças à corrupção dos próprios chefes da FUNAI na região, que vendiam partes das reservas a colonos e fazendeiros. Em 1975 os invasores já possuíam vários hectares e a ocupação prosseguiu até Dezembro do ano passado. Os índios finalmente rebelaram-se em Janeiro passado, quando «jagunços» queimaram algumas das suas cabanas.

Os brancos invasores, que a princípio disseram querer evitar confrontos, romperam o acordo na semana passada, sequestrando e torturando barbaramente um índio de nome Jeronimo. Por outro lado passaram a comparar armas e afirmam que não devolverão as terras «que são suas».

Afirma-se que a intenção da FUNAI, agora que o conflito atingiu tais proporções, é indemnizar ou ceder outras terras aos «civilizados», mas estes mantêm-se intransigentes e não querem perder o que já investiram na região que usurparam aos índios.

RFA

Lei "antiterrorista" aprovada por um voto

A coligação bipartidária que forma o gabinete do chanceler alemão, Helmut Schmidt, apresentou no Parlamento novas medidas de «combate ao terrorismo», mas algumas delas suscitaram viva controvérsia, tendo obtido uma maioria escassa de um voto.

Na sequência de dez horas de debates, alguns dos quais violentos, o Parlamento oeste-alemão aprovou ontem o decreto governamental por 245 votos a favor contra 244, o que constiu a mais escassa maioria conseguida por Schmidt, desde que foi nomeado chanceler, em Maio de 1974.

Os democratas-cristãos da oposição votaram contra as medidas argumentando que elas «não vão suficientemente longe para deter a ameaça de actos terrostistas», que atingiram o auge em 1977, com as mortes do procurador geral federal, de um dos principais banqueiros do país e ainda do presidente da associação do patronato alemão.

Quatro membros da ala esquerda do Partido Social Democrata de Schmidt votaram também contra as medidas natiterroristas; mas baseando a sua argumentação no facto delas poderem violar as garantias constitucionais sobre privacidade de domicílio.

As novas leis dão à Polícia poderes extraordinários para efectuar buscas em residências, montar postos de controlo em estradas e, além disso, permite a detenção de qualquer pessoa durante doze horas quando esta não apresente prova de identidade, depois de mandado parar pela Polícia em «operações de perseguição de terroristas».

Simultaneamente, o Parlamento torna mais fácil a qualquer juiz dispensar um advogado de defesa suspeito de «concluio com terroristas» e efectua uma emenda ao Código Penal para permitir que os vigilantes das prisões separem os presos dos seus visitantes por um vidro.

No princípio desta semana circularam rumores de que Helmut Schmidt consideraria a votação parlamentar das suas «medidas antiterroristas» como uma questão de confiança, e que estaria disposto a resignar caso não obtivesse uma maioria na aprovação.

Contudo, círculos políticos indicaram que esses rumores podem ter sido levantados propositadamente pelos líderes parlamentares do SPD numa tentativa de chantagem moral para conseguirem dominar os votos dos elementos da ala esquerda do partido.

MERCENÁRIOS NA NICARÁGUA

Guerrilheiros Sandinistas abatem soldados dos EUA

. **Os guerrilheiros Sandinistas da Nicarágua afirmam terem morto um soldado norte-americano num combate, de acordo com um comunicado divulgado hoje nas Honduras.**

Os Sandistas asseguram que «o combate contra uma patrulha antiguerrilha, teve lugar na última quinta-feira nas montanhas de Nova Segóvia».

A patrulha era dirigida «por um homem branco, alto, forte, que falava inglês e vestia uniforme do exército norte-americano».

No mesmo combate foi ferido outro norte-americano e o terceiro, que também falava inglês, conseguiu debandar juntamente com a patrulha.

Recentemente, circularam **renúncias em Manágua sobre a presença de mercenários contratados pela ditadura do general Anastásio Somoza para combater os Sandinistas.**

O comunicado revela ainda **que, nesse combate, foi capturado o código de comunicações da Guarda Nacional Nicaraguense, assim como listas nominais de soldados, oficiais, colaboradores da Guarda e de pessoas capturadas ou a serem presas por colaborarem com os guerrilheiros.**

Depois de analisar o «fracasso» da greve geral contra Somoza, o comunicado afirma que ele «só cairá pela força das armas, pois a Guarda não é Nacional e sim «Somozista» e tem de ser derrotada militar e politicamente».

Os Sandinistas pedem ainda **a solidariedade internacional contra o «armamentismo do regime» e apelam ao povo norte-americano para «desmascarar a política hipócrita de Direitos Humanos do presidente Carter, que apoia o regime da Nicarágua, como o provou com o recente empréstimo** de 20 milhões de dólares à ditadura de Somaza».

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

EM NOME DA REACÇÃO, DO IMPERIALISMO E DA OBJECTIVIDADE, AMEN!

Quinta-feira é dia de filme grande. Seria preferível que fosse dia de grande filme. Tempos houve de esperança na possibilidade de estas noites de cinema se transformarem numa espècie de cineclube de nós todos. Milhões de pessoas, por esse país fora a condenados a não conhecerem o cinema como arte veriam assim chegada a altura da sua valorização estética. Afinal, não. Afinal, parece que tudo não passou de um sonho breve e, quanto ao cinema (e não só, e não só) se regressou ao curral.

Volto a falar nesta falta de senso de terminar as quintas-feiras, depois do filme, com a recusa de uma **caixa alta**. Porque de duas, uma: ou a emissão tem interesse, e nesse caso colocavam-na a horas de boa audiência; ou não tem interesse, e nesse caso qual o interesse da sua transmissão a qualquer hora? Eh gente, não estraguem a noite aos espectadores que passaram hora e meia com a sua conta de coboiada ou romantismo, deixem-nos ir para a cama sem a má digestão dos problemas, o que se torna basto incómodo.

Estas **caixas altas** funcionam muito ao jeito das notas oficiosas. Curiosamente, quando ao nível do Governo começa a despertar o sentimento saudável de quanto de abusivo as notas oficiosas representam, é neste preciso momento que, com esse nome ou, encapotadamente, com outro nome, as notas oficiosas se intensificam. Será em nome da... objectividade?

Ah, meus amigos, as costas largas desta palavra **objectividade**! Como, à sombra dela, vinga o mais impúdico escalracho da subjectividade...

Vejam, por exemplo, a maneira como na televisão se trata a questão do corno de África. Longe de pegar o toiro pelos cornos, o Telejornal torce, retorce, nhã-nhã, nhã-nhã. Trata-se de um verdadeiro corno duro de roer. A televisão escorneia sempre objectivamente mas sempre — é curioso! — contra a Etiópia. Certo modo de redigir tem a sua laracha... objectiva. Assim, os quenianos obrigaram à aterragem um avião egipto **sob a alegação** de transportar armas para a Somália. O avião levava mesmo armas, é um facto incontroverso, mas neste caso a objectividade, a factualidade não funciona — há que temperá-la com o parcial ponto de vista dos quenianos...

Outro exemplo da objectividade é aquela reportagem sobre a vila de Aljustrel. Reparem: são 14 mil habitantes, 470 quilómetros quadrados, 770 mineiros à profundidade de 265 metros, oito horas por dia debaixo da terra, 1300 toneladas de minério extraídas diariamente e assim por diante. Já estão a ver: objectividade à farta. Mas o resto, ou seja, o principal? As terríveis condições de vida? As reformas de miséria? E também a elevada consciência política e patriótica dos trabalhadores e da população de Aljustrel? As suas tradições antifascistas? A sua contribuição para a implantação da democracia em Portugal? Os muitos e muitos mártires pela liberdade filhos de Aljustrel, homens que no escuro das minas divisaram, com seus olhos de diamante, o futuro radioso da sua Pátria?

Quanto a isso, nada se confessou. Passaram a milhas do essencial. Em nome de quê? Bem... ora em nome de quê! Em nome da objectividade.

AZEITE E ROMANTISMO

Voltando à **Caixa Alta**: o tema foi o azeite. Com uma actuação verdadeiramente desastrada de Adriano Cerqueira que nem sequer ouvia os interlocutores, que os interrompia a destempo, que não lhes consentia as explicações. Não admira. A caminho da meia-noite, um homem, naturalmente, tem dificuldade em articular ao menos uma ideiazinha. Meia-noite não se fez para pensar, ao menos para razoar em termos diurnos. A mando do Senhor, as aves recolhem aos ninhos para repousar, para dormir. Para sonhar talvez.

Quanto às razões da fraca produção de azeite na actual campanha, será que ela se deverá unicamente à fraca produtividade das oliveiras? Pergunto. Mas não é verdade que ficou muita azeitona por apanhar, o que não se compreende num País de desempregados? Não é verdade que milhares e milhares de trabalhadores, homens e mulheres da cidade, ajudaram os camponeses na apanha da azeitona, numa campanha de solidariedade que demonstra um alto sentido patriótico da defesa da nossa economia? E não é verdade que um Governo de facto interessado em defender a economia e os trabalhadores poderia dinamizar o nosso povo para muitas campanhas semelhantes? E não é verdade que as campanhas para a apanha da azeitona não tiveram o mínimo apoio da Televisão e da Rádio?

Muito haverá ainda por dizer a este respeito. Mas foquemos mais este ponto: dada a escassez da produção, um dos doutos interlocutores apelou para os consumidores no sentido de... consumirem menos!

Na prática, meu caro senhor, o apelo transforma-se num aviso aos açambarcadores, aos consumidores com mais alto poder de compra. A partir de hoje iremos assistir a uma autêntica corrida ao azeite. Porque só com exagerada e indesculpável dose de romantismo é que se fazem apelos destes. Em questões de economia há que tomar medidas realistas que defendam na prática os consumidores com menos fundo de maneio, porque os outros estão-se marimbando ou atulham a despensa ou recorrem ao mercado negro. Em todo o caso, não assim tão negro que não se faça... às claras.

Almas assim tão sensíveis não deviam tratar da salvação da azeitona mas sim da salvação da alma. Porque a evangelização fica de fora dos supermercados.

AMANHÃ ESTREIA ÀS 21.30
teatro do bairro alto

Todos os dias às 21 e 30
Domingo só às 16 e 30
«Um dos melhores espectáculos feitos em Portugal».
(Carlos Porto)

ATENÇÃO

O local do espectáculo dos Area em Lisboa mudou do Pav. da Amadora para o PAV. DOS DESPORTOS, dada a grande afluência de público, mantém-se o dia e a hora.

Os bilhetes já vendidos devem ser trocados no dia do espectáculo no Pavilhão dos Desportos, até à hora do seu início.

area ao vivo em portugal

com a participação da brig. victor jara

coimbra sab. 18 21 30 h pav. olivais
lisboa seg. 20 21 30 h pav. desportos
porto terça 21 21 30 h pal. cristal

promovido pela uec

os discos dos "Area" são distribuídos em Portugal pela
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

Brigada Victor Jara editada pela mundo novo

distribuição CDL

FILgráfica
FILescola

STAND SASSETTI

AMANHÃ SÁBADO, DIA 18/2/78

pelas 17 horas, estarão presentes os nossos artistas:

JOSÉ BARATA MOURA
JOSÉ FANHA
PEDRO BARROSO e SHILA

A-fim de autografarem discos

NÃO FALTES !

A MÚSICA É O NOSSO OFÍCIO

Hoje

Tony Correa em «O Casarão»

I PROGRAMA

18.05 Abertura — **Telejornal** — 1.ª edição.
18.12 Gulp — «Instrumentos musicais».
18.18 Bota de Sete Léguas — Reportagem sobre FILGráfica — Filescola, e uma entrevista sobre o Ciclo de Cinema Polaco em Lisboa.
19.15 Telecinema.
19.40 Telejornal Regional.
20.00 Telejornal — 2.ª edição.
20.25 O Casarão (35.º episódio). Telenovela de Lauro César Muniz. Produção da Rede Globo de Televisão.
21.00 Boletim Meteorológico.
21.05 Bailado — «Duo Concertant», pelo New York City Ballet. Música de Igor Stravinsky. Coreografia de George Balanchine. Realização de Hugo Niebeling.
21.25 O Caminho das Estrelas — Série de Ficção Científica.
22.15 A Música e o Silêncio — Um programa de António Vitorino de Almeida.
22.45 Telejornal — 3.ª edição.
23.00 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

19.05 Ano Propedêutico.
22.00 Telejornal.
22.20 Uma cidade riscada do mapa (Documentário).
23.25 Fecho.

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA
DESTAQUES
I PROGRAMA
O Caminho das Estrelas (21.25)
II PROGRAMA
Uma cidade riscada do mapa (22.20)

Amanhã

I PROGRAMA

14.00 Abertura e Telejornal — 1.ª edição; **14.05** Desporto 78; **14.25** Ida e volta; **14.50** Eurovisão-«Rugby» Râguebi-País de Gales-Escócia; **16.35** Cinema de animação; **17.00** Uma Casa na Pradaria — 7.º episódio; **18.00** Página sete; **19.05** Asas no céu — 5.º episódio; **20.00** Telejornal — 2.ª edição; **20.25** Século 3; **21.00** Boletim Meteorológico; **21.05** Eurovisão: Uma canção portuguesa. Última fase para apuramento da canção original que representará a Rádiodifusão Portuguesa no «Eurovisão 78». A segunda parte é preenchida com um «show» de uma hora por Elis Regina; **23.25** Sábado especial com o filme «As Portas do Paraíso»; **00.35:** Fecho.

II PROGRAMA

22.05: Telejorna; **22.30:** Opereta «A Condessa Mariza»; **00.00:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

HOJE às 21.30 hs
TEATRO ABERTO
ZUMBI
encenação de
AUGUSTO BOAL
AMANHÃ às 20.30 - 22.45 hs

"A BARRACA"
CONTA
ATÉ 19 FEV. ÀS 21.30 H
AO QU'ISTO CHEGOU
Sociedade Rio de Janeiro
Rua da Atalaia, 120
(ao Bairro Alto)
Telefone 327276
M/13 ANOS

TRINDADE • INATEL
Hoje • ESTREIA • 21.30
OS EMIGRANTES

de SLAWOMIR MROZEK
com: JOÃO PERRY e ANTÓNIO MONTEZ
Cenários: JOSÉ RODRIGUES
Canções: MANUEL FREIRE
Encenação: JOÃO LOURENÇO
Terça a Sábado 21.30/Domingo 16 h (N. Ac. M. 13)
UM ESPECTÁCULO DO TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
SUBSIDIADO PELA S. E. C.

comuna
teatro de pesquisa
apresenta diariamente às 21.30
A MÃE
DE BRECHT
domingo só matinée às 18 h
2.ªs-feiras — descanso
praça de espanha
metro: palhavã telef. 762624
subsidio da s.e.c.
sábado e domingo, dias 18 e 19, às 16h.
estreia — novo espectáculo infantil da comuna
"VIAGENS FABULOSAS DE SIMÃO E ZACARIAS"

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"A mulher do domingo" de Luigi Comencini

FICHA:
Título original: La donna della domenica
Realização: Luigi Comencini (Itália-França — 1975)
Argumento: Age e Scarpelli, **segundo romance de** Fruttero e Lucentini.
Fotografia (eastmancolor): Luciano Tovoli
Música: Ennio Morricone
Montagem: António Siciliano
Interpretação: Marcello Mastroianni **(Santamaria)**, Jean-Louis Trintignant **(Massimo)**, Jacqueline Bisset **(Anna Carla)**, Aldo Reggiani **(Lello Riviera)**, etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes/Fox.
Cinema: Roxy
Classificação: Não acons. men. 18 anos
Duração: 110 minutos.

Talvez seja em Itália que a conjugação entre as facetas industrial e artística do cinema apareça como mais transparente. Com efeito (e falamos a nível de Europa) é na cinematografia transalpina que melhor se fundem essas duas componentes, de tal modo que não é, praticamente, possível falar de autores fora do esquema da grande indústria e vulgar é verem-se nomes importantes assinarem obras de marcadas características comerciais, ao passo que é raríssima a existência de filmes «de autor» que não se integrem nos canais industriais. O que torna essa cinematografia particularmente interessante é a capacidade dos seus melhores realizadores fazerem obras marcantes dentro da indústria, ou seja, a invulgar lucidez que é saber que o cinema é, antes de tudo, produto de grande e ávido comércio e que, em termos de eficácia, a marginalização corresponde sempre a um estatuto de impotência. Claro que não é embarcando, a todo o custo, no comércio que se avança coerentemente para qualquer lado; claro, no entanto, também que não é reduzindo-se continuamente a um casúlo minoritário que se pode, de algum modo, pretender marcar pontos junto das camadas largas do público. O que o cinema italiano tem sabido fazer é conjugar as várias facetas do problema. De Ferreri a Bertolucci, os seus grandes autores são, hoje, homens bem rodados nos canais da indústria.

Para lá da intriga policial assaz vulgar, um esboço subtil de uma certa burguesia italiana

Vem isto a propósito deste filme de Comencini, filme que à primeira vista não ultrapassa os esquemas bem oleados da produção corrente. Intriga policial nem sequer muito bem tecida, **A mulher do domingo** parece não oferecer outros motivos de interesse que não sejam os de um rápido e não avilante consumo.

E, no entanto, por este filme perpassa o esboço de uma alta-burguesia frívola e decadente, enredada nos seus inúteis jogos de salão, plena, ainda, de um **charme** quase aristocrático mas já esvaziada de sentimentos, de vigor, de vida. E, no entanto, neste filme os personagens nunca se ancoram em algo para lá da superfície brilhantista e **blasé** nunca ganham foros de justeza com a qual o espectador se identifique, nunca são, de algum modo, de carne e osso mas apenas fantasmas bruxuleantes, projecções que agonizam num vazio onde nem morte nem amor têm estatuto para romper o marasmo. Um retrato da burguesia nortista (Milão, Turim e etc.) que não desmerece afinal da já vasta obra de Comencini.

"Os Emigrantes" em Lisboa

Desde meados de Dezembro de 1977 que o público do Norte tem esgotado diariamente a lotação do teatro António Pedro afim de assistir às representações de «Os Emigrantes». A partir de hoje e numa curta série de representações (por acordo o espectáculo tem de voltar ao TEP) o público de Lisboa vai ter oportunidade de assistir a um espectáculo que foi considerado por alguns críticos como um dos mais importantes trabalhos teatrais de 1977. «Dois portugueses vivem em conjunto numa cave imunda de um luxuoso prédio de apartamentos numa qualquer cidade da Alemanha Federal, um subproletário e um intelectual. Mrozek desenvolve através de um diálogo enformado numa dialética de agressividade um discurso sobre a condição humana a felicidade e a liberdade. Os problemas imediatos dos emigrantes estão ali, na peça, no palco, mas só para servirem de pretexto a mensagem mais ambiciosa do autor, mensagem que ressalta do diálogo, frequentemente histérico, apoplético, de dois homens partilhando a mesma condição de subexistência, mas diametralmente colocados no plano da concepção do mundo».

2.ª SEMANA DE ÊXITO no quarteto
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
A Comissão de Classificação dos Espectáculos considerou esta realização como FILME DE QUALIDADE

ÊXITO ESPECTACULAR DA MAIS GOZADA REVISTA POPULAR!
ÁDÓQUE teatro
APRESENTA
Ora vê lá tu!...
O MAIS DIVERTIDO ELENCO DA REVISTA À PORTUGUESA
FRANCISCO NICHOLSON • HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO • MARIA TAVARES • FÁTIMA VELOSO
CARLOS QUEIROZ • FERNANDO DE OLIVEIRA • MARIA N'ZAMBI • VASCONCELOS VIANA
E AINDA O
GRUPO DE BAILADO ÁDÓQUE
TODOS OS DIAS DUAS SESSÕES — às 20.30 e 22.30 • MATINÉES AOS DOMINGOS — às 16 horas
Folgas às Quartas — Não acons. a menores 18 anos
... E NO SÁBADO (ÀS 16 HORAS) LEVE O SEU FILHO A VER A FESTA DA MALTA

DE BOCA SILENCIOSAMENTE ABERTA

Festival de cantigas: doze para um trono

Amanhã, à noite, quando o telespectador se aconchegar no sofá para espreitar o Festival da RTP, talvez não saiba que está a ser defraudado: vai escutar as canções em «play-back», os artistas abrem a boca mas não dizem nada, a orquestra funcionará somente através de uma alavanca que mistura os sons, pois cada intérprete estará, no desempenho do seu ofício com a garganta bem longe do palco exíguo do Teatro Villaret.

História curta: a parada das doze canções estava prevista para ocorrer no São Luís mas, por uma questão de lana caprina, mobílias, armas e rostos mudaram-se para a Fontes Pereira de Melo. António Andrade e Óscar Acúrcio, a contas com o problema criado pela falta de espaço para os devaneios dos cantantes (também a obrigarem os fulcros do «show» a deambularem dentro de pequeno espaço) lá conseguiram convencer Tonicha e Cid, mais os Gemini, a fixarem os trinados na fita magnética. Por último, um júri que vai desde Eusébio a conhecido produtor radiofónico, começou hoje a debruçar-se sobre a dúzia de melodias assinadas por Carlos Mendes ou pelo «habitué» Carlos Canelhas, pelo persistente Cid ou pelo colega Mário Contumélias, sabido que não dará a cara ao grande público mas vogará, após o veredicto, na crista da onda por larga e rasgada semana.

Maria José dos Açores, para ver o que dá

José Cid, os Gemini e Tonicha (mesmo engripada), vão alinhar, de seis em seis minutos, frente a uma plateia contemporizadora e, pode dizer-se, praticamente estática perante a necessidade espectacular de oferecer aplausos ou silêncios para os cantores: o «play-back» é mau conselheiro para as palmas e, muito dificilmente contagiará os 250 convidados do Lumiar para a sua festa anual. Os títulos das melodias são quase tirados a papel carbono de um manual lamechas, endereçado ao 5.º esquerdo, à sonhadora menina Adelaide: «O meu piano», «O circo e a cidade», «Pela vida fora», «Porquê», «Tudo vale a pena», «Um dia, uma flor», «O largo do coreto», «Ano novo, vida nova», «Canção da amizade», «Aqui fica uma canção», «Dai-li, dai-li dou», «Quem te quer bem, meu bem». Em matéria de «ineditismo», de «fora-pirosismo», não se poderia esperar pior.

Uma locutora do Centro de Produção da RTP, nos Açores, a esguia, altíssima e elegante Maria José, acompanhará Eládio Clímaco na apresentação da parada das rimas, cinco minutos após as 21 de amanhã, a uma hora que, antigamente, quando a coisa era mesmo para doer e as firmas discográficas entravam em prévia escaramuça, as salas de espectáculos estavam desertas e as ruas sem vivalma. Amanhã, retornadas as guerrilhas ao alecrim e à manjerona, tudo ficará equacionado numa pequena verdade: 36 minutos de palpites, a voz alegre e atiradiça da buliçosa Elis Regina em fim de festa e, daí a pouco, mais nenhum comentário. Nem lutas nem batalhas, porque nem a sala do Villaret permite os planos fundos a espiarem Ary e sua comitiva, nem (tampouco) as máquinas dirigidas por Luís Andrade estarão lá para outro fim que não seja, dilectantemente, assenhorearem-se dos personagens do cartaz e, com elas, bulirem no espectador aninhado, de Norte a Sul. É preciso escolher embaixada para Hong-Kong e Lapónia, para 20 países em cogitações, para dilatados milhões em análise: não queremos, não quer ninguém, que a Europa se divorcie dos nossos anseios só por causa de um cantor qualquer.

Neves de Sousa

ODEON HOJE ESTREIA

a comovente história de uma rapariga a quem o destino reservou as maiores paixões e misérias...

N.ACONS. M.13 anos

VÍTIMA DE UM PECADO

(Lucecita)

Analia Gade-Juan Luis Galiardo
Susana Estrada-Eduardo Fajardo
REALIZAÇÃO: José Luis Madrid
PRODUÇÃO: KFILMS S.A.

Techniscope Eastmancolor Astória Filmes

EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS FILMES OCIDENTE

MUNDIAL ESTREIA HOJE ÀS 21.30 AVIS

A ESPOSA SILENCIOSA

THE SILENT WIFE

3 GRANDES PRÉMIOS DO FESTIVAL DO FILME ASIÁTICO
(interpretação · argumento · fotografia)

啞女情深

BETTY TANG

CHUN HSIUNG KO

realização Hsing Lee

a mulher, a esposa, a mãe...
no amor, na devoção, no sofrimento...

Produzimos um vasto lote de publicações.

Mas ainda não esgotámos a possibilidade de produzir mais – e melhor.

Consulte os Serviços Comerciais da
renascença gráfica

R. LUZ SORIANO 44 – LISBOA—TELEFS. 321154/5 - 320271/2/3

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO MÊS DE CULTURA POPULAR PORTUGUESA

PROGRAMA DA FESTA FINAL DE ENCERRAMENTO DO MÊS DE CULTURA POPULAR PORTUGUESA

10.00h -Desenhos animados (Pit, o coelho verde; Caldo de Pedra; Os Dez Anõezinhos da tia Verde-Água; As duas Comadres).
10.30h -«Gente do Norte» (filme com música de José Mário Branco).
12.00h -Momento de teatro com Helder Costa (encenador do grupo de teatro «A Barraca», com uma experiência muito rica de teatro com emigrantes portugueses em França).
-Grupo de teatro de Marvila com as peças de teatro, «Os bons vizinhos» e «As duas caras do patrão».
13.15h -Médias metragens (Universidade em movimento; São Pedro da Cova; Júlio de Matos... Hospital ?).
15.00h -Grupo Coral «Os Amigos dos Açores».
15.30h -Grupo de Intervenção Musical.
16.00h -Francisco Naia e João Pimentel.
16.30h -José Mário Branco.
17.00h -José Fanha, Tó e Clarisse, Assis Pacheco, Lucilinia e Victor, Pitum.
18.30h -Grupo de Canto Popular de Almada.
19.00h -Grupo de Teatro dos CTT com a peça «Este livro que vos deixo» de António Aleixo.
20.30h -Shila.
21.00h -Grupo de Acção Cultural (GAC).
21.30h -Grupo Coral de Aletejanos de Carenque.
22.00h -Pedro Barroso.
22.30h -Tino Flores.

AMANHÃ SÁBADO 18, NO SALÃO NOBRE DO IST

AS DIRECÇÕES ASSOCIATIVAS DA AEIST, AEFCL, AEISE, AEESBAL (ARTES PLÁSTICAS), AEESBAL (ARQUITECTURA), AEMAGISTÉRIO E AE DA ESCOLA DE ENFERMAGEM.

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

AVISO

Fernando José Madeira Ribeiro Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Moita, avisa todos os feirantes e público em geral que por motivos de Obras de Saneamento de Esgotos nesta Vila, no local onde normalmente se efectua o MERCADO MENSAL, este se não realiza nos meses de FEVEREIRO e MARÇO do corrente ano.

Para marcação de terrado com vista aos futuros mercados, oportunamente, serão avisados todos os feirantes, pelos processos usuais.

Moita, 1 de Fevereiro de 1978

O Presidente da Câmara

Fernando José Madeira Ribeiro

Proteja a sua vida!

Use sempre o cinto de segurança

circular e viver.

ALVES JÁ É DO BENFICA

Transferência oficializada em reunião de quatro horas

João Alves, o rapaz das «luvas pretas», é do Benfica. Ontem, num hotel de Madrid, foi posto ponto final em toda a questão, com a assinatura de um documento vinculativo, por parte de dois dirigentes do Salamanca e outros tantos do Benfica (José Ferreira Queimado e Romão Martins), na presença de um advogado. De acordo com informadores bem colocados, foi completo o entendimento.

Durou quatro horas a reunião, que teve, como é óbvio (até porque é um dos interessados), a presença de Alves. Quatro horas de conversações e papelada para quatro anos de contrato. Tudo perfeito (aparentemente) e legal (idem). Um encontro solene, pois que fecha uma transferência que deu brado, aqui e no país vizinho, fazendo retornar ao nosso país o mais completo (ao lado de Oliveira) dos jogadores portugueses.

Mas, caramba! doze mil contos (a dar crédito ao que se tem afirmado e escrito) que não entram (ou saem de) em Portugal, para que em seu lugar volte o melhor centrocampista da paróquia, é de estarrecer. Já aqui o escrevemos, e não nos cansa repeti-lo. Do mesmo modo que os 200 «pacotes» para Alves por mês é qualquer coisa que impressiona. Qualquer das cifras constitui um exagero: a primeira para a nossa balança de pagamentos (que entre a partida de Alves do Boavista para Salamanca, e o seu retorno desta equipa ao seu antigo clube, de onde saiu por razões que são publicamente conhecidas apresenta défice); a segunda, ao que ganha a maioria dos seus compatriotas: menos num ano que Alves num mês.

Não há, ao contrário dos que malevolamente pretendem insinuar, qualquer «campanha organizada» contra o regresso de Alves ao Benfica e a Portugal. Todos os que gostam do couro apreciam o futebolista e profissional, e se lembram, com efeito dos sacrifícios do jogador para servir a nossa selecção nacional, desde, por exemplo, as dificuldades que lhe foram postas pelos adeptos salamantinos aquando do jogo, no Porto, entre Portugal e a Polónia, até às suas viagens, ainda em representação do nossos «AA», a Copenhaga e a Cherzow. Sobretudo a esta última, pois que viajou de avião e táxi aéreo, no reverso, na tentativa de se apresentar em Sevilha com a sua equipa, vinte e quatro horas depois.

Só Alves, na verdade, era homem para tanto desgaste e não menos exigências. Exactamente porque, no seu interior, latejava o patriotismo futebolístico, e um íntimo desejo de voltar ao nosso país. Esses factos, portanto, pesam enormemente no espírito de quem sempre opinou (embora possam afirmar o contrário) pelo seu retorno a Portugal. Mas nunca envolvendo as cifras que vêm sendo referidas que no essencial e em certa medida prolongam os exageros verificados com as contratações de Cubillas (FC do Porto) e Keita (Sporting).

ADEMIR NO BOAVISTA?

Ademir parece ter assinado um vantajoso contrato com o Boavista válido por dois anos. O respectivo documento deu entrada nos Correios e está prestes a chegar à Praça da Alegria (se ainda não chegou). A confirmar-se, é a mais sensacional, depois da de Vítor Baptista, transferência da época (sem contar, obviamente, com a de Alves), sobretudo se nos recordarmos que o brasileiro marcou, domingo, três dos quatro golos da sua actual equipa.

M. FERNANDES E BARÃO

Barão e Manuel Fernandes deverão alinhar, amanhã à tarde, contra o Académico, em Alvalade, na 2ª jornada da segunda volta do «Nacional», a despeito de terem sido punidos com um jogo de suspensão pelo Conselho de Disciplina da FPF, devido aos «casos» da Luz, no último domingo. Aqueles dois jogadores não alinharam pelo Sporting, quarta-feira, contra o Sintrense, em jogo de reservas da AFL, razão porque poderão descer ao relvado amanhã. O mesmo não poderá fazer Hertz, que não alinhará, domingo, contra o Benfica, no encontro mais importante da ronda, pois a sua equipa viu o jogo do respectiva calendário adiado.

ALMIRO RENOVA

Almiro renovou por mais duas épocas pelo Guimarães, seguindo assim os passos de Ferreira da Costa e outro brasileiro, Alfredo. Entretanto, foi formada uma comissão encabeçada pelo actual presidente da Assembleia Geral, Egídio Pinheiro, a fim de conseguir um elenco directivo ante a recusa de Gil Mesquita em continuar à frente dos destinos vimaranenses.

JOGOS ANTECIPADOS

Sporting-Académico e Felrense-Setúbal, às 15 e 30, são os dois únicos encontros antecipados para amanhã no «Nacional» da I Divisão, jornada número dois da segunda volta. U. Lamas-Sanjoanense, Gil Vicente-Famalicão, Leixões-Fafe e CUF-Nacional estão nas mesmas condições, mas começam às 15 horas, para o «Nacional» da II.III Divisão: Bragança-Vizela, SL Olivais-Pêro Pinheiro (no campo do Oriental), e M. Olhanense-M. Rosairense (no Estádio de S. Luís, em Faro), às 15 horas, e Tadim-Joane e Benfica e Castelo Branco-Lousanense, são encontros antecipados também para amanhã.

FRASCO: OUTRO «CASO»

Frasco assinou, para a próxima época, pelo Leixões (sua actual equipa) e pelo FC do Porto. Mais um «caso», daqueles que começaram há dois anos e se generalizaram. Haverá que tomar medidas para evitar «comédias» como esta.

RUI LOPES DESCONTENTE

O prometedor Rui Lopes está disposto a deixar o Benfica, onde despontou para o futebol antes de viajar para o Algarve e se transferir para Guimarães. Recorda-se que o excelente atacante não logrou impor-se esta época ao serviço do Benfica.

Eusébio no júri do Festival da Canção

Entre dois jornalistas e ao lado da vedeta brasileira Elis Regina (uma constante cíclica ante as plateias portuguesas) teremos Eusébio da Silva Ferreira no júri das cantorias para a Eurovisão, a decidir (dedo no ar?) qual a melhor canção, qual o intérprete mais qualificado para (como de costume) ajudar, lá fora a colocar a RTP no plano inferior das pontuações europeias. Eusébio a dar opinião sobre liras e poemas: uma novidade. Ou, talvez nem isso.

Contra a droga

Subordinada ao tema «conclusões do VII Congresso Internacional para a Problemática da Droga», realiza-se hoje pelas 21 e 30, uma «mesa redonda» promovida pela Sociedade Portuguesa de Medicina Desportiva.

Serão intervenientes os drs. Neves Cardoso, Dias Cordeiro, Daniel Sampaio e Nuno Miguel, e a sessão decorrerá na sede daquela instituição (Avenida da República, 34-1.º, em Lisboa).

Entretanto, no próximo dia 24, na mesma sociedade, o dr. Rui de Moura falará sobre o «Congresso Mundial de Actividades Subaquaticas», que dades Subaquáticas», que decorreu o ano passado, na Austrália.

Seguir-se-á uma sessão de carácter administrativo em que serão eleitos novos sócios.

Efectuou-se uma reunião de trabalho entre a Direcção-Geral dos Desportos e a Direcção-Geral do Apoio Médico, que teve por objectivo o levantamento dos assuntos relacionados com a avaliação e controlo médico-desportivo dos atletas do sector federado, bem como o estudo das medidas a tomar quanto ao controlo da dopagem desportiva.

Foram definidas, as linhas essenciais a coordenação das acções cometidas às duas Direcções-Gerais e áreas de intervenção no âmbito das actividades desportivas, tendo sido decidido proceder à programação das acções imediatas, com a finalidade de promover a implantação progressiva das astruturas de controlo anti-«doping» e de proceder à elaboração da regulamentação necessária a que aquele deverá obedecer. Nesse sentido, serão em breve consultados os diferentes organismos interessados, entre os quais avultam a hierarquia federada, de modo a assegurar um tratamento global dos problemas do controlo e do apoio médico-desportivo.

NA SUA AGENDA

ATLETISMO

O II Torneio Inter-Associações (Lisboa-Coimbra-Porto) de atletismo (corta-mato reservado às categorias juvenis) decorrerá depois de amanhã, a partir das 10 e 30, no Porto, a cargo da AAP. Entretanto, amanhã, sob a égide da Associação de Atletismo de Lisboa, processa-se o II Torneio de Velocistas, Saltadores e Lançadores, a partir das 15 e 30, no estádio Nacional. Domingo, em Madrid estarão Cristina Lourenço e Esmeralda Mota, do Belenenses, nos Campeonatos Nacionais de Juniores de Espanha em pista coberta.

GINÁSTICA

A Federação Portuguesa de Ginástica promove amanhã, a partir das 14 e 30, no ginásio do Liceu Pedro Nunes, o Torneio Rodolf Bode, de ginástica rítmica e desportiva. Encontram-se inscritos 44 atletas, distribuídos por dois clubes: Lisboa Ginásio Clube (38) e Clube Desportivo da Fábrica dos Cimentos Tejo de Alhandra (6). É para todos os escalões etários.

TÉNIS DE MESA

Académica de Santarém-E. Comércio, Belenenses-Casa Pia, Benfica-Sadinos, Palmeiras-Desportivo Operário e Sporting-A. da Amadora jogam esta noite para o Campeonato Nacional da I Divisão de Ténis de Mesa, na Zona Sul. Na Zona Norte defrontam-se Oliveirense--Aldoar, D. Portugal-Sp. das Caldas, FC do Porto-Cultural, At. da Sismaria-Campo de Lis e CDUP-Galitos da Figueira da Foz.

VOLEIBOL

Sp. das Caldas-Benfica: jogo esta noite (22 horas) para o «Nacional» da I Divisão, Zona Sul, de voleibol, para a última jornada da 1.ª volta. Amanhã, ainda na Zona Sul, defrontam-se CDUL-Lisboa Ginásio (19 e 30). Nacional de Ginástica-Atlético (21 e 30) e Núcleo Gil Vicente-Técnico (21 e 30 também), no campo dos primeiros, fecham a ronda na segunda-feira. Na Zona Norte, amanhã jogam: CDUP-Porto, 21.30 Pav. Universitário; Barg. Leça-Leixões, 21.30, Esc. António Nobre; A. S. Mamede-Sp. Espinho, 19.00, Pav. S. Mamede; Esmoriz-Ac. Coimbra, 21.30 Pv. Esmoriz. Domingo (ainda na Zona Norte): Ac. Coimbra-CDUP, 18.00 Pav. Uni. Porto; F.C. Porto-Basquete de Leça, 22.00 Pv. Antas; Leixões-Ac. S. Mamede, 21.30, Pav. Siza Vieira; Sp. Espinho-Esmoriz, 22.00 Pv. Sp. Espinho.

FUTEBOL DE SALÃO

Com a realização dos encontros correspondentes à segunda jornada, prossegue, no próximo sábado, no Pavilhão da Luz, o I Torneio de Futebol de Salão, organizado pela ANOP e que conta com a participação das equipas do «Record», «Bola» e «Mundo Desportivo», além da equipa organizadora. Às 9 horas, defrontam-se a ANOP e o «Record» e, às 10H15, disputar-se-á o jogo «Bola»-«Mundo Desportivo». Na primeira jornada «A Bola» venceu a ANOP por 2-1, no único encontro disputado, já que o jogo «Record»-«Mundo Desportivo» foi adiado.

HÓQUEI EM PATINS

"Nacional" da I Divisão começa hoje com vinte equipas

É esta noite que começa o Campeonato Nacional da I Divisão de hóquei em patins, que comporta vinte equipas: dez na Zona Sul e outras tantas na Norte. Trata-se agora, a partir de hoje e em 18 jornadas, de apurar oito equipas (as quatro melhores de cada «área») que disputarão uma fase final para encontrar o campeão e a ordenação final das melhores equipas participantes.

Ao mesmo tempo (também a partir da primeira ronda que esta noite arranca) que em cada zona se joga para apurar os quatro melhores para a fase final, igualmente se «leiloam» as posições derradeiras na «zona dos aflitos», pois que duas equipas em cada «área» serão despromovidas, cedendo os seus lugares aos primeiros classificados (quatro equipas) da II Divisão nas duas Zonas.

Esta noite, a Norte, defrontam-se: Oliveirense-Infante de Sagres, Carvalhos-Sanjoanense, Valongo-FC do Porto, Espinho-Candal e Riba d'Ave-Invicta. Na Zona Sul: Cascais-Campo de Outique, Oeiras-Paço de Arcos, Benfica-Parede, Sporting-Salesiana e A. da Amadora-CUF.

O Sporting, detentor do título nacional que procurará (embora a empreitada nos pareça gigantesca e quase impossível), naturalmente, revalidar, recebe a Salesiana. À primeira vista, dir-se-ia que se trata do tipo de embate mais adequado a ilações por parte de Torcato Ferreira, o «mestre» do patinado de Alvalade. Mas, atenção: a Salesiana é sempre uma equipa difícil, de explanação suave mas contundente, que pode, numa noite de inspiração, causar sérios embaraços aos «leões». Do mesmo modo e ao mesmo nível que o Campo de Ourique que se desloca ao campo do Dramático (Cascais) para não perder. Claro que ao Dramático compete ganhar, e poucos especialistas se atreverão a admitir o contrário. Mas, enfim, estas coisas do hóquei também comportam as suas surpresas.

Desafio aparentemente equilibrados são o Oeiras-Paço de Arcos (não só pela rivalidade que motiva as duas equipas, mas também pelo potencial de ambas) e o Académico da Amadora-CUF, em que aos visitantes se atribui relativo favoritismo. Pode dizer-se que ambos os prognósticos são reservados, o que não acontece no Benfica-Parede, em que a turma «encarnada», vinda do Torneio de Abertura de Lisboa em grande forma, e da Taça de Portugal que arrecadou com inegável brilho e justiça, se apresenta como superior.

Na Zona Norte, temos logo um Valongo-Sanjoanense para funcionar como «barómetro» da «temperatura» na «área». Para começar, nada melhor como embate, pois que se trata, ao que parece, das duas melhores equipas de «cima», acompanhadas, é bem certo, pelo Infante de Sagres que foi dos Rendeiros e hoje é dos Goms da Costa. Estes (e o Infante) deslocam-se a Oliveira de Azeméis, ao campo que foi do Escola Livre e é, presentemente, da Oliveirense.

Encontros equilibrados podem ser o Espinho-Candal (favoritismo, apesar de tudo, para a Académica) e Riba d'Ave-Invicta (Relógios), equipas agora promovidas. O Carvalhos, que recebe a Sanjoanense (que já foi das mais apetrechadas no nosso meio, sobretudo quando os manos Azevedo se encontravam em actividade) no Colégio local, é apontado como favorito.

"NACIONAL" DE BASQUETEBOL

Benfica-Ginásio e Porto-Sporting: os "mais" da ronda

O Benfica, Académico de Coimbra (empatados em pontos) e o FC do Porto (com menos um ponto) serão os principais «esgrimistas» para dois lugares que ainda não têm «locatário», com vista ao apuramento dos seus finalistas ao Nacional de Basquetebol. Poderá, eventualmente, o Barreirense «ser chamado ao diálogo» com aquele trio. Certos na «poule» decisiva da prova por enquanto são o Sporting, Ginásio e Sangalhos.

Na jornada dupla deste fim-de-semana, o Académico, que recebe o Queluz e o Algés será das equipas a viver com mais preocupações o apuramento a que estará mais à vontade, podendo mesmo admitir-se que se adiantará aos seus competidores de posição, já que o Benfica dificilmente vencerá o Ginásio, o Barreirense não terá grandes hipóteses perante o FC do Porto (nas Antas) e, por sua vez a turma azul-e-branca não está com balanço para, mesmo em «casa» se bater com «leões» de porte atlético excepcionalmente avantajado.

Desde que (à 2.ª jornada) o Sporting foi vencido em Sangalhos, realizou mais onze jogos sem perder, o que revela grande eficiência atacante, pois que sete deles excederam a «centena». No entanto, a defender, a turma «leonina» mostra-se menos coesa, fruto possivelmente da ilimitada confiança na sua capacidade de finalização ou de uma atenção menos cautelosa às soluções defensivas.

No FC do Porto instalou-se o descrédito, quanto a nós sem razão, pois a turma azul-e-branca apenas perdeu um jogo em casa (com o Académico) que era «de vencer». Problemas internos em que o técnico Carlos Ferreira é alvo transmitiram-se aos adeptos, que exigem demasiado na convicção de que a equipa «tem obrigação» de ganhar a todos. O «cinco» do FC do Porto, está desmoralizado e vai ter dificuldade em recompor-se, principalmente em «casa» em que a incompreensão dos adeptos terá de ser o primeiro «adversário» a dominar. O Sporting, como comandante destacado, apresenta-se como o opositor ideal (por possuir uma formação poderosa) para que os azuis-e-brancos recuperem o moral muito abalado. Se a derrota surgir para o FC do Porto, a aceitação apriorística da superioridade do adversário pode ser uma atenuante, se o FC do Porto vencer estarão encontradas, cremos as melhores condições para o vice-campeão nacional ganhar novos alentos com vista, principalmente, à fase final do Campeonato. Algo nos segreda, contudo que o Sporting está bem «couraçado» para a sua última «operação nortada» nesta fase.

As 14.ª e 15.ª jornadas envolvem os seguintes jogos — sábado (21 horas): Benfica-Olivais, Atlético-Ginásio, FC do Porto-Barreirense, CDUP-Sporting, CA Coimbra-Queluz e Sangalhos-Algés.

Domingo (17 h): Benfica-Ginásio, Atlético-Olivais, CDUP-Barreirense, FC do Porto-Sporting, CA Coimbra-Algés e Sangalhos-Queluz.

Académica da Amadora: torneio de aniversário em "casa"

Académica da Amadora surpreende e bate o Sporting na final do quadrangular que comemorou o seu 36.º aniversário.

Sem surpresa mas com certa dificuldade, o Benfica com todas as suas vedetas alcança o 3.º lugar batendo o Parede. Resultados gerais 4-3 em ambos os encontros.

Benfica e Parede a jogarem a meio gás. Tecnicamente um mau desafio no decorrer do primeiro período. Uma segunda parte mais veloz por parte do Parede que, só a muita maturidade de Casimiro e um guarda-redes que tem por nome Ramalhete, conseguiram talvez evitar novo deslize neste torneio. Jogo bem ganho. Apesar de tudo...

De seguida, Sporting e Amadora entraram no rinque.

Jogo veloz. A deixar adivinhar um Sporting disposto bem cedo a conquistar o troféu. Iam decorridos os primeiros 4 minutos e Sobrinho fez das suas. Cá do meio da rua, petardo seco e 1-0. Reage bem a Académica e surge a igualdade pouco depois. Logo de seguida, de novo Sobrinho, a papel químico, repõe a diferença, para de novo, dois minutos depois, uma insistência Sampaio igualar.

Com tonalidade rápida se foi desenvolvendo a partida. Enquanto o Sporting (Chana) parecia perder o chamado tempo de passe (baixa de forma muito grande), a Amadora parecia agigantar-se e jogando rápido, trocando bem a bola, causava problemas com contra-ataques venenosos, frente a Albino.

Bem vista a substituição de Quim, acreditamos que para descansar, pois estava a jogar bem. Rui, por sua vez, aparecia mais comedido nesta final. Jogando de forma extraordinária, viria a fazer um excelente golo. A sua substituição ter-lhe-á feito bem.

O Sporting, entretanto, complicava e, por outro lado, Saraiva I dava tudo por tudo. Assim, Rui recebendo um excelente passe de Saraiva II, fez tudo até ao toque de morte para Quim. O melhor golo e a melhor jogada do desafio.

Com o 4-2 a AAA pareceu descansar um pouco e Chana, viria a fazer o 4-3 para a Amadora congelar a bola nos poucos segundos que faltavam para o apito final.

Voltamos a não gostar deste Sporting, onde apenas Sobrinho parece igual a si próprio.

Em relação à Amadora, óptima partida para Saraiva I. Rui foi diferente para melhor e Quim fez dois óptimos golos. Saraiva II e Sampaio aproximam-se dos seu real valor. Vitória do colectivismo.

Boas as duas arbitragens a deixarem jogar.

Equipas e golos:

Benfica — Ramalhete, Casimiro (2), Fanã (1), Virgílio (1) e Piruças — Rui Santos, Quim e Dantas.

Parede — Eloi, Zé Carlos, Leitão (1), Orêncio (1), e Fachadas (1) — Alexandre, Ricardo e Dinis.

Sporting — Albino, Sobrinho (2), F. Pereira, Chana (1) e Jorge — Basílio, Picas e Carlos Alberto.

Amadora — Saraiva I, Saraiva II, Sampaio (1), Rui (1) e Quim (2) — Vicente, Ivo e Carrega.

Arbitraram respectivamente Pinho dos Santos e Vítor Belguinha.

LUÍS FILIPE

ANDEBOL

Expectativa na cauda

Definidas praticamente as principais posições quanto ao apuramento, em que se decidirá o título (Sporting, Belenenses e F. C. do Porto «estão» na fase final), o Campeonato Nacional da I Divisão de Andebol continuará a disputar-se com as atenções voltadas para o segundo lugar nortenho e para os dois últimos de ambos os agrupamentos, que serão despromovidos.

Foi pensando neste importante pormenor que o CDUL bateu sensacionalmente o Passos Manuel e o Campo de Ourique empatou em Castelo Branco. Ainda pelo mesmo motivo, o Encarnação fez a vida negra ao Benfica, este vencedor por dois golos. Grupos «desmotivados» da finalidade desta fase (ficar nos dois primeiros e evitar a queda nos dois últimos de cada zona), vão ter à perna, usando de todos os processos (naturalmente lícitos), antagonistas teoricamente inferiores, mas que, na altura própria, se agigantam com o objectivo de materializar as suas ambições. Para além daqueles casos apontados na Zona Sul, também no agrupamento nortenho algo de semelhante se passou no jogo F. Holanda-Vilanovense (penúltimo contra 2.º), em que os vimaranenses «à priori» sem possibilidades de êxito, vieram a triunfar e até com expressão.

As jornadas (seis) que restam para conclusão desta fase revestem-se de particular expectativa nos casos especialmente citados: segundo da Zona Norte e os dois últimos de ambos os agrupamentos.

A «ronda» de amanhã, salvaguardadas possíveis surpresas, parece-nos, contudo, pouco propícia a êxitos de grupos situados na «zona dos aflitos», como se pode inferir dos desafios a disputar que são os seguintes: sábado (à noite) — **Zona Norte**: Gaia-Académico, Vilanovense-F. C. do Porto, Maia-Póvoa, S. Mamede-Francisco de Holanda, Beira-Mar-Desp. Portugal e Braga-S. Bernardo. **Zona Sul**: Benfica-C. Branco, Caramão-Campo de Ourique, Sporting-Oriental, CDUL — Belenenses e Almada-Vit. Setúbal.

RÁPIDAS

Real Madrid e Estrela Vermelha de Belgrado (Crvena Zvezda), da Jugoslávia, estarão nas meias-finais da Taça da Europa (Campeões) de Basquetebol. O Crvena Zvezda ganhou ao CUC de Clermont-Ferrand (França), por 84-75, no jogo da segunda «mão» dos quartos-de-final da competição.

Madrid venceu o Jugoplastika, da Jugoslávia, por 77-72, no jogo da sétima jornada da Taça dos Clubes Campeões Europeus da modalidade, disputado em Split.

Joaquim Agostinho é o 73.º na «geral» da «Volta ao Mediterrâneo», que começou na quarta-feira e ontem teve duas tiradas, com Menton e Nice na rota. Agostinho está a 1m e 19s do guia, o alemão Gregor Braun, que ganhou o prólogo. Hoje, corre-se entre Grasse e Saint Raphael.

MODALIDADES EM DESFILE

XICO BRITO

O dr. Vítor Brás entregou ontem, no Coliseu dos Recreios, a «Medalha de Bons Serviços» que o Governo atribuiu a Xico Brito pelos seus 50 anos ao serviço do pugilismo português. O popular lutador que mereceu a calorosa homenagem que lhe foi prestada naquele recinto, não só ao ex-atleta, mas também ao técnico, ao dirigente e ao empresário.

BODAS

O Grupo Sport Chiquilho Cruzeirense completa amanhã 50 anos. A popular colectividade do Casalinho da Ajuda (n.º 8-A Lisboa 3: para os interessados) leva a efeito algumas realizações para comemorar a histórica data. Para começar, hoje, das 22 às 3 da manhã baile. Segunda-feira, sessão solene e, no próximo dia 26, almoço de confraternização.

CONSELHOS DE DECORAÇÃO-1

"SALA DE JANTAR ESTILO INGLÊS"

B. R. LDA.

Este estilo é considerado como sendo uma interpretação mais confortável do Directório e Império.
Os móveis têm acabamento em laca negro ou dourado, ornamentados com bronze, metal e incrustrações.
Os mais populares motivos ornamentais do estilo são as estrelas, cabeças de animais, garras, flores e flechas cruzadas.
Tem feito escola em Portugal e tem atravessado gerações sendo bastante procurado pelos conhecedores do bom gosto.
Cores preferidas para o estilo: verde, verde salsa, cardeal e ouro.
Para a decoração sugerimos as n/referências n.os: 270 — 271 — 274 — 1667 — 2071 — 2226 — 2228 — 2261.
Faça na sua casa a decoração certa para o estilo do seu mobiliário.
Consulte o n/técnico INÁCIO sempre ao v/dispor. Somos diferentes, somos

BENTO, RATINHO, LDA. — Rua dos Douradores, 72-1.º — Lisboa — Tel.: 324941 / 372956
RODA & NETO, LDA. — Av. Almirante Reis, 4-1.º — Lisboa — Tel.: 537522 / 557483

7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa

ANÚNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

O Dr. JOAQUIM AUGUSTO VALENTE CANTANTE Juiz de Direito do 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

Faz saber que por este Juízo e 1.ª secção correm seus termos uns autos de execução sumária em que são: exequente a TRANSPORTADORA CENTRAL DA RUA DOS CAMINHOS DE FERRO, LD.ª, e executada a sociedade CONSTRUTORA DE MOBILIÁRIO PARA CABELEIREIRO DE FERNANDO DE JESUS, LD.ª, com sede na Quinta de Santo António, Lote 7, freguesia de Camarate, concelho de Loures, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, que se contará da segunda e última publicação deste, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1978.

O ESCRIVÃO DE DIREITO DA 1.ª SECÇÃO
Elmano Ascensão de Coito

MANUEL NUNES MATIAS

(Aposentado bancário)

FALECEU

Sua mulher, filhos, noras, netos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade, o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realizou ontem pelas 16.30 horas, da sua residência, R. do Colégio, 22 Portimão para o cemitério da sua terra natal, S. Bartolomeu de Messines.

ALGÉS

JOSÉ MARQUES

FALECEU

CAMPOS & MARQUES, LDA. e seus colaboradores, participam a todos os seus estimadas clientes e amigos que faleceu o sr. José Marques, pai do seu sócio-gerente e patrão, José da Conceição Marques, cujo funeral terá lugar amanhã pelas 10.30 horas, saindo da Igreja da Cruz Quebrada para o cemitério de Carnaxide, antecedendo-se missa de corpo presente pelas 10.00 horas.

TRATA: AGÊNCIA MACHADO DA COSTA

Em BUARCOS o Diário de Lisboa
vende-se na PAPELARIA SATÉLITE

ENSINO

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

JSD e UEC na segunda volta

. A lista «C», afecta à Juventude Social-Democrata, e a lista «B», conotada com a União dos Estudantes Comunistas, disputarão no próximo dia 21 a segunda volta das eleições para a Direcção da Associação Académica de Coimbra.

A lista «C» obteve 1831 votos e a «B» 1126. Concorreram outras duas listas: a «D» — independentes de esquerda — que alcançou 1077 votos e a «A» — PCTP/MRPP — que teve 107.

Por outro lado, efectuaram-se também ontem as eleições para a Assembleia dos Representantes da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra com os seguintes resultados: Professores — lista «A», encabeçada por Eduardo Correia, 17 lugares; lista «B», encabeçada por Teixeira Ribeiro, 13 lugares. Alunos — lista «A» (JSD) — 9 lugares; lista «B» (UEC) — 15 lugares; lista «C» (CDS) — 6 lugares. Funcionários — lista «A» 11 lugares; lista «B» também 11 lugares.

LICEU DE VILA REAL

Listas propostas pela JSD venceram nas eleições para a Associação de Estudantes do Liceu Nacional de Vila Real e para o Conselho Directivo da Escola Secundária de Vila Real de Santo António.

Obtiveram, respectivamente, no primeiro e segundo casos, 41,2 por cento e 66 por cento dos votos.

Necrologia

MORTE DE UM ANTIFASCISTA

Causou profunda dor entre os seus camaradas de trabalho, a morte de JOSE ADOLFO HENRIQUES FERNANDES: José Fernandes esteve sempre na primeira linha da luta contra o fascismo, em defesa da democracia, pela construção do Socialismo.

Desde 1-11-65 que desenvolvia a sua actividade profissional na Sandvik Portuguesa, onde o seu espírito de camaradagem lhe grangeou grande estima e amizade.

Actualmente era membro da Comissão de Trabalhadores e da Direcção de Casa do Pessoal da empresa.

A MORTE DO VIGILANTE

Secretário do MEC não recebeu delegação da Escola do Cacém

. Não foi recebida pelo MEC, mais concretamente pelo secretário de Estado da Administração Escolar, a delegação da Escola António Sérgio do Cacém, com o pretexto que não tinha marcado entrevista.

A delegação pretendia entregar uma moção de protesto pela insegurança que se vive no exterior da Escola e que já originou o assassinato do vigilante António Andrade Moreira na madrugada do passado dia 5. Exigiam ainda que seja dada uma pensão à viúva e a sua contratação para funcionária do respectivo estabelecimento de ensino.

Entretanto, o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública-Zona, emitiu um comunicado em que sublinha: «os trabalhadores não devem nem podem suportar por mais tempo esta situação de insegurança, que é de inteira responsabilidade do ex-MEIC e que se agrava de dia para dia».

«O que acontecerá aos contínuos — perguntam — que segundo a circular n.º 5, têm de substituir os guarda-nocturnos no seu impedimento? Que garantias de segurança têm os trabalhadores auxiliares quando indivíduos estranhos às escolas provocam distúrbios e a PSP e a GNR não aparecem apesar de contactadas?», das?».

Recordamos que os progressores e empregados se recusaram a fazer funcionar a escola, à noite, enquanto não forem criadas condições de segurança. A própria Associação de Pais tem desenvolvido e apoiado toda esta luta. Uma subscrição de auxílio provisório à família, de iniciativa desta Comissão, está a ter grande apoio por parte da população.

Pub

AO LADRÃO

. Que tirou de um carro Fiat 124 spider, estacionado na Travessa dos Fiéis de Deus, junto ao «Diário de Lisboa», na madrugada de quinta-feira, uma pasta com documentos diversos, pede-se que os devolva para a Rua da Rosa, 252, 1.º Lisboa, em virtude de a sua falta estar a criar graves problemas ao respectivo proprietário.

Rádio

1.º Programa

18.00: Noticário. **18.15**: Discurso directo (RDP/Uma orquestra). **18.40**: Música Portuguesa Instrumental. **19.00**: «A agricultura que nós temos». **19.45**: Música instrumental. **20.00**: Jornal da noite. **20.30**: Conjuntos. **21.00**: 37.º episódio do folhetim «O IMORTAL DE FLORENÇA», de Álvaro Martins Lopes. **21.20**: «Contraponto»: **23.30**: Desporto no mundo. **24.00**: Último jornal. **00.20**: Música variada. **01.00**: Música na noite (RDP/NORTE)

2.º Programa

17.40: Obras do Barroco italiano: Concerto em dó menor, de Benedetto Marcello. Concerto em mi maior («L'amoroso»), de Vivaldi, p/«I Musici». **18.10**: «Que quer ouvir?»: «O Canto do Cisne» D. 957 (ciclo de canções), de Schubert. **18.58**: Música sinfónica: Sinfonia n.º 1, em si bemol maior, op. 38, de Schumann. **19.30**: Música portuguesa. Variações concertantes p/orquestra de cordas e harpa, de Joly Braga Santos. «Depois de uma leitura de Antero de Quental» — Poema sinfónico segundo o seneto «Solemnia Verba», pela Orquestra Sinfónica da RDP, dir. por Joly Braga Santos. **20.00**: Conjuntos de câmara: Suite em lá menor, de Telemann. Quarteto n.º 23, em fá maior, K. 590 («Prussiano»), de Mozart. **21.00**: Música sinfónica: «Sinfonia Fantástica», op. 14, de Berlioz. **22.00**: «Hoje respondemos por música», por António Vitorino d'Almeida. **23.00**: Intercâmbio musical: Festival de Lucerna de 1977 — gravações cedidas pelo Rádio da Suíça Alemã. Concerto pelo Orquestra «Filarmonia Hungárica». «Helios», abertura op. 17, de Carl Nielsen. Sinfonia n.º 4, «O Apocalipse de S. João», de Hilding Rosenberg. **00.40**: Música do Barroco francês: Soneta em mi menor, op. 2 (Livro II), n.º 1, de Jean Marie Leclair. **01.00**: Fecho.

3.º Programa — Nacional e Regional (290 m)

18.00: «Vertical». **18.20**: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matildes. **18.50**: Temperaturas do ar. **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa. **19.25**: Vertical — cinema, por Luís de Pina. **21.30**: «Quando o telefone toca». **22.00**: «Quando o telefone toca». **23.05**: Música para meditar. **24.00**: «Suplemento» (continuação). **00.05**: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer. **00.15**: «Dia a dia com o passado». **01.05**: Tempo internacional. **01.30**: Suplemento médico. **02.00**: Fecho.

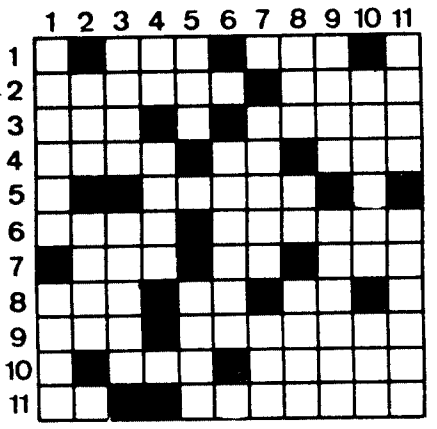
3.º Programa — Local (187,5 m)

16.00: Convite. **18.00**: «Compasso». **18.15**: Sal e pimenta (repetição). **20.10**: Aconteceu. **20.40**: Serviço de Agenda. **20.45**: A voz de esperança. **21.00**: Fecho.

Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11.969

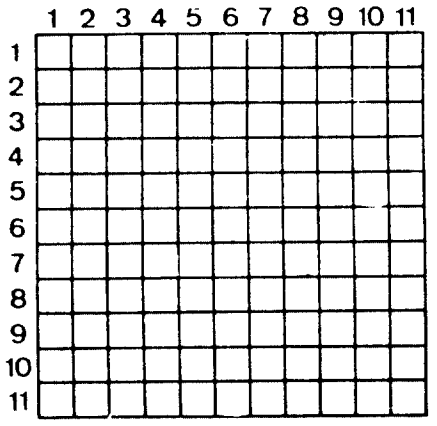


HORIZONTAIS:
.1 Artigo definido. Bondoso. Patrão.
2 Acariciam. Avalio.
3 Chiste. Tombara.
4 Instrumento de caça. Boro (sq). Oásis.
5 Sorte.
6 Região do Oriente aonde Salomão mandava buscar oiro. Versejada.
7 Magnete natural. Batráquio. Preposição.
8 Cidade de França. Gálio (sq). Rádio (sq).
9 Arara. Aparecer ao longe.
10 Nome de homem. Efemina.
11 Preposição e artigo definido. Lugar onde se guardam ossos.

VERTICAIS:
.1 Relativo a oásis. Série.
2 Executa. Vender a crédito. Artigo definido.
3 Fardo de fazendas. Soluçar.
4 Rei de Basá, morto por ordem de Moisés. Invulgar.
5 Oceano. Nome de pássaro.
6 Aparelhos de ginástica.
7 Costurava. Sadias.
8 Triture. Grande ribeira da Ásia Russa. Giro.
9 Língua vernácula indiana. Cair à came.
10 Servo. Âmio.
11 Ecoar. Gostarão muito de.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8.030



HORIZONTAIS:
.1 Enrubesces. Pesquisam.
2 Pernadas de sobreiro. Recrutamento
3 Pêlos de certos animais. Muito. Comuna rural autónoma, na Rússia. Muito.
4 Nota musical. Pisa aos pés. Apelido.
5 Igualmente. Jogo dianteiro das carretas de artilharia
6 Ave pernalta. Vai para fora.
7 Nota musical. Senhoras.
8 Pronome pessoal. Antiga capital da Birmânia. Estima.
9 O mesmo que joelho (prov.). Minha. Basta. Ósmio (sq).
10 Desordem (fig.). Hipócrita.
11 Tostas. Pai de Lia e de Raquel.

VERTICAIS:
.1 Sossego. Compra.
2 Verbais. Apologias.
3 Rente. Carimbados.
4 Carta de jogar. Cume. Sufixo que designa abundância.
5 Suga o leite materno. Campeão.
6 Um dos pontos cardeais. Cinquenta e cinco em romano.
7 Levantas. Ilha de Coral.
8 O mais. Lavras. Camareira.
9 Possui. Rio de Portugal. Rio da Russia.
10 Notifica. Afia.
11 Serra de Portugal. Ilha do mar Jónio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.968

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
.1 O. QUE. NÃO.	.1 Operam. FALA.
2 Pau. Amarrem.	2 Aí. Rasaram.
3 Eles. Am. Anu.	3 Quelimane.
4 Limpos. Fa.	4 Si. Amassa.
5 Ari. Aromar.	5 Ea. Er.
6 Mamas. Ad.	6 Mapa. Tiara.
7 Sam. Trinas.	7 Namoraram.
8 Fanarias.	8 Ar. Só. Isola.
9 Ares. Amor.	9 Ora. Man. Rum.
10 La. Ser. Luar.	10 ENFADA.
11 Ampararam.	11 Amuar. Serra.

PROVÉRBIO: O QUE NÃO FALA, ENFADA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8.029

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
.1 Fará. Dama.	.1 Fadar. Monta.
2 Aio. Ien.	2 Aia. Era. Aer.
3 Dã. Arm. Sola.	3 Ro. Asara. Re.
4 Anais. Nas.	4 Ano. Tri.
5 Resolveram.	5 Oral. Emas.
6 Ra. Ro. Ba.	6 MIV. Lasso.
7 Martelariam.	7 Aí. Serão.
8 Armão. Ada.	8 Más. Ror. Olá.
9 Nalas. Orai.	9 Anona. Iaras.
10 Ter. SS. La.	10 Lambada.
11 Ares. Ocaso.	11 Anas. Amaia.

Tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado o vento era em geral moderado de Sudoeste e chovia em quase todo o território.

TEMPERATURAS DO AR

V. CASTELO	10º
BRAGANÇA	12º
PORTO	14º
P. DOURADAS	8º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	15º
ÉVORA	14º
SINES	15º
BEJA	13º
SAGRES	15º
FARO	15º
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 15º
PENHAS DOURADAS
Mínima 0,2,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.20	3,1 m	4.24	1,9 m
23.54	3,2 m	17.04	1,8 m
Dia 18			
.. .. ..		5.49	1,7 m
12.24	3,2 m	18.02	1,7 m
Dia 19			
0.49	3,4 m	6.38	1,5 m
13.14	3,3 m	18.47	1,5 m

REVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto o vento moderado de Sudoeste e chuva ou chuvisco

AMANHÃ

NASCER AS 7.24
OCASO AS 18.17

DIA 23 DIA 2 DIA 9 DIA 16

farmácias

LISBOA

TURNO 28

Até às 22 horas

ANDRADE — Rua do Alecrim, 125. Tel. 322328 - 323443; **ASCENSO** — Praça Norte, 11-A (B.º Encarnação). Tel. 311216; **BENFILUZ** — Estrada de Benfica, 444-A. Tel. 782606; **CARRONDO** — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A Tel. 842518; **CONCEIÇÃO** — Calç. D. Gastão, 30-32. Tel. 381279; **DOURO** — Alam. Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131; **EDUARDO A. CÉSAR** — Rua das Trinas, 102. Tel. 662631; **ESTEFÂNIA** — R. Pascoal de Melo, 90. Tel. 44438; **GOMES, SUCR** — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193; **INFANTE SANTO** — Rua do Olival, 290. Tel. 661003; **MARLUZ** — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Tels. 720703 - 728395; **NOVA** — Rua de Campolide, 297-C. Tel. 687475; **NUNES** — Rua Ângela Pinto, 32. Tel. 549756; **OLIVAIS (dos)** — R. Alves Gouveia, 19. Tel. 311237; **PINHEIRO** — Rua Campo de Ourique, 131-133. Tel. 686640; **RIO DE JANEIRO** — Av. Rio de Janeiro, 4-C Tel. 721409; **RONIL** — Rua Rodrigo da Fonseca, 153. Tel. 683438; **SÁ DA BANDEIRA** — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42. Tel. 54672; **SALUTAR** — Rua Conde de Redondo, 9-B. Tel. 533411; **SANTA MARIA** — Av. 5 de Outubro, 283-A. Tel. 763016; **SANTO ANTÓNIO** — Rua Leite de Vasconcelos, 72-C. Tel. 862333; **S. BARTOLOMEU** — V.º Paulo Jorge, 1. Tel. 790969; **UNIÃO** — Rua Saraiva de Carvalho, 145-F. Tel. 663643; **S. MAMEDE** — Rua Escola Politécnica, 82-B. Tel. 660280; **VERA CRUZ** — Praça Afrânio Peixoto, 2-B. Tel. 724941; **ZIL** — Av. da Igreja, 9-D-E. Tel. 891780; **FRAZÃO** — Rua das Portas de Santo Antão, 70. Tel. 328180.

Permanente

ANDRADE — Rua do Alecrim, 125. Tels. 322328 - 323443; **BENFILUZ** — Estr. de Benfica, 444-A. Tel. 782606; **EDUARDO A. CÉSAR** — Rua das Trinas, 102. Tel. 662631; **INFANTE SANTO** — Rua do Olival, 290. Tel. 661003; **ESTEFÂNIA** — R. Pascoal de Melo, 90. Tel. 44438; **RIO DE JANEIRO** — Av. Rio de Janeiro, 4-C. Tel. 721409; **OLIVAIS (dos)** — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 311237; **PINHEIRO** — Rua Campo de Ourique, 131-133. Tel. 686640; **SANTA MARIA** — Av. 5 de Outubro, 283-A. Tel. 763016.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

OUTRA BANDA

ALMADA — **Algarve** — R. Fernão, 1 (Telef. 2750271). **COVA DA PIEDADE** — **Louro** — R. Alexandre Herculano, 6-B (Telef. 2763517). **LARANJEIRO** — **A. Araújo** — Laranjeiro de Fora. **COSTA DA CAPARICA** — **Carlos** — Av. do Mar, 34-A — Quinta de St.º Antônio. **SESIMBRA** — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028). **BARREIRO** — **Avenida** — Av. Alfredo da Silva, 88 (Telef. 2073212. **SEIXAL** — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580). **MONTIJO** — **Diogo** — R. Almirante Reis, 50 (Telef. 2310032). **MOITA** — **Silva Rocha** — P. da República, 16 (Telef. 239029). **ALHOS VEDROS** — **Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250). **ALCOCHETE** — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Miramar** — R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 2112048). **ALCABIDECHE** — **Carvalho** — Até às 21 horas. **PORTO SALVO** — **Ferreira Bastos** — Até às 21 horas. **CAXIAS** — **Nova** — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839) Até às 22 horas. **CARCAVELOS** — **Central** — Até às 22 horas. **CARCAVELOS** — **Vilar** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — **Godinho da Silveira** — Av. Saboia 29-B (Telef. 260085). Até às 21 horas. **CEIRAS** — **Alcântara Guerreiro** — P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430691) Até às 24 e das 0 às 9 horas. **NOVA CEIRAS** — **Leal** — Até às 21 horas. **PAREDE** — **Macau** — R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAREDE** — **Junqueiro Mendes** — Até às 21 horas. **AMOREIRA** — **Amoreira** — (Telefs. 262313-267314) Até às 22 horas. **MONTE ESTORIL** — **Lopes** — R. Hangar, 3 (T. 260008) Até às 21 horas **CASCAIS** — **Cascais** — R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407) Até às 21 horas. **Misericórdia** — R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

AMADORA — **Cavaca** — R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019) Permanente. **Nova** — R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530) Até às 22 horas. **DAMAIA** — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523). **QUELUZ** — **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123). **CAMARATE** — **Batalha** — R. Avelino S. Oliv.ª, 6 (Telef. 2518669). **AGUALVA-CACÉM** — **Miss Sinta** — N. Torre, 130. **CACÉM** — **Garcia** — Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181). **MEM MARTINS** — **Miranda Garcia** — Est. de Mem Martins, 173-B (Tele. 2914103). **MERCÊS** — **Claro Russo** — Até às 21 horas. **RIO DE MOURO** — **Riomouro** — Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Telef. 2960194) Até às 23 horas. **S. PEDRO DE SINTRA** — **Valentim** (Telef. 980458) Permanete **COLARES** — **Abreja** (Telef. 299088).

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

CANAVARRO — Rua da Restauração. 55 (Tel. 60754); **PADRÃO** — Rua de Santo Ildefonso, 342, (Tel. 52149); **FIGUEIREDO, LDA** — Rua da Cedofeita, 125, (Tel. 21620; **PARENTE** — Rua das Flores, 114 (Tel. 21611); **SOUSA SOARES** — R. de Santa Catarina, 141 (Tel. 22145); **VITÓRIA** — Rua de S. Roque da Lameira, 756 (Tel. 52225; **SANIL** — Rua do Paraíso, 214 (Tel. 23935).

(De dia e toda a noite)

RAMOS — Praça do Exército Libertador, 91 (Tel. 64935); **FERREIRA DE CARVALHO** — Rua do Bonfim, 354 (Tel. 27640); **CONSTITUIÇÃO** — Rua da Constituição, 93 (Tel. 490813).

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

UNIVERSAL — Praça 8 de Maio, 35 (Tel. 23744).

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A
14.15, 16.30, 19.00, 21.30, 23.45
OUTRO HOMEM PARA UMA MULHER
Sala B
15.00, 17.00, 19.00, 21.30, 23.45
NEM GUERRA NEM PAZ

ALVALADE 897480
Av. Roma
15.15, 18.15 e 21.30
3.ª Semana
CHEGA-LHE A MIGO
c/ Bud Spencer e Jack Palance
Não acons. men. 13 anos

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
14, 16.30, 19 e 21.30
9.ª Semana
VIDA NOVA DE E MAY
(14 anos)

AVIS 547163
Av. Duque D'Ávila, 45
15.30 18.30
OS QUATRO DUQUES,
c/Jack Palance e Carol Lynley
Às 21.30
A ESPOSA SILENCIOSA
Não acons. a menores de 13 anos

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
6.ª Semana
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
de Stanley Kubrick
n. ac. a m/13 anos

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
14, 16.30, 19 e 21.30 h
4.ª Semana
PRIMEIRO AMOR
de Michel Lang
n. ac. a m/13 anos

CASTIL 530194
Rua Castilho
15, 17, 19 e 21.30
4.ª Semana
SUÉCIA PARAÍSO E INFERNO
Int. m 18 anos.
Um documento audacioso que revela as chocantes verdades de um dos países mais evoluídos do mundo!

CINE CITY
Rua Tomás Ribeiro 34
14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.45
6.ª Semana
A ALCOVA DO BISPO
de Dino Risi
Não acons. men. 18 anos

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27/B
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
O RALLY DAS GOZONAS
Int. a m/18 anos
24.00
O MAGNÍFICO
Grupo C (14 anos)
C/Jean Paul Belmondo, Jacqueline Bisset

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 7
14, 16.30, 19 e 21.30
ATENTADO AO PRESIDENTE
Int. a men. 13 anos

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários. Lote 113 Algés
15.30, 18.00, 21.30
UMA VEZ NÃO BASTA

EDEN 320768
P. Restauradores, 21
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
4.ª Semana
A FORÇA DO DESTINO
c/Rajesh Khanna, Tanuja e Sujit Kumar
n. ac. a m/13 anos

ESTÚDIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30, 21.30
OS CARABINEIROS
de Jean-Luc Godard
Não acons. M/13 anos

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30
2.ª Semana
ARMADILHA PARA UM HOMEM
de Peter Fleischmann
Int. a m/13 anos

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15 e 21.30
AEROPORTO 77
Não ac. M/13 anos
24.00
SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.15 18.30 e 21.30 h
VÍCIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES
de Mikos Jancsó
Int. a men. 18 anos

LONDRES 801313
Av. Roma, 7-A
15.15, 18.30, 21.30
4.ª semana
DO OUTRO LADO A MEIA-NOITE
Não acons. men. 18 anos

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
15.15, 18.15 e 21.30
LADRÃO QUE ROUBA A LADRÃO
C/Michael Caine, Elliot Could
Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
15.15, 18.30
Últimas exibições
HERÓIS DAS ARÁBIAS
Estreia às 21.30
A ESPOSA SILENCIOSA
C/Betty Tang, Hui Hwa Tsai

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
14.30, 16.45, 19.00, 21.30
C/Angela Winkler
A HONRA PERDIDA DE KATHARINA BLUM
de Volker Schlandorse
Não acons. m 13 anos

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
15.15 e 21.15
AMOR E JUSTIÇA DUS NUMBRI
C/Hema Maline e Manoj Kumae
00.15
A VIÚVA INCONSOLÁVEL
Int. a men. 18 anos

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15
A CLÍNICA DO AMOR
c/Martha Biatchi e Carlos Perciavalle
2.ª Semana
Não acons. men. 18 anos
21.15
VITIMA DE UM PECADO

OLYMPIA 325309
Rua Condes, 11 a 23
Sessões contínuas a partir das 14.00
2.ª semana
RAPARIGA PARA CASAL PRECISA-SE
Int. a M/18 anos
este filme contém cenas eventualmente chocantes

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
14.00, 16.30 19.00 e 21.30
4.ª Semana
A FORÇA DO DESTINO
c/Rajesh Khanna, Tajua e Sujit Kumar
n. ac. a m/13 anos

POLITEAMA 326305
Rua Portas de St.º Antão
14.15 16.30 19 e 21.30 h
3.ª Semana
DOCES PENETRAÇÕES
C/ Cenas event. chocantes
Int. a M/18 anos

QUARTETO 771379
R. Flores de Lima, 16
SALA 1 14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 23.30
VICIOS PRIVADOS PUBLICAS VIRTUDES
Int. a M/: 18 anos
SALA 2 14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 23.30
INSERTS
Int. M/18 anos
SALA 3 15.00, 17.00, 19.00, 21.00, 23.00
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
Não ac. M/13 anos
SALA 4 14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 24.00
TODO MODO
Não acons. M/18 anos

RESTELO 810375
Av. Torre de Belém
Às 21.30
14.ª Semana
D. FLOR E SEUS DOIS MARIDOS
Com Sónia Braga, José Wilker e Mauro Mendonça

ROMA 887778
Av. Roma, Lote JRB
15.30, 18.30, e 21.30
2.ª Semana
CORAÇÃO DE FERRO
c/ Claudia Cardinale e Franco Nero

ROXY 42872
Av. Almirante Reis, 20
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
A VIRGEM, O TOURO E O CAPRICÓRNIO
Não acons. men. 18 anos

SÃO JORGE 579144
Av. Liberdade, 175
15.15, 18.30 e 21.15
OUTRO HOMEM PARA UMA MULHER
Não acons. a men. 13 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
14.30, 16.45, 19.00, 21.30
O TÁXI COR DE MALVA

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
6.ª Semana
A RAPARIGA DA CASA ISOLADA
Não acons. men. 18 anos

TERMINAL (CINE-ESTÚDIO) Tel 371573
Estação do Rossio
11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
PRIMEIRO AMOR
n. ac. m/13 anos
O filme começa a projectar-se no início das sessões

TIVOLI 570595
Av. Liberdade, 188
15.15, 18.30, 21.30
4.ª Semana
PRIMEIRO AMOR
de Michel Lang
n. ac. m/13 anos

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30, 19.00, 21.30
5.ª Semana
A ALCOVA DO BISPO
Não acons. men. 18 anos

D. JOÃO V 971794
Praça Centro COmercial Damaia
Amanhã às 21.15
NOVAS AVENTURAS DE TRADER HORN
Não. ac. M/13 anos

CLÍNICA DENTÁRIA
de ZEFERINO CRUZ
R. de Alcantara 53-1.º
(ao Calvário) Tel. 638100

cinemas

LISBOA

ADÓQUE — «Ora Vê lá Tu», às 20.30 e 22.30 (18 anos)
MARIA VITÓRIA — «Alto e Pára o Baile», às 20.30, 22.45 (18 anos)
MARIA MATOS — «O Crime do Padre Amaro», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO — «A Grande Jogada», às 21.15 (13 anos)
TRINDADE — «Os Emigrantes», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO — «Zumbi», às 21.30 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA — «A Dama Pé de Cabra», às 21.45 (13 anos)
COMUNA — «A Mãe», às 21.30 (13 anos)
LAURA ALVES — «Calcinhas Amarelas» 21.30 (18 anos)

PORTO

COLISEU — Companhia Nacional de Circo, da Bulgária, às 21.30 (6 anos)
SÁ DA BANDEIRA — «Bonifácio milhões, às 21.30 (13 anos)

LISBOA

CAPITÓLIO — «Na Ponta do Sexo», às 19 e 23.30 (18 anos)
CINEARTE — «Dona Flor e seus Dois Maridos», às 21.15 (18 anos)
JARDIM — «Chinatown», às 21.15 (18 anos)
PROMOTORA — «Um Caso Estranho», às 21.15 (13 anos)
LUMIAR — «O Monstro», às 21.15 (18 anos)
CINE MOSCAVIDE — «Um Dia de Cão», às 21.15 (18 anos)
PARIS — «Rocky», às 21.30 (18 anos)
COLISEU — «A Aina», às 21.30 (13 anos)
ROYAL — «O Ouro de MacKenna», às 21.30 (13 anos)

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Recreios Desportivos** — «Não nos Liberteis do Mal», às 21.15 (18 anos).
AMADORA — **Lido** — «A Ocasião Faz o Ladrão», às 21.15, (18 anos)
MEM MARTINS — **Cine Chaby** — «Minha Mulher Agrada-te Adoro Tua» às 21.15 (18 anos).
SINTRA — **Carlos Manuel** — «O Corpo do Meu Inimigo», às 21.15 (18 anos)
AMADORA — **Cinestúdio** — «A Duquesa e o Vilão», às 21.30 (13 anos)

OUTRA BANDA

ALMADA — **Incrível** — «Resgate», às 21.15 (18 anos)
TRAFARIA — **Pavilhão Jardim** — «A Mão Impiedosa da Lei», às 21.15 (18 anos)

PORTO

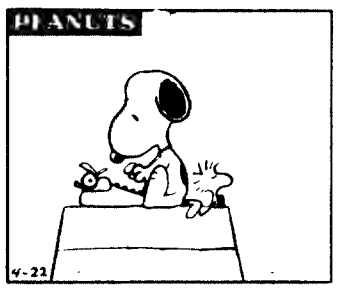
S. JOÃO — «Primeiro Amor», as 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS — «Amor Eterno», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN — «O Homem que Queria Ser Rei», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO 400 — «Chamada Para a Morte», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «O Temerário», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE — «Sou o Maior», às 21.30 (13 anos)
CARLOS ALBERTO — «Um Cadaver a Subremesa», às 21.00 (13 anos)

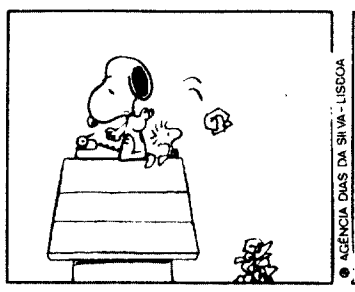
ESTÚDIO — «Os Crimes do Gato Preto», às 21.30 (18 anos)
BATALHA — «O Expresso de Chicago», as 21.30 (13 anos)
RIVOLI — «Sol Vermelho», às 21.30 (18 anos)
SALA BÉBÉ — «Um Americano em Paris», às 21.05 (6 anos)
PASSOS MANUEL — «Che Guevara» 21.30 (10 anos)
ESTÚDIO FOCO — «Primeiro Amor» 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA — «Infidelidade», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT — «O Grande Restaurante», às 21.30 (6 anos)
ÁGUIA DE OURO — «A Força do Destino», às 21.30 (13 anos)

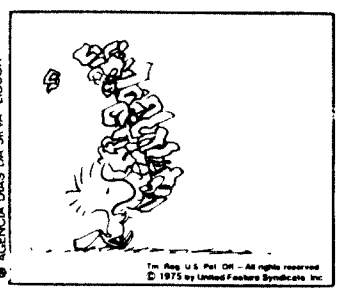
COIMBRA

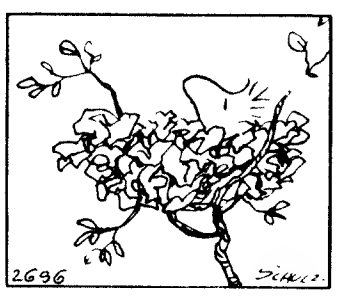
TIVOLI — «Férias Tentadoras», às 21.30 (18 anos)
AVENIDA — «Uma Ponte Longe de Mais», às 21.15 (13 anos)
S. TEOTÓNIO — «Moisés o Profeta», às 21.15 (6 anos)
GIL VICENTE — «O Inquilino», às 21.15 (18 anos)

circular é viver
Com tempo de chuva, a possibilidade de acidente é maior. Verifique a pressão e o estado dos pneus.









DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1.º
TELEFONES 654531/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3, 320229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154, PUBLICIDADE 368746
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA, TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

"Caso Lopes da Neta"

O dr. José Maria Roque Lino, antigo secretário de Estado da Comunicação Social, contactou-nos pelo telefone anunciando que enviaria uma carta de esclarecimento das referências que lhe foram feitas ontem no nosso jornal e que, na opinião dele, não correspondem à verdade.

O «Diário de Lisboa» aguarda os esclarecimentos do dr. Roque Lino, devendo por seu turno esclarecer que o artigo de ontem dava o ponto da situação em que se encontram as investigações relativas ao «Caso Lopes da Neta».

Aguarelas de Luísa Correia Pereira

É hoje inaugurada, às 18 horas, no teatro da Cornucópia uma exposição de 34 aguarelas de Luísa Correia Pereira, exposição que estará aberta das 17 às 21 e 30 de segunda a sexta-feira, e das 11 às 16 e 30 no sábado e domingo.

Jaime Gama

Continuação da pág. 1

volvendo no campo da sua organização interna e o qual terá de ser largamente intensificado numa altura em que, à erosão provocada por 18 meses de Governo de crise, se vem juntar uma coligação com o partido parlamentar mais à direita com fortes reacções nas bases, já visíveis a diversos níveis. Ora Jaime Gama vem sendo, no aparelho partidário, precisamente o responsável pelos problemas de organização.

O semanário «O Jornal», que hoje adianta em primeira-mão, o nome de Jaime Gama para o MAI, faz referência a uma «conversa» que Mário Soares terá tido ontem com Jaime Gama no sentido de demover certas resistências pessoais à «promoção». Diz aquele jornal que a «démarche» teria sido bem sucedida já que (ainda «O Jornal») Belém se não oporia (recorde-se que no mesmo dia em que foi tornada pública a demissão de Oliveira e Silva, Soares esteve em Belém com Ramalho Eanes). De qualquer modo, de certo, nada se conseguiu confirmar.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE JANEIRO
41 930 exemplares
(Hoje 24 páginas)

CURSOS
Sistemas IBM e UNIVAC
Início dos cursos 24/2/78
Dactilografia: Este curso tem início todos os dias. Informações e inscrições no EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272 R. do Arsenal, 100-1.º
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO

Dinis Machado falando à malta do Passos Manuel

AUTOR DE "MOLERO" FOI AO LICEU

O que diz Dinis

Quem esperava que a conversa com Dinis Machado corresse assim o ritmo do que diz Molero apanhou um balde. Os alunos do Passos Manuel não deram luta: «Como conseguiu captar a gíria dos marginais?» O escritor pensou «estou feito», mas respondeu «é o meu mundo, conheço-o, é a minha gíria».

No primeiro andar do liceu, sala 1 a malta do ciclo unificado encheu as carteiras de trás como nos dias de ponto. A professora Laura Sobral tinha conseguido rebocar o DM para ali («os alunos adoraram o teu livro, vais ver») mas nem todos perceberam que o autor não era nada do tipo intelectual e chato e não merecia perguntas formuladas com tanto esmero. «Há no livro um certo aglomerado de palavras que me escapa; a certa altura quando da passagem do real para o imaginário, surge como que uma espécie de muralha»... ou «como chegou a este ritmo de narrativa?» ou até **O que diz Molero** foi melhor compreendido pelos jovens ou pelas pessoas entre os 50 anos?»

Diga-se já que Dinis Machado aceitou as regras corajosamente, sem cábulae foi respondendo àquelas perguntas difíceis e mui profundas num português escorreito (noutras circunstâncias um tal rigor poderia atirar o grande chefe do «Tim-Tim» para o desemorego).

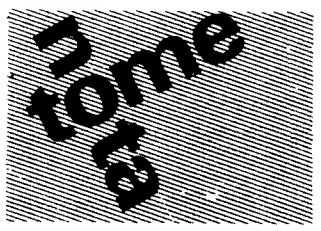
Respondendo à primeira questão o autor pediu «experimenta ler o livro outra vez» e, quanto ao ritmo «se eu escrever à mão tenho um ritmo, se escrever à máquina tenho outro, o meu é o da máquina».

Ah! questão terrível, «a professora de português do meu filho, é pena não estar aqui, referiu-se à pontuação...». Dinis defende-se com «uma certa febre da escrita que pode levar a atropelos da gramática, que não considero importantes». (Não se trata de um atropela-e-foge. O escritor assume o acidente, quer responder por isso. O público é que não deixa, demite-se, esmagado pelo peso de um talento daquele tamanho. «É o Dinis Machado escreveu um livro do caraças»).

Ainda assim, Dinis Machado agarra uma oportunidade de falar um pouco da literatura sul-americana e confessa que se deixou influenciar, e de que maneira, pelos grandes da América Latina, cuja cultura é infinitamente mais fresca e telúrica que a europeia. Depois, o gosto pelas palavras de vida efémera, que duram uma semana, um mês, mas não duram o tempo suficiente para entrar nos dicionários. Palavras gostosas que provocam enfartes aos puristas.

Uma novidade: o escritor pensa na eventual reedição dos seus policiais, aqueles primeiros livros que escreveu para sobreviver mas que serviram também de gestação do Molero.

O que diz Dinis: «A certa altura, eu desenvolvo os mecanismos e acabo por ser empurrado pelos mecanismos que desenvolvo. **No que diz Molero** aconteceu isso».



GASTOS MIÚDOS...

OU COMEM TODOS...

A opinião pública interroga-se sobre a reintegração dos oficiais do 11 de Março de 1975 que desertaram, em 4 helicópteros, entre os quais um heli-canhão, e «acompanhados» por uma dezena de armas e centenas de munições, para um país estrangeiro.

Será que vão ser passados ao Quadro de Complemento e à licença registada, para que fiquem sem qualquer vencimento e assistência médico-social, como sucedeu aos oficiais do Quadro Permanente que desertaram sem qualquer aparato bélico — depois dos acontecimentos do 25 de Novembro?...

Quatro elementos do Conselho de Gestão de um Banco pagaram, há dias, por um jantar num luxuoso restaurante de Lisboa, a «módica» quantia de 6.240$00 (o que equivale a 140 por cento do salário mínimo nacional). Só em lagosta, para satisfazer o requintado apetite dos senhores gestores, foram 3.500$00.

Só nos faltava que tal despesa tivesse sido paga pela banca (nacionalizada), isto é, que nos tivesse saído da bolsa, para melhor compreendermos o fervor com que certa gente defende o segredo bancário...

A "TERRÍVEL CONJURA" DE MIRAFLORES

Direita volta a apostar forte na desestabilização militar

Poucos dias depois de, em termos institucionais, se considerar encerrada a crise política gerada pela queda do I Governo Constitucional, a Imprensa fascizante retoma os ataques que vinha fazendo a diversas figuras do Conselho da Revolução e muito particularmente ao major Melo Antunes e ao comandante da Região Militar de Lisboa, general Vasco Lourenço.

As notícias, profusamente distribuídas pelas várias folhas porta-vozes da reacção, revelam a mesma estratégia de há meses: cavar uma divisão entre os vários conselheiros e o Presidente da Republica, remover dos postos que ocupam os militares democratas do 25 de Abril para os substituir por outros da velha hierarquia, enfim desestabilizar a situação em geral.

Desta vez, porém, a fórmula utilizada é bastante primária. Parte-se de um encontro privado de vários conselheiros em casa do general Vasco Lourenço, um encontro como muitos outros que militares e civis, políticos e não políticos, fazem em suas casas, para daí concluírem os perspicazes «observadores políticos» estar em curso uma qualquer terrível maquinação de objectivos inconfessáveis.

O matutino «O Dia» mostra-se mesmo inquieto sobre os motivos porque a casa de Miraflores (onde se realizou o tal encontro), está alugada pela Região Militar de Lisboa, embora provavelmente esteja farto de saber que se trata da residência atribuída ao 2.º comandante Militar de Lisboa, que não necessitava dela, o que possibilitou que o general Vasco Lourenço a utilizasse até conseguir casa própria em Lisboa.

Mas o carácter grosseiro desta montagem jornalística demonstra-se com facilidade se recordarmos que verdadeiramente a ofensiva começou com uma campanha contra o major Melo Antunes através de uma transcrição do «Nouvel Observateur» de um diferendo entre Jean Daniel e George Marchais a propósito da situação criada em Portugal.

Contactado pela ANOP, o porta-voz do CR, capitão Sousa e Castro, considerou a notícia da reunião de Miraflores como «bizarra», depois de perguntar: «será que os zelosos espias da vida de cada cidadão, com fortes apoios em órgãos de duvidosa informação social, continuarão a devassar a vida privada de cada um, como se a polícia política não tivesse sido extinta em Portugal?»

Considerou «lamentável» que, à falta de outros assuntos mais importantes (será que os não há?), a circunstância de um membro do Conselho da Revolução convidar para a sua casa outros membros seus amigos seja considerada da forma pública como o foi», pois tudo não passou de «um encontro privado» entre conselheiros da Revolução com a ausência de Lisboa do Presidente da República. Lembrou ainda que quase não há semana em que não se efectuem, uma ou mais vezes, num ou noutro local, com este ou aquele número de presenças, reuniões deste tipo.

Segundo outras informações recolhidas pela ANOP, não só o Presidente tinha conhecimento da reunião como não existiu qualquer tipo de segurança exterior. Aliás, Miraflores, onde moram dezenas de personalidades, civis e militares, das mais diversas tendências, seria o local menos indicado para qualquer reunião de objectivos menos claros.

Trata-se, pois, de mais uma tentativa das forças reaccionárias e anticonstitucionais de provocar falsos problemas e divisões entre os militares.

Almeida e Costa nos Açores

O comandante Almeida e Costa, do Conselho da Revolução, chegou ontem aos Açores, para tratar da questão da substituição do Ministro da República, general Galvão de Figueiredo.

Este encontra-se indigitado para o lugar de Presidente do Supremo Tribunal Militar e tem repetidamente manifestado a intenção de abandonar os Açores, o que, no entanto, não deverá suceder ainda este mês.

Almeida e Costa é presidente da Comissão Consultiva para as Regiões Autónomas e conhecedor dos problemas locais, segundo fontes açorianas, uma vez que já ali esteve colocado.

Recorde-se que as más relações existentes entre o Ministro da República e o Governo Regional se agravaram recentemente, com a recusa de Galvão de Figueiredo em assinar um diploma da autoria do executivo, atitude que foi considerada inconstitucional por Mota Amaral.

Governos Regionais apresentam "plano para a autonomia"

O gabinete do Primeiro-Ministro tornou ontem público um comunicado em que transcreve a resolução do Conselho de Ministros da passada quarta-feira sobre a necessidade de desenvolver o processo de concretização da autonomia regional, nos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

O Conselho de Ministros decidiu solicitar aos Governos Regionais, através dos respectivos ministros da República, a apresentação até ao próximo dia 15 de Março de uma proposta de «Plano para a concretização da autonomia político-administrativa», para habilitar o Governo a desenvolver as acções necessárias nesse sentido.

Do Plano que foi solicitado pelo Governo Central devem constar elementos considerados essenciais para a concretização do regime autónomo, nomeadamente o faseamento e programação da transferência dos serviços periféricos e atribuição dos correspondentes poderes aos órgãos próprios das regiões; medidas que permitam o normal funconamento dos serviços que não possam ser transferidos; medidas conducentes à descentralização económica e que garantam a intervenção dos órgãos de Governo autónomo na definição e execução das políticas fiscais e monetárias e na definição dos planos nacionais de desenvolvimento; regras sobre a elaboração dos orçamentos regionais e sua inserção no Orçamento Geral do Estado; medidas que concorram para a eventual criação de zona de franquia aduaneira, abrangendo sectores comerciais e industriais.

A par destes elementos de política-geral e económica requeridos pelo Governo Central, foi ainda requerida pelo Conselho de Ministros o parecer dos Governos das Regiões Autónomas, sobre política de transportes, «de forma a minimizar os efeitos económicos e sociais da insularidade» e sobre política de informação, nomeadamente no que respeita à regionalização dos programas da RTP e da RDP.

BANDEIRA AÇORIANA

Foi já entregue a Mota Amaral o relatório da comissão formada para estudar a bandeira ee os símbolos heráldicos da Região Autónoma dos Açores.

A bandeira tem como fundo as cores azul e branca e sobre este um açor e nove estrelas, representando as nove ilhas do arquipélago.

Aeroporto continua encerrado

Devido às más condições de tempo, que se deverão manter durante todo o dia de hoje, os aviões continuam impedidos de aterrar e descolar do Aeroporto de Lisboa.

Já esta noite os três aeroportos internacionais do continente (Lisboa, Porto e Faro) foram bastante afectados pelo nevoeiro. Em contrapartida o aeroporto do Funchal, que esteve encerrado também por más condições de tempo, abriu já esta manhã ao tráfego aéreo.

MGP — Publicidade Geral

No último fim-de-semana, associados e colaboradores da agência de publicidade MGP — Manuel Gil Pinto, Ld.ª reuniram num hotel de Sesimbra.

Motivo do encontro: estreitamento de relações de uma equipa de trabalho que «joga» certinho e planificação de trabalho para o corrente ano. A Secção de Publicidade do «DL» faz votos para que sim senhor, tudo corra como desejam, e por estas bandas continuaremos a colocar o melhor possível os anúncios dos seus clientes.

CapriTur
excursões diárias em serviço expresso de luxo
PARTIDAS
LISBOA / PORTO 08.00 e 19.00 hrs
PORTO / LISBOA 08.00 e 19.00 hrs
LISBOA / ALGARVE 15.00 hrs
ALGARVE / LISBOA 07.00 hrs
CONSULTE-NOS
Capristanos
Viagens e Turismo, S.A.R.L.
Av. Duque de Loulé 47 A - LISBOA
R. St.ª Catarina, 500 — PORTO
Rua Mouzinho de Albuquerque 47 PORTIMÃO
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS

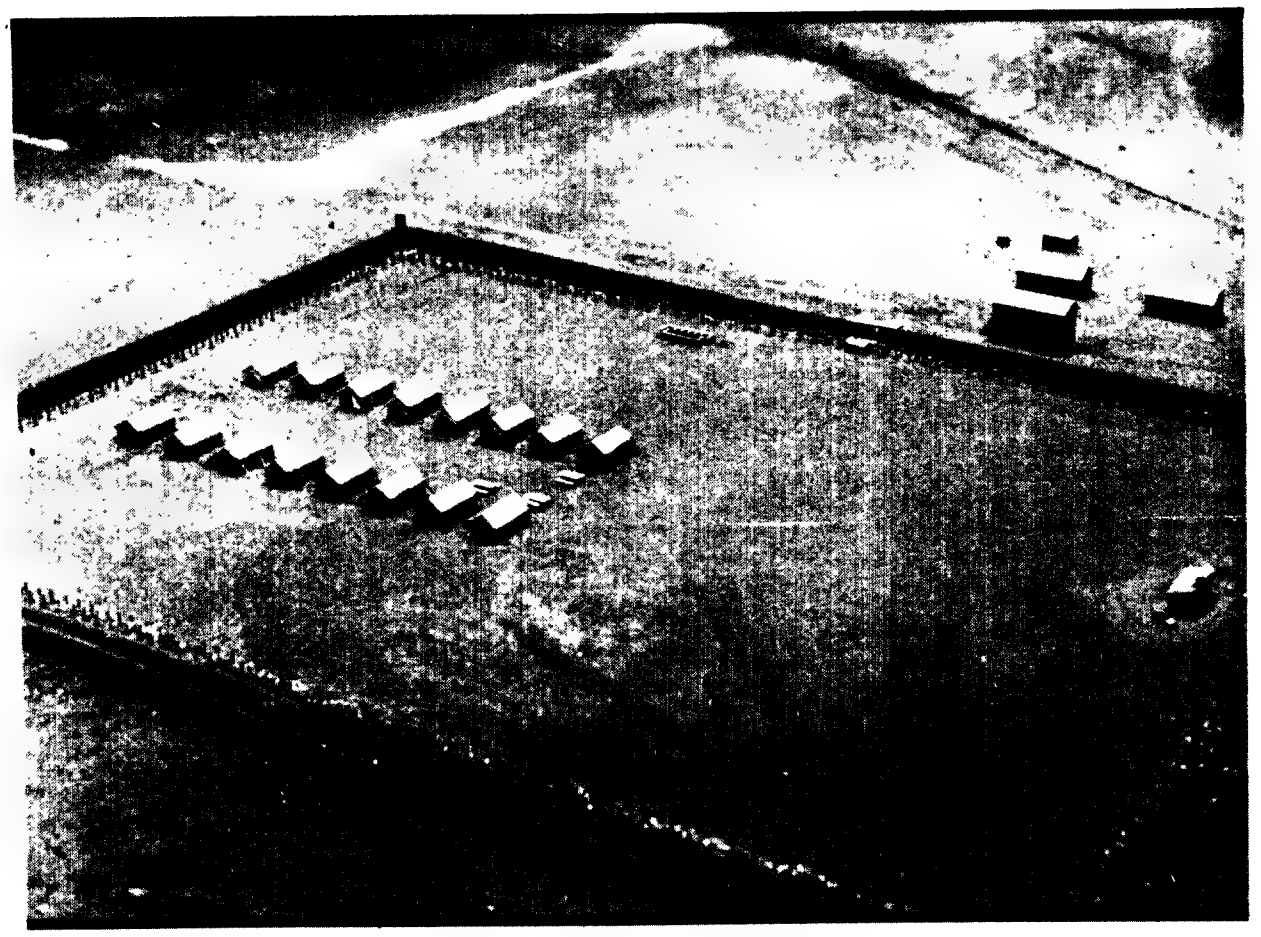
Destacável

TARRAFAL

A defesa dos Direitos do Homem é um dever sagrado. Mas pensamos que para nós tem de começar pela defesa do Homem Português

PARA QUE NENHUM TARRAFAL E NENHUMA POLÍCIA POLÍTICA VOLTEM A SER POSSÍVEIS NESTE PAÍS QUE DESEJAMOS RENOVADO

HONRAR OS NOSSOS MAIORES



MÁRIO DIONÍSIO

Durante anos, décadas, meio século, os portugueses sofreram o que as gerações futuras e até já hoje as mais recentes dificilmente avaliarão pelos relatos que desse negro e longo período se fizerem: bem pior é tê-lo experimentado que julga-lo.

O clima de suspeita, o medo, as prisões e a tortura, a constante sensação de cerco, a humilhação, a frustração, a raiva forçosamente refreada e a resistência, cujo preço era muitas vezes a fome ou a própria vida, a dura vida clandestina, e não só a clandestina, a luta desigual, sem repouso e sem se saber até quando ... onde estão as palavras para dizê-lo?

Muitas há com certeza para tentar (tentar apenas) manter bem vivo na memória dos homens que viram o que foi o reino da infâmia e, dentro dele e contra ele, a abnegação, o sacrifício até ao limite dos limites: toda a nossa miséria e toda a nossa grandeza. Mas nenhuma tão fielmente como esta: **Tarrafal**!

Tarrafal, «o campo da morte lenta» para onde foram atirados, sem julgamento ou depois de penas cumpridas, operários, como Bento Gonçalves, e intelectuais, como Alberto Emílio de Araújo. Onde sofreram e morreram de maus tratos e de doenças diagnosticadas mas criminosamente não tratadas, verdadeiros heróis que qualquer antifascista terá de considerar honradamente aqueles a quem mais deve, pelo exemplo, pela tenacidade, pela dádiva total: os seus maiores.

«Era um campo de tortura e era ao mesmo tempo uma espada suspensa sobre a cabeça de todos os portugueses», escreveu, num livro comovente de simplicidade e de grandeza quase envergonhado de mostrá-la, alguém que conta vinte e um anos de prisão, ali esteve mais de uma vez, ali assistiu à morte de três dezenas de companheiros de suplício e foi o último a sair de lá. «Nem todos os portugueses estiveram no Tarrafal», observa nesse livro Francisco Miguel, sem que lhe falte a lucidez de acrescentar: «mas foi para mostrar a todos os portugueses como poderiam morrer que o Tarrafal foi fundado

em 29 de Outubro de 1936 e precisamente naquele pântano de intenso paludismo». Para mostrar a todos os portugueses, com efeito, não bem **como** poderiam morreb (heroicamente), mas como poderiam ser mortos com desprezo e impunidade: a todos igualmente o Tarrafal ameaçava e, da ofensa sem nome, a todos, pelo comportamento exemplar dos que por lá passaram, lá voltaram ou lá ficaram para sempre, resgatava.

Não foi só no Tarrafal que se sofreu, se resistiu, se lutou e, pela luta, se impediu que a opressão fosse ainda maior e um povo se visse totalmente reduzido a presa dócil de interesses inconfessáveis e da fúria sanguinária dos que, como cães de fila, mercenariamente os defenderiam. Os nossos maiores são muitos mais.

Não foi só no Tarrafal que se sofreu, se resistiu, lutou. Sofreu-se, resistiu-se, lutou-se sem descanso em muitos outros locais especializados na tortura e na requintada tentativa de degradação moral: na António Maria Cardoso, em Angra, no Aljube e em Peniche ou em Caxias, nos calabouços do Governo Civil, nas esquadras da Polícia, em todas as enxovias duma terra brutal e longamente amordaçada. E sofreu-se, resistiu-se, lutou-se também nos campos e nas fábricas, e nas escolas, e nas ruas, na Imprensa, nas próprias casas de cada um, assaltadas a qualquer hora do dia e da noite ou constantemente vigiadas. E tantas eram essas grandes, pequenas ou pequenissimas zonas de luta permanente e variada que numa foi possível ao imenso e excelentemente montado aparelho repressivo descobri-las todas. Nem todos os que, duma maneira ou doutra, mais declarada ou mais ocultamente, a vida inteira resistiram e lutaram. Mas o símbolo maior de todos esses actos de desassombro, dignidade e persistência, o símbolo dos símbolos é sem dúvida, e para sempre o será, o Tarrafal.

Haverá decerto muita gente a quem este quadro pareça exagerado, ingénuo ou (quem sabe?) demagógico, que é palavra muito em moda para desacreditar tudo o que sublinha a inteireza moral e a legítima revolta perante a sordidez do jogo duplo e rapace que, para alguns, constituiria o próprio cerne da vida e da condição humana. Gente que não deu ou não quis dar por essa luta. Gente que não pôde viver — e nada mal, ao que parece... — todos esses anos de vergonha nacional e humana como se luta não houvesse. Como se não houvesse Tarrafal. Gente que a põe ainda hoje em certa dúvida ou a sua utilidade. Porque não lhes encontrou resultados visíveis. Porque não vê ligação alguma entre ela e o movimento militar do 25 de Abril, que a acordou e permitiu o aparecimento na cena política portuguesa dum enxame de bem falantes arvorados em figuras de proa do que chamam defesa da liberdade e da democracia. Porque não pode ou não quer entender que nenhum movimento militar, embora directamente provocado, como foi, pela guerra colonial e o seu desastre inevitável (quando já era inevi-

Continua na pág 2

TARRAFAL

HONRAR OS NOSSOS MAIORES

Continuação da pág. 1

tável); teria alguma vez triunfado ou sequer chegado a planear-se se a apatia em que a nação parecia profundamente mergulhada não tivesse sido, ano a ano e dia a dia, contrariada, sacudida pela atitude de recusa e de resposta, a que, sob aspectos tão diferentes em tão diversos lugares, poderemos e deveremos dar um nome, Tarrafal.

Que o obscurantismo, ferreamento mantido, não foi em vão, amargamente o sabemos todos muito bem. Os seus frutos estão ainda aí e aí estarão por muito e muito tempo. Com os canos das espingardas, os bastões da polícia, os cavalos da Guarda chamada Republicana, os muros das prisões e o dinheiro — o dinheiro que alicia tanta gente —, o obscurantismo foi de facto elemento poderoso na manutenção dum regime que argutamente o considerava a sua arma a maior. Tão poderoso que ainda hoje o vemos tornar possível alguns milhares de indivíduos perfeitamente ignaros erguerem-se e gritarem — com as costas quentes, é verdade — contra aquilo mesmo que poderia salvá-los do que sempre os escravizou e escraviza. E tanto mais poderoso quanto não se limitou a conservar vastas massas populacionais no analfa-

betismo puro e simples ou mais ou menos disfarçado, à censura, à proibição de livros e encerramento de centros culturais, mas penetrou também na teoria e na acção de altos letrados sob feição paradoxalmente erudita.

Onde estava, que fazia essa gente (pergunta só ingénua na aparência), enquanto outros incansavelmente lutavam contra esse mesmo obscurantismo (incluindo o erudito...) ou eram presos e torturados, faziam e desfaziam muro sob o sol escaldante do Tarrafal, sujeitos ao suplício da «frigideira» ao menor protesto e morriam à míngua de assistência médica (embora lá houvesse médico...) e de alimento capaz?

. Lembro-me bem de alguns destes, na sede do Movimento de Unidade Democrática, quando, em 1946, o cirstianíssimo Salazar, derrotados os seus irmãos nazis e querendo limpar as mãos à pressa do sangue que as cobria, fez uns tantos regressar (só uns tantos) desse campo de extermínio, a que, com o seu cinismo costumado, dava o cândido nome de colónia penal. Lembro-me de alguns deles no momento do regresso — em certos casos provisório — com os fatos

esfarrapados, tez macilenta, só os olhos brilhando, mas não de ódio, brilhando de convicção e esperança. E não por estarem livres, mas por poderem recomeçar a sua (nossa) luta. Eles que, mesmo lá, nunca tinham feito outra coisa.

Eram sobreviventes.

E são agora todos eles que tomaram a iniciativa de fazer transladar para a Pátria, por que tudo deram, os restos mortais dos que ali foram lentamente assassinados e junto deles erguer um monumento que lembre bem o que passaram, o que isso significou e o profundo respeito que qualquer homem digno deste nome indiscutivelmente lhes deve.

Sei bem as interpretações a que se sujeita, nesta generosa liberdade de que gozam os carrascos de ontem e seus mais ou menos declarados colaboradores ou simples coniventes, quem tudo isto diz. É fácil de prever o que de tudo isto pensarão os que, saídos da própria engrenagem fascista ou por ela publicamente acarinhados, se apresentam hoje, sem o menor rubor na face, como os arautos da democracia.

Mas não, não estou pensando particularmente em nenhum partido, nem sequer naquele que, sob este aspecto, o mereceria com favor. No Tarrafal estiveram homens de variadas tendências políticas. Nele poderiam ter estado todos os que pela democracia se bateram... quando a não havia. E a homenagem projectada é qualquer coisa tão alta e tão comum a todos esses que, na verdade, excede as divergências de projecto e de caminho que entre eles possa haver.

Dum acto de justiça se trata. Dum acto da maior solenidade: honrar os nossos maiores.

Mas esse acto de justiça — elementar, urgente, indispensável — em relação ao passado forçosamente assume o carácter de um apelo também. Um apelo irrecusável a todos os verdadeiros antifascistas de ontem e de hoje para que continuem a velha luta sem repouso. Para que, sob o nome que for nenhum Tarrafal e nenhuma polícia política voltem a ser possíveis neste País que queremos novo.

Esses restos mortais e esse monumento serão uma bandeira. Uma bandeira exorta e une na mesma caminhada.

Que verdadeiro antifascista se furtaria a ajudar a erguê-lo e a mantê-la de pé, o mais alto possível?

"CAMPO DA MORTE LENTA"

Tarrafal — campo de concentração. Ilha de Santiago, Cabo Verde. Três hectares de terreno cercado por arame farpado. Um fosso com 4 metros de fundura e uma barreira alta de três metros.

A primeira leva de prisioneiros chega a 29 de Outubro de 1936: 157 operários, camponeses, soldados, marinheiros e intelectuais.

Primeiro encerramento: em 1954, sob fortes pressões da opinião pública nacional e estrangeira.

Reabertura em 1961. Mais de cem patriotas sobretudo de Angola e da Guiné são ali desembarcados do navio «África Ocidental».

Primeira vítima: Pedro Matos Filipe, nascido em Almada, assassinado, com 27 anos, em 20 de Setembro de 1937.

Outros antifascistas que ficaram no «campo da morte lenta»: Bento Gonçalves, secretário-geral do Partido Comunista Português, morto em Setembro de 1942, depois de nove anos de deportação; Mário Castelhano, secretário-geral da CGT; Alfredo Caldeira, do CC do PCP, Augusto da Costa, Abílio Augusto Belchior, Cândido Alves Barja, Francisco José Pereira, Francisco Domingues Quintas, Rafael Tobias, Pinto da Silva, Arnaldo Simões Januário, Francisco do Nascimento, Esteves, Fernando Alcobia, Jaime da Fonseca Sousa, Albino Coelho, Jacinto de Melo Faria Vilaça, Casimiro Júlio Ferreira, Ernesto José Ribeiro, João Diniz, António Guedes de Oliveira e Silva, Albino António de Oliveira Carvalho, Damásio Martins Pereira, António de Jesus Branco, Henrique Vale Domingues, Paulo José Dias, Joaquim Montes, Manuel Alves dos Reis, Franci co Nascimento Gomes, Edmundo Gonçalves, Manuel da Costa, Joaquim Marreiros e António Guerra.

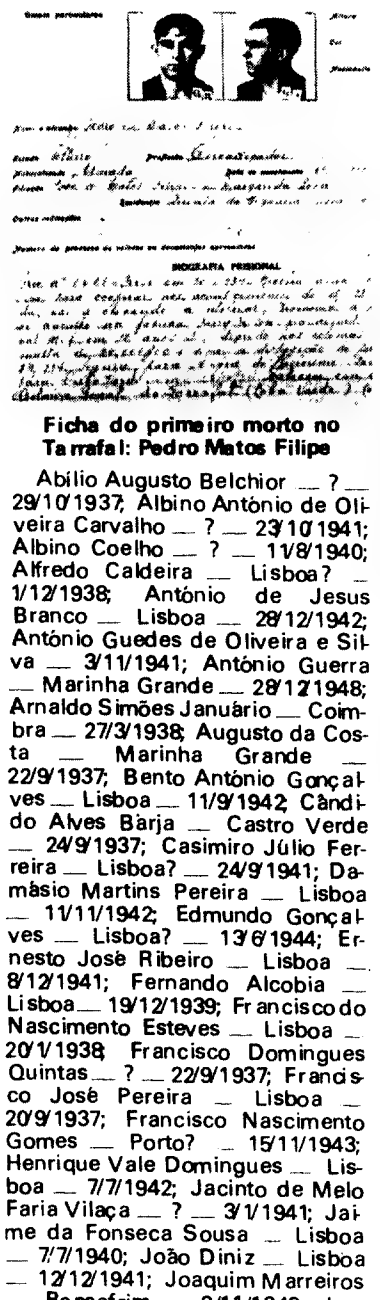
Os mais conhecidos carrascos: capitães João da Silva, Manuel Reis, Olegário Antunes e Filipe de Barros. Dr. Pratas, médico (?) do campo. Inspector Seixas, da PIDE, e agentes Teixeira, Travessa, Mateus, Cardoso, Gaspar, Almeida, Rui Paula, José Maria, Adelino, Silva e Gorila.

Frigideira: a mais cruel forma de tortura praticada no Tarrafal. Cela dupla de 7,5 metros de comprimento e 1,5 metro de altura. Três orifícios na porta de ferro e um pequena abertura para a distribuição do pão e da água constituiam o sistema de ventilação. Desde 15 dias a dois meses, prisioneiros ali sofreram o calor tórrido do Verão e o frio gelado do Inverno.

«Quem passa esta porta perde todos os seus direitos e tem apenas deveres a cumprir» — este o «aviso» definitivo de um dos mais cruéis directores do «campo da morte», Manuel dos Reis.

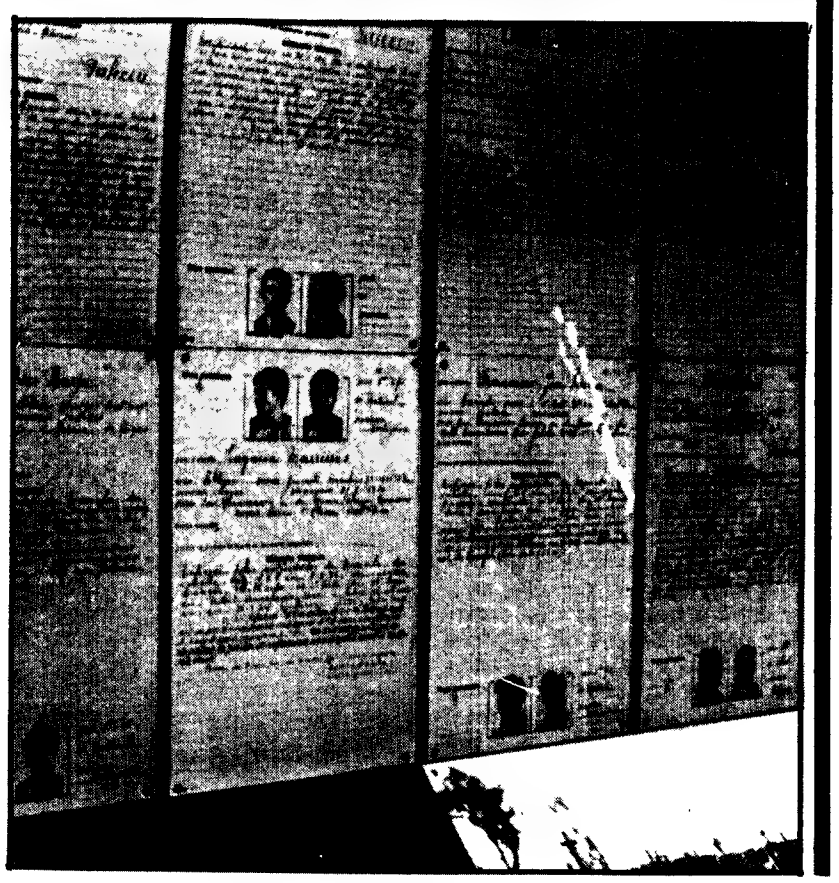
Instrumento legal de criação do campo: Decreto 26 539, de 23 de Abril, de 1936. Salazar mostrava a face, depois do Movimento Operário de 18 de Janeiro de 1934 e do Movimento do 8 de Setembro de 1936, mais conhecido por Revolta dos Marinheiros. O campo de concentração tinha existência legal há poucos meses e a primeira leva de prisioneiros era constituída predominantemente por estes revoltosos.

OS MORTOS DO TARRAFAL



Ficha do primeiro morto no Tarrafal: Pedro Matos Filipe

Abílio Augusto Belchior — ? — 29/10/1937; Albino António de Oliveira Carvalho — ? — 23/10/1941; Albino Coelho — ? — 11/8/1940; Alfredo Caldeira — Lisboa? — 1/12/1938; António de Jesus Branco — Lisboa — 28/12/1942; António Guedes de Oliveira e Silva — 3/11/1941; António Guerra — Marinha Grande — 28/12/1948; Arnaldo Simões Januário — Coimbra — 27/3/1938; Augusto da Costa — Marinha Grande — 22/9/1937; Bento António Gonçalves — Lisboa — 11/9/1942; Cândido Alves Barja — Castro Verde — 24/9/1937; Casimiro Júlio Ferreira — Lisboa? — 24/9/1941; Damásio Martins Pereira — Lisboa — 11/11/1942; Edmundo Gonçalves — Lisboa? — 13/6/1944; Ernesto José Ribeiro — Lisboa — 8/12/1941; Fernando Alcobia — Lisboa — 19/12/1939; Francisco do Nascimento Esteves — Lisboa — 20/1/1938; Francisco Domingues Quintas — ? — 22/9/1937; Francisco José Pereira — Lisboa — 20/9/1937; Francisco Nascimento Gomes — Porto? — 15/11/1943; Henrique Vale Domingues — Lisboa — 7/7/1942; Jacinto de Melo Faria Vilaça — ? — 3/1/1941; Jaime da Fonseca Sousa — Lisboa — 7/7/1940; João Diniz — Lisboa — 12/12/1941; Joaquim Marreiros — Bensafrim — 3/11/1948; Joaquim Montes — Almada — 14/2/1943; Manuel Alves dos Reis — ? — 11/6/1943; Manuel da Costa — Amora — 3/6/1945; Mário dos Santos Castelhano — Lisboa — 12/10/1940; Paulo José Dias — ? — 13/1/1943; Pedro de Matos Filipe — Almada — 20/9/1937; Rafael Tobias Pinto da Silva — Lisboa — 22/9/1937.



SETE SOBREVIVENTES FALAM AO "DL"

"NÃO HOUVE EM PORTUGAL PRISÃO ONDE O FASCISMO MAIS SE MANIFESTASSE"

TARRAFAL

Completar-se-á amanhã a transladação dos restos mortais dos trinta e dois antifascistas assassinados no Tarrafal, com o cortejo fúnebre que, saindo pelas 15 horas da Sociedade Nacional das Belas-Artes, onde as urnas se encontram em câmara ardente desde a sua chegada a Lisboa, se dirigira ao cemitério do Alto de S. João.

As ossadas destes trinta e dois portugueses que lutaram até à morte contra a tirania e pela liberdade, ficarão depositadas no singelo mas significativo monumento erigido naquele cemitério. Ali, as gerações futuras poderão saber, olhando a memória desses homens, que o fascismo existiu e que com ele existiram coisas tão terríveis como o campo de concentração do Tarrafal. Por isso, esta homenagem aos mortos do Tarrafal é, ao mesmo tempo, um profundo gesto de gratidão, um grito acusatório e um veemente «NÃO» ao retorno da hediondez abatida pelo 25 de Abril. E deverá ser mais: deverá ser uma gigantesca jornada de solidariedade e de adesão a um acto que empenhará, certamente, todos os democratas deste País.

Oliver Branco Bártolo

Tomaz Ferreira Rato

QUEM VEM PARA O TARRAFAL VEM PARA MORRER

Para falarmos com alguns dos sobreviventes do **campo da morte lenta** — como o apodaram os prisioneiros — estivemos no Mercado do Povo onde, como se sabe, se encontra patente uma exposição sobre o Tarrafal. Da Comissão Promotora da Transladação, achavam-se presentes: Pedro Foyos Teixeira, de 79 anos de idade, que sofreu cinco anos de Tarrafal; António Dinis Cabaço, com 74 anos de idade, e dezasseis no mesmo campo; José Barata, 61 anos, onze de Tarrafal; Oliver Branco Bártolo, 68 de idade, nove anos e três meses de campo de concentração; Reinaldo de Castro, 70 anos e quatro anos e meio de Tarrafal; Tomás Ferreira Rato, 68 de idade e um total de 13 anos de Tarrafal; Américo de Sousa, 59 de idade e 4 anos de Tarrafal, contando ao todo treze anos de andança por várias cadeias.

— Não houve em Portugal prisão onde o fascismo mais se manifestasse — disseram-nos estes homens, todos eles ainda rijos, mas profundamente marcados pela terrível experiência.

— Os carcereiros, quer se chamassem Seixas ou Manuel dos Reis portavam-se sempre da mesma maneira. À chegada dos presos Manuel dos Reis dava-lhes um recado:

— Quem vem para o Tarrafal, vem para morrer!

Pedro Foyos

E, na realidade, as condições do campo pareciam não dar qualquer oportunidade de sobrevivência a quem lá fosse parar. De facto, entre as ilhas do Arquipélago de Cabo Verde, Santiago é das mais próximas do Equador e aquela que possui pior clima. A Achada Grande do Tarrafal, situada a norte, foi o local escolhido por Salazar e seus sequazes, para montar o campo maldito. Numa pequena planície com uns três quilómetros de comprido por um de largura, surgiu um dia arame farpado. Não havia água potável, os mosquitos eram aos milhões, grassava o paludismo, o calor e o vento tórridos eram insuportáveis. Que melhor sítio para assassinar tranquilamente aqueles que o sátrapa considerava inimigos do seu regime antipopular e feroz?

— Os abarracamentos onde tínhamos de dormir — dizem-nos os já referidos sobreviventes — eram de lona. Lona por onde o vento penetrava trazendo consigo uma poeira fina, que entrava nos nossos corpos e cobria tudo. Quantas vezes, se chovia, o que era muito raro, tínhamos de suportar as noites sem dormir, encolhidos nos pontos onde a lona nos servisse de abrigo.

AS PRIMEIRAS VÍTIMAS E A ÚLTIMA

Ainda que decretada em 1936, a história do Campo de Concentração do Tarrafal, começa verdadeiramente em 1934, depois do movimento antifascista de 18 de Janeiro. É nesta data que se agudiza a luta de classes e é quando o regime salazarista sente a necessidade de uma repressão mais dura, que a situação da Alemanha hitleriana e da Itália de Mussolini, encorajavam.

Primitivamente, montou-se um campo de concentração em S. Nicolau. Mas com o decreto 26539 de 23 de Abril de 1936, Salazar cria o campo do Tarrafal. Era o início do horror. Eufemisticamente, o regime salazarista chamava-lhe Colónia Penal —, e, de facto, tentaram misturar presos de delito comum com os antifascistas para ali enviados.

A primeira grande leva de democratas (150 no seu total) chega ao Tarrafal logo a seguir à chamada Revolta da Marinha, ainda em 36. Este número iria crescendo e ao ser encerrado o campo em 1954, tinham passado por ali 340 antifascistas, que somaram globalmente dois mil anos de prisão. Mas contrariando as próprias leis fascistas, muitos dos presos não eram sequer julgados ou se o eram, acabavam por continuar no Tarrafal a **apodrecer** após a pena cumprida. O caso de Manuel Alpedrinha, dizem-nos aqueles sobreviventes, foi um exemplo evidente de como o fascismo agia contra a sua própria legalidade (que era, em si mesma, uma ilegalidade).

Condenado a dois anos de prisão correcional, Manuel Alpedrinha esteve preso durante doze anos e meio. Em 40 presos sem julgamento, o tempo total de **prisão preventiva** somou 304 anos.

Os primeiros antifascistas a caírem mortos no Tarrafal foram Pedro Matos Filipe e Francisco José Pereira. Tinham entrado para ali a 23 de Outubro de 1936 e morriam no dia 20 de Setembro de 1937. No dia 21 desse mesmo mês, falecia Augusto da Costa, a 22, Francisco Domingos Quintas e Rafael Tolvas, a 24, Cândido Alves Borga. Estas seriam as primeiras vítimas a contar para o longo sudário do campo da morte. A última, em 28 de Dezembro de 1948, foi António Guerra, quando cumpria a sua segunda pena de Tarrafal.

ERA FÁCIL MORRER NO TARRAFAL

Mas para vermos como se morria facilmente no Tarrafal, oiçamos o que nos descrevem os sobreviventes com quem falámos.

Trabalho, «frigideira», «frigideira», trabalho, foi o que Fernando Alcobia teve de sofrer até 15 de Dezembro de 1939, quando adoeceu com uma biliose. O estado de fraqueza quebrou-lhe todas as resistências à doença. O médico veio enfim vê-lo. Acendeu uma lanterna e os olhos de Fernando Alcobia não reagiram. A morte não tardaria. Alcobia tinha 24 anos e ia morrer assassinado.

Se estiver pior amanhã, mandem-me chamar — disse o médico, como se o estado de F. Alcobia não inspirasse grandes cuidados.

— E que tratamento lhe devo fazer? — perguntou o enfermeiro.

— Tratamento? Ah, sim. Olhe, ponha-lhe umas compressas de água fria na testa.

Fernando Alcobia expirou pelas dez horas da manhã seguinte. Tinha apenas 24 anos e cometera o «crime» de não aceitar a ilegalidade de um regime humilhante.

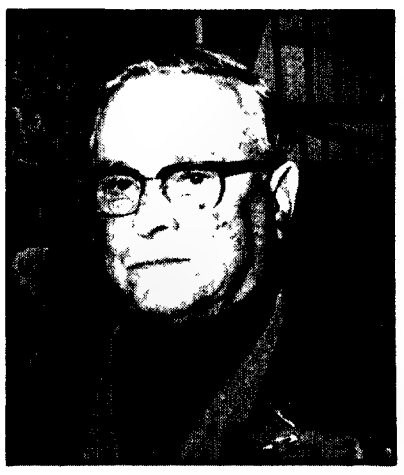
A «frigideira» era, como se sabe, uma das torturas mais usadas. Tratava-se duma «caixa» de cimento armado, com uns pequenos orifícios para mal deixar respirar. O calor tórrido transformava-a num engenho esbraseado. Os prisioneiros eram metidos ali dias e dias, sempre que os comandantes de campo os consideravam dignos desse tratamento.

Havia também a chamada «Brigada Brava». Os homens eram enviados para uma pedreira de granito puro e tinham de arrancar pedra a um ritmo que em breve os deixava totalmente exaustos. Se caíam, erguiam-nos à pancada.

Uma das vítimas deste tratamento desumano foi Bento Gonçalves, primeiro secretário-geral do Partido Comunista Português, que morreu no dia 11 de Setembro de 1942.

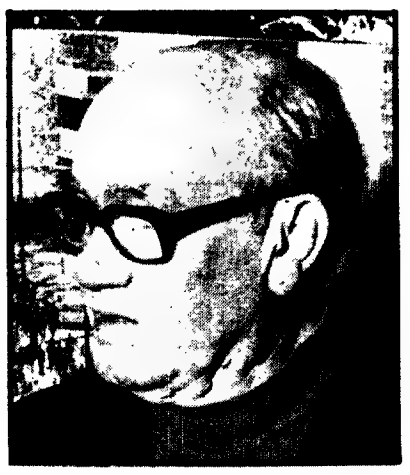
Américo de Sousa

A comida, pouca e má, a água inquinada, os mosquitos — **executores silenciosos** —, a tortura, o isolamento, a censura e o roubo da correspondência e do dinheiro enviado pelos familiares dos presos, o clima, a bestialidade dos guardas e dos chefes como Seixas e outros, teriam sido mais do que suficientes para levar à loucura e à morte todos aqueles homens. Mas o fascismo encontrara neles o espírito da resistência que o abalava dos pés à cabeça, apesar dos campos de concentração, das brutalidades e do desprezo pelo ser humano. Organizaram-se e, pacientemente, aguardavam a hora da libertação, viesse quando viesse, não para fazerem o «repouso do guerreiro», mas para voltarem à luta com o mesmo denodo, a mesma consciência revolucionária. Por isso, foram eles os vencedores. Os vencidos não estavam dentro do campo e das restantes masmorras criadas por mentes psicopatas, mas a história, com o seu julgamento implacável, já os lançara para o único sítio adequado: o caixote do lixo.



António Dinis Cabaço

José Barata



Reinaldo de Castro

HOMENAGEM AOS MÁRTIRES

REGRESSAM A TERRA PORTUGUESA AS OSSADAS DOS HERÓIS DO TARRAFAL

Portugal recebeu na tarde da última quarta-feira os restos mortais de trinta e dois combatentes da Liberdade caídos no campo de concentração do Tarrafal. Na circunstância, o país estava dignamente representado pelos companheiros daqueles que não resistiram fisicamente à violência do degredo. Ex-presos e outros portugueses antifascistas deslocaram-se ao Aeroporto da Portela para render a homenagem justa à memória dos que tombaram: «A luta continua!».

Os ossos dos combatentes sepultados no Tarrafal e agora transladados para a sua pátria em pequenas urnas, estarão a partir de hoje, em câmara ardente, na Sociedade Nacional das Belas-Artes, realizando-se o funeral amanhã.

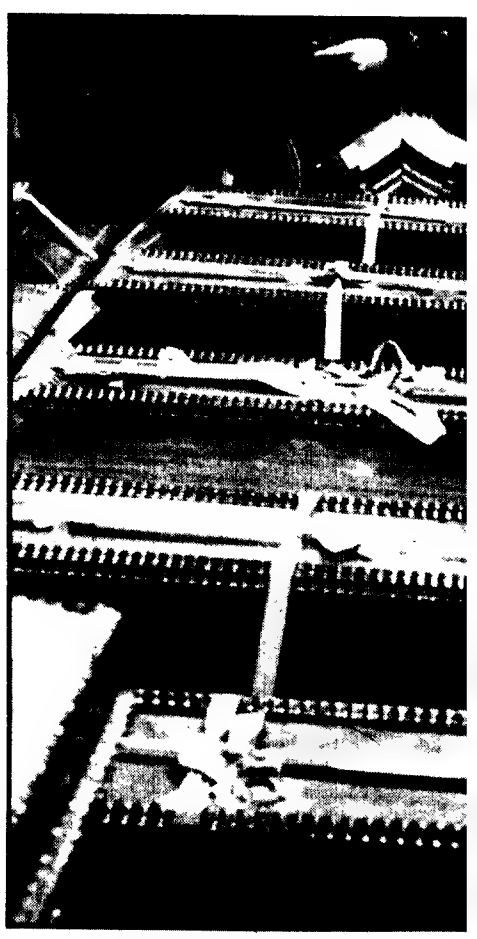
A chegada dos restos mortais daqueles heróis foi marcada por momentos de profunda emoção, sobretudo quando familiares das vítimas do campo do Tarrafal leram, nas urnas, os nomes dos seus parentes. Ao grito de «o meu pai voltou!», fez-se silêncio. Vinte e quatro anos após o regresso a Portugal do último sobrevivente, as lágrimas não secaram nos olhos dos órfãos, das viúvas e dos amigos daqueles que levantaram a voz ou o punho contra o regime opressor.

No aeroporto, «DL» ouviu ex-presos do Tarrafal que aguardavam a chegada das urnas, com o nome do campo da morte pregado nas camisas. Orgulhosamente, alguns septuagenários (outros, pouco mais novos) assumiam a honra de ter sido levados para o Tarrafal, para morrer. A honra que deriva do facto de terem ousado lutar contra o fascismo, sabendo que o fascismo não hesitava na liquidação física dos homens que se opusessem ao regime.

Depois, o orgulho do juramento cumprido. «Quando morreram aqueles sete camaradas, no espaço de uma semana, nós jurámos que os seus corpos haveriam de voltar a Portugal». Juramento feito há mais de quarenta anos. Não voltaram sete, regressaram as ossadas de trinta e dois. E vieram mesmo as ossadas de alguns que tinham jurado fazer regressar os restos mortais dos companheiros a Portugal.

Homens de longa experiência de «frigideira» não levantam, quando se juntam, bandeiras partidárias. Eles lembram-se que no Tarrafal os carrascos tratavam indiferentemente um comunista ou um anarco-sindicalista. A «frigideira» era a mesma: um espaço exíguo com capacidade máxima para duas pessoas e onde chegavam a permanecer oito presos. «Era pão e água dia sim dia não», conta Oliver Bártolo. Ele tem autoridade para falar porque esteve lá 48 dias: «Oito quando foi da fuga, depois mais vinte, e depois outros vinte quando o gajo me partiu a cabeça». Descalços, a dormir sobre o cimento.

À chegada das urnas daqueles trinta e dois, não estiveram representadas certas formações políticas que se reclamam «democráticas». Questão de vergonha. No fundo, a consciência de que nunca tiveram nada a ver com o Tarrafal, tão pouco com a luta travada numa altura em que era preciso coragem para o contestar.



TARRAFAL

Coordenação:
Manuel de Azevedo

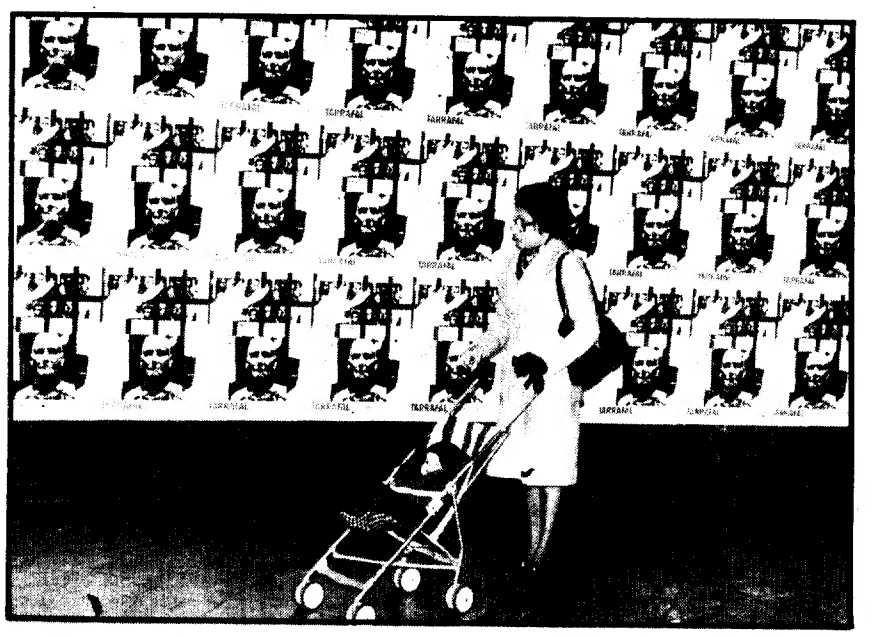
Documentação fotográfica:
José Tavares
Rui Pacheco

AL.

SA

RRAFAL

E no entanto, podiam ter ido na quarta-feira ao Aeroporto da Portela, ninguém lhes faria mal. Até «os pides estão em liberdade, mesmo alguns que nos torturaram, e não lhes guardamos ódio...».



A EXPOSIÇÃO DO MERCADO DO POVO

PARA QUE NUNCA MAIS SE ESQUEÇA O MONSTRO CHAMADO FASCISMO

JOSUÉ DA SILVA

Entra-se e sentimos que a ferida ainda sangra, que o Tarrafal e a imagem do fascismo que nele sobrevive ainda os perturba, ainda nos magoa. No fundo, damo-nos conta de que tudo o que há de terrível e de profundamente humilhante no «filme» que a Exposição nos mostra não está morto. Lateja e rasteja, como um réptil ameaçador, longe e perto, o golpe pronto no dente envenenado,. Por isso é preciso ver mil vezes, quanto mais não seja para que os nossos sentimentos não se equivoquem, sempre que ouvirmos as bonitas palavras dos saudosistas do passado hoje mascarados (mal) de democratas e santarrões.

Esta Exposição sobre o Tarrafal, que se encontrará patente até ao próximo dia 26, no salão da Galeria de Arte Moderna, no Mercado do Povo, em Belém, e que já foi visitada por muitos milhares de pessoas é duma riqueza de expressão espantosa. Os documentos e os elementos que a compõem oferecem-nos uma completa visão sobre o que representou e como funcionava o «campo da morte lenta», o que quer fazer que nos recorda, numa exuberância triste mas eloquente, a autêntica face do regime implantado por Salazar. Por isso mesmo, pensamos que seria de grande importância dar-lhe, depois do dia 26, um cunho itinerante. A ideia, aliás, surgiu de um visitante com quem falámos há dias quando ali nos deslocámos em serviço de reportagem. Este homem viera de Matosinhos, Porto, com o único propósito de visitar a exposição do campo do Tarrafal. E disse-nos:

— Seria bom que levassem todo este material ou parte dele lá ao Norte. Ao Norte, mas não só à cidade do Porto. Deveriam ir pelo interior, para que as pessoas se inteirassem de vez quem era Salazar, o que era o regime fascista. E para que, sempre que os caciques falam ao povo, dizendo que o «antigamente» tinha coisas muito positivas, o povo tivesse nos olhos estas imagens.

A ideia aqui fica, esperemos que para aproveitar.

O Violino da Esperança

Mas como funcionava, realmente, o Campo de Concentração do Tarrafal?

Já se disse muita coisa, já se descreveram as torturas, os trabalhos forçados, a passagem pela «frigideira», a bestialidade dos chefes e dos guardas, a violência e a humilhação constantes a que estavam sujeitos os prisioneiros.

Continua na pág. 6

Miguel Russel

O TARRAFAL DE MEMÓRIA

Dentro de dias, deverá ser posto à venda o livro «Tarrafal/Testemunhos», da autoria de vinte ex-presos daquele campo de morte.

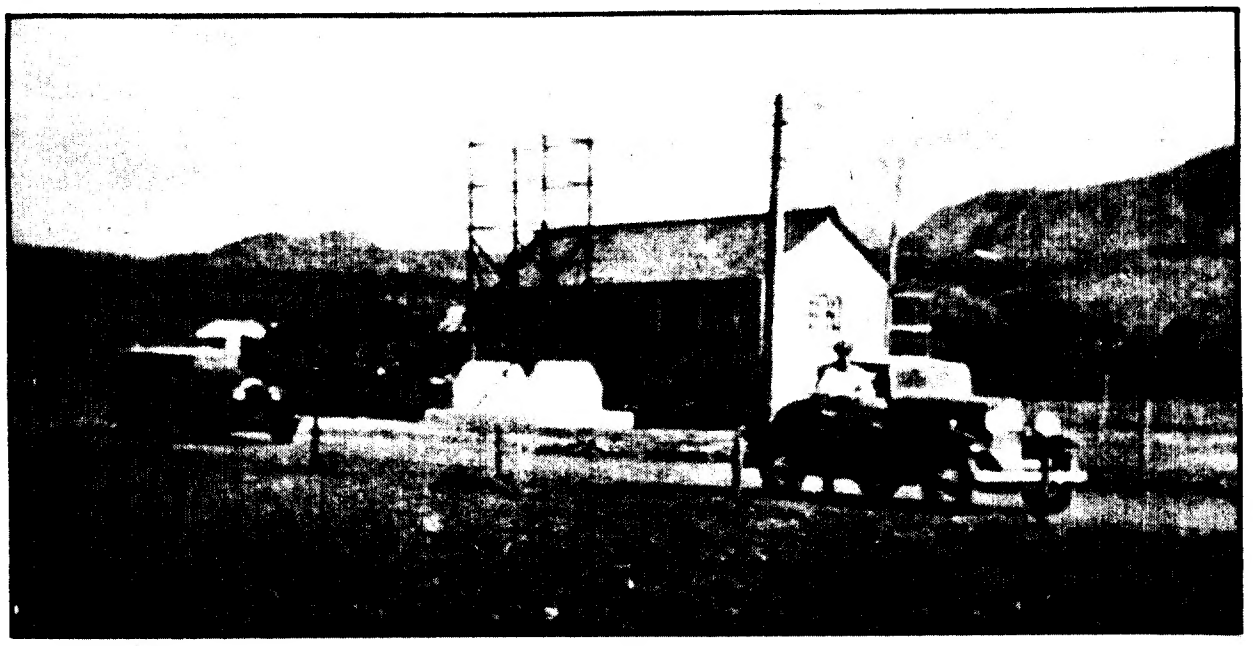
Um dos autores, Miguel Russel, confiou ao «DL» que se trata da obra mais completa sobre o Tarrafal, embora reuna apenas testemunhos de memória, já que «não tivemos acesso às fontes oficiais».

Na base da memória, «Tarrafal/Testemunhos». Para que os portugueses não esqueçam. «Fascismo, nunca mais».

TARRAFAL DE (INGRATA) MEMÓRIA

«Manhoso, reservado, sempre em desconfiança, sempre a julgar-se vítima de enganos». Assim classificavam os prisioneiros do Tarrafal um dos capitães directores do presídio, no caso o capitão Filipe de Barros. O isolamento, o convívio solidário entre presos e as suas relações quotidianas e inevitáveis como os algozes motivaram reflexões e análises de comportamento patenteadas em letra de forma num livro a editar em breve por um grupo de ex-deportados. Dele nos foi possível retirar alguns episódios.

•



E AGORA, SR. DIRECTOR?

«O referido Filipe de Barros apareceu a dirigir o campo «com aquele ar bonacheirão dos gordos, lento no andar, sempre fardado, cavalo marinho entalado no sovaco». Foi um dos que meteu bem a mão no saco azul, ou seja, um dos que melhor se «abotoou». Vejamos:

O rancho piorou. A alimentação passou a ser o feijão quinino já bem nosso conhecido, mas agora muito mais frequente. E aquele feijão miudinho, tipo feijão frade, muito amargo, assim como vinha nas travessas, assim o despejávamos na barrica dos restos. O peixe e a carne foram muito reduzidos. O rancho atravessou muitas fases segundo as diferentes direcções do Campo. Nunca foi bem, mas com o capitão Filipe de Barros atingiu o seu nível mais baixo.

Dedicou-se o novo director a uma pequena horta, situada muito perto do poço de captação de água do mar e tentou a cultura da batata doce, da abóbora e de alguns outros vegetais do Continente, como as couves. Foi bem sucedido. A mão-de-obra era barata e nós não tardámos em ver o arroz de carne substituído pelo de couve e de outros produtos da horta. Tão habitual passou a ser a sopa e o arroz de abóbora, que já nos referíamos ao director como o «Abóbora».

O regime alimentar com o capitão Filipe de Barros passou a ser: pelas seis, café e pão; ao almoço, arroz de couves e uma batata-doce cozida; ao jantar, sopa ou arroz de abóbora ou de batata-doce e carne salgada de porco ou albacora.

Enriquecia o director. No Campo comíamos abóbora e batata-doce, mas nas contas enviadas para Lisboa figuravam os gastos de muitas galinhas e vitelas.

O rancho minguava tanto quanto o saco azul inchava. O número de reses abatidas, em quilos de carne, era inferior às quantidades consumidas. Nos mapas enviados, chegaram a figurar dois mil quilos de carne gastos no rancho, quando na conta corrente do Campo era contabilizada a compra de seis vitelas, com um peso total de mil quilos. Tínhamos comido uma tonelada de carne que não existia.

Os roubos do **Abóbora** foram descobertos, mas como apresentou duzentos contos que lhe tinham aparecido a mais no cofre sem saber bem como, entenderam no Continente «que a sua honra ficou salva».

Havia muita carne nas contas do Campo, mas faltava no rancho, e quando uma rês era abatida podia acontecer ter de ser lançada à água, aos tubarões, sem que tivéssemos outra em troca. Aliás a melhor carne sempre ia para os guardas.

Abateu-se uma vaca que estava tuberculosa. Ao passar pelas

Continua na pág. 7

A EXPOSIÇÃO DO MERCADO DO POVO

Continuação da pág. 6

Já se contou como morreram, assassinados pela sanha dos sequazes de Salazar, tantos dos antifascistas ali internados, quantas vezes sem julgamento ou ultrapassando largamente os anos de prisão propostos pelos tribunais manobrados pelo regime. Porém, a Exposição sobre o Tarrafal leva-nos mais longe. Fala-nos do comportamento heróico dos homens que, tendo escolhido dar a vida na luta pela libertação de um povo, sabiam, não apenas sofrer com estoicismo o barbarismo a que estavam sujeitos, como ainda, sem perderem a cabeça, se organizavam e, mesmo em pleno campo da morte, mantinham de pé a chama da causa libertadora e o ânimo colectivo.

Um grupo de internados, barbeados e vestidos para poderem enviar a foto para as famílias

Organizados, portanto, podiam lutar contra quase tudo: contra os mosquitos, portadores de doenças terríveis que levavam à morte; contra a falta de água potável, inventando filtros e defendendo como era possível, o único poço existente perto do campo; contra a falta de higiene na comida, e nos sórdidos abarracamentos onde viviam o dia-a-dia; contra a brutalidade dos guardas, embora esta fosse pouco fácil de evitar; contra o abandono e a angústia.

Neste último capítulo, pode-se ver na Exposição do Mercado do Povo, como é possível, em condições tão carentes de tudo, dar asas à imaginação e, embora na falta do mínimo essencial, assegurar a cultura e a capacidade criadora duma comunidade jugulada pela violência iníqua.

Repare-se, pois, que numa das vitrinas da Exposição, há algumas dezenas de livros... fabricados pelos prisioneiros do Campo do Tarrafal. Livros? — exclamará alguém com o espanto que nos acometeu quando reparámos no pormenor. E talvez se acrescente com certa ingenuidade: — Mas, afinal, se os presos do Tarrafal até livros conseguiam fazer, é porque as autoridades do campo não eram assim tão más.

Só que estes livros eram fabricados na clandestinidade e na clandestinidade circulavam entre os prisioneiros. Os guardas do campo não deixavam entrar senão livros de estudo, que ao fim de poucos dias, eram retirados das mãos dos presos. Houve então alguém que se lembrou de os começar a copiar, à mão, claro, no escasso tempo que os tinham em seu poder. E depois? Como arranjar papel para, mesmo duma forma muito primária, lhes dar o modelo de um livro, ainda que manuscrito? A informação veio-nos de um dos sobreviventes do Campo:

— Utilizávamos o papel dos sacos de cimento sobrantes das obras do campo. A tinta, que os carcereiros se negavam a dar-nos, era viochene retirado pela sorrelfa da carpintaria. Foi assim que conseguimos fazer esta colecção de livros de estudo, com os quais, às ocultas, aprendíamos matemática, línguas, etc.

Lá está, para quem quiser ver. Numa outra vitrina, destinada a guardar objectos de artesanato fabricados igualmente no Tarrafal pelas mãos dos prisioneiros, descortinámos, entre muitas outras coisas de largo interesse, um violino.

— Feito no Campo? — indagámos.

— Sim — respondem-nos. — Mas só nos últimos anos, quando a vida no Tarrafal, graças às pressões internacionais e aos protestos e luta do povo português, melhorou gradualmente, obtivemos tempo, materiais e alguma liberdade para nos dedicarmos a estes trabalhos. Como se depreende, estes objectos eram um pouco da nossa esperança. Sabíamos que mais tarde ou mais cedo voltaríamos à vida e por isso, cada peça que fabricávamos, simbolizava o futuro. E, ao mesmo tempo, mantinha-nos a moral, não deixava que as nossas mentes se atrofiassem, como queriam os esbirros salazaristas.

Para Que Nunca Mais Se Esqueça

De facto, só homens com uma têmpera excepcional ou com uma profunda fé e convicção na luta escolhida, ousariam resistir desta forma: verticais, **livres**, organizados. Na realidade, o grande vencido do Tarrafal foi o fascismo, visto que os objectivos com que criou o Campo da Morte não foram nunca alcançados. Ali, ninguém se rendeu — nem sequer os que lá tombaram para sempre e agora recebemos nos nossos corações e na terra que os viu nascer e pela qual lutaram até ao derradeiro alento.

Numa parede branca, ao fundo da sala de Exposição, os visitantes que o desejem, inscrevem os seus nomes e traçam legendas antifascistas. Um garoto de nove anos, escreveu: «Quero que todas as crianças como eu gritem alto: nunca mais deixaremos que isto aconteça na nossa terra!»

A cronologia histórica do Tarrafal está ali. Os mortos e os vivos, lado a lado. E os carrascos, também. Para que nada se esqueça, para que, como quer aquele garoto de nove anos, «isto nunca mais aconteça na nossa terra.» Para que a dignidade de um povo não volte a ser espezinhada, violentada.

E nesta consciência apelamos no sentido de não deixar que a mensagem que nos trouxe a Exposição do Campo do Tarrafal vá parar à gaveta do esquecimento. É preciso mantê-la, assim ao vivo, de cidade em cidade, de vila em vila, de aldeia em aldeia. O esforço que tal iniciativa exige, será compensado pela gratidão com que o nosso povo a olhará. E pelos resultados, certamente. Porque não há, acreditamos, um único português consciente e de carácter, que pretenda olvidar esta «herança» ou dela não queira tirar uma lição segura para o futuro.

Continuação da pág. 6

traseiras da cozinha, o director foi abordado pelo nosso camarada Manuel Amado dos Santos que era o magarefe e queria saber se viria outra.

— E agora, senhor director?

— Agora mija na mão e deita fora!

E foi-se sem outra resposta.

Era uma atitude habitual para fugir a embaraços. A Comissão do Campo procurava reclamar contra o abuso da abóbora, mas o director para evitar aqueles encontros incómodos não aparecia. Quase não era visto na secretaria. Andava pelas proximidades, ia à Vila do Tarrafal ou ficava em casa com raparigas naturais da ilha, onde a misèria e a fome as forçava à prostituição.

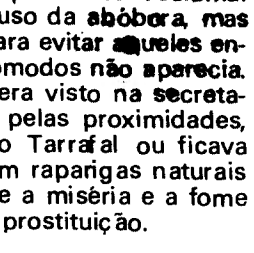
Organizava grandes orgias que terminavam em bebedeira com os guardas mais sabujos, para irem depois dormir às cubatas das nativas.

QUANDO CHEGARAM OS JORNAIS

Em Outubro de 1942, apesar de tudo, já os acontecimentos indicavam que os destinos da guerra iriam pender para as forças aliadas — escreve-se no livro colectivo a editar, mas só em meados de 1944 é que os prisioneiros conseguiram autorização para a assinatura de jornais:

«Tinhamos assinado vários jornais e um dia chegaram-nos por fim às mãos, o «**Século**», o «**Diário de Notícias**», o «**Primeiro de Janeiro**», o «**Diário Popular**»...

Que dia grande! Que duro combate travado de que por fim tínhamos a vitória! Nós que na nossa ânsia de notícias tínhamos sido



TARRAFAL

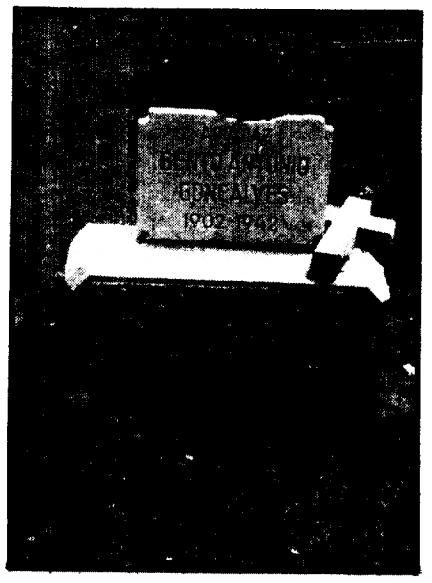
leitores dos pedaços de jornal usados nas latrinas dos guardas!

Que alegria! Que ansiedade! Todos queríamos ler. E estabelecemos que o refeitório seria a sala de leitura.

Líamos tudo. Terminado um jornal pegávamos noutro que também líamos de ponta a ponta. Nem uma secção escapava. Lembramo-nos ainda de algumas como «depois das nove», «comentários», «peço a palavra». Nem um artigo ficava sem leitura principalmente se estivesse relacionado com a guerra.

Quando o jornal nos caía nas mãos líamos em voo os grandes títulos: «A frota aérea que protegeu as tropas de invasão», «Guerra nos cinco continentes», «Na Normandia, o inimigo tentou reforçar as testas de onte mas não se realizou qualquer novo desembarque». Era um comunicado do Quartel General Alemão. «Comunicado do Grande Quartel General Russo: ao Norte e Noroeste de Jassy repelimos novos ataques inimigos com grandes massas de infantaria e de tanques», «Colónia intensamente bombardeada».

E naquela ânsia de ler esbarrávamos de quando em quando



em frases que eram como que tropeções na nossa familiariedade com jornais, havia tanto tempo interrompida. Líamos: «Os 3.500 contos da Lotaria de Santo António» ou «O Crime da Meia-Noite» folhetim de...

— Não interessa! — dizíamos nós com impaciência.

«Continuam bem as operações, segundo os planos estabelecidos e os horários previstos».

— Interessa!

E mergulhávamos na leitura e acompanhávamos ansiosos os avanços dos Aliados pela Normandia.

Não nos cansávamos de ver as fotografias de aviões em formação de combate, de soldados pára-quedistas a pintarem-se de negro, a camuflarem-se com a noite, de oficiais que acertavam os relógios para a «Hora zero do dia H».

Nem nos fatigavam os mapas tracejados, com grandes setas apontando as direcções das ofensivas, as linhas marcando as frentes de batalha, que percorríamos com a unha do indicador, avaliando distâncias, o que faltava percorrer a ferro e fogo, levando destruição e morte aos que tanta morte e destruição tinham lançado por toda a Europa.

Tínham-nos chegado os jornais de 7 a 22 de Junho. Não descansavamos. Era preciso ler tudo. Doíam-nos os olhos, mas sorríamos felizes uns para os outros. Os jornais passavam de mão em mão.

O avanço dos Aliados continuava. A Leste avançava o Exército Vermelho que em Abril de 1945, no Elba, iria encontrar as primeiras patrulhas americanas. E a 30 de Abril, já com Berlim ocupada pelas tropas soviéticas, Hitler suicidar-se-ia.

O nosso Natal de 1944 foi alegre. A vitória estava próxima.

— É o último Natal que aqui passamos! — dizia o nosso optimismo.

Nos carcereiros pesava o desalento. Filipe de Barros, com os bolsos cheios, terminava a sua comissão de serviço com louvores.»

O FASCISMO MUDA DE FACE

A Filipe de Barros, sucedeu, como capitão-director, David Prates da Silva:

«Quando entrou, acompanhado pelos guardas e pelo médico, logo parou junto do primeiro casaco esfarrapado.

— O senhor não tem outro casaco?

— Tenho sim, senhor director.

— Porque não o vestiu?

— Ainda está mais roto que este.

— Mais roto ainda? Há quanto

Continua na pág. 8

SOBREVIVENTES DO TARRAFAL

NOMES	ANOS DE TARRAFAL	TOTAL DE ANOS DE PRISÃO
Acácio José da Costa	8 anos e 5 mêses	10 anos
Acácio Tomáz Aquino	13 anos	16 anos
Álvaro Ferreira	4 anos e 3 mêses	
Américo Vicente	9 anos	10 anos
Anibal dos Santos Barata	16 anos	16 anos
Ariosto Mesquita	4 anos	6 anos
António Baptista	8 anos	13 anos
António Diniz Cabaço	16 anos	16 anos
António Ferreira da Costa	1 ano e 9 mêses	
António Franco da Trindade	13 anos e 4 mêses	
António Gonçalves Coimbra	14 anos e 5 mêses	15 anos e 5 mêses
António Marcelino Mesquita	4 anos	7 anos
António da Silva Salvador	1 ano e 4 mêses	
Américo Gonçalves de Sousa	4 anos	17 anos
Armando Martins de Carvalho	8 anos e 6 mêses	10 anos e 9 mêses
Armindo do Amaral Guimarães	12 anos e 5 mêses	15 anos
Augusto Alves de Macedo	5 anos	7 anos
Augusto Costa Valdez	6 anos e 7 mêses	8 anos e 4 mêses
Boaventura Gonçalves	7 anos e 6 mêses	
Carlos Ferreira	10 anos	13 anos
Carlos Martins Sevela		
Custódio da Costa	13 anos	16 anos
Domingos Rodrigues Quintas	7 anos	7 anos
Domingos dos Santos	3 anos	
Edmundo Pedro	8 anos e 9 mêses	9 anos
Eurico Pinto Mateus	9 anos	11 anos
Fernando Quirino	10 anos	13 anos
Francisco Miguel Duarte	8 anos e 5 mêses	21 anos e 2 mêses
Henrique Oschesberg	4 anos	6 anos
Jaime Ferreira	6 anos	6 anos
Jaime Tiago	12 anos	16 anos
João Faria Borda	16 anos	17 anos e 5 mêses
João Galo Gomes	10 anos e 5 mêses	
João Martins Leitão	9 anos	14 anos e 5 mêses
João Rodrigues	13 anos e 9 mêses	16 anos
João da Silva Campelo	16 anos	17 anos
Joaquim Amaro	9 anos	17 anos
Joaquim Gomes Casquinha	17 anos	17 anos
Joaquim Ribeiro	16 anos	17 anos
Joaquim de Sousa Teixeira	8 anos	12 anos
Joaquim Zacarias	1 ano e 5 mêses	3 anos e 5 mêses
José Barata	11 anos	14 anos
José Bernardo	4 anos	6 anos
José Gilberto Florindo de Oliveira	10 anos	13 anos
José Neves Amado	16 anos	17 anos
José Tavares de Almeida	9 anos	12 anos
José dos Santos Viegas	13 anos e 2 mêses	17 anos e 3 mêses
Josué Martins Romão	16 anos	16 anos
Júlio Melo Fogaça	7 anos	8 anos
Leonildo Felizardo	8 anos e 3 mêses	
Luis Martins Leitão	9 anos	10 anos e 5 mêses
Manuel Baptista Reis	4 anos e 7 mêses	
Manuel Firmo	3 anos e 7 mêses	
Manuel Fontes	4 anos e 7 mêses	
Manuel Graça	8 anos e 3 mêses	
Manuel da Rosa Alpedrinha	10 anos	14 anos
Miguel Vager Russel	8 anos e 6 mêses	
Oliver Branco Bartolo	9 anos e 3 mêses	10 anos e 8 mêses
Pedro Foios Teixeira	2 anos e 5 mêses	4 anos e 5 mêses
Reinaldo de Castro	4 anos e 5 mêses	8 anos
Saúl Gonçalves	6 anos e 10 mêses	7 anos
Sérgio de Matos Vilarigues	3 anos e 9 mêses	4 anos
Tomás Ferreira Rato	9 anos e 3 mêses	12 anos
Virgílio Martins	8 anos e 3 mêses	
Virgílio de Sousa	8 anos e 6 mêses	

TARRAFAL

TARRAFAL
DE (INGRATA) MEMÓRIA

Continuação da pág. 7

tempo lho deram?

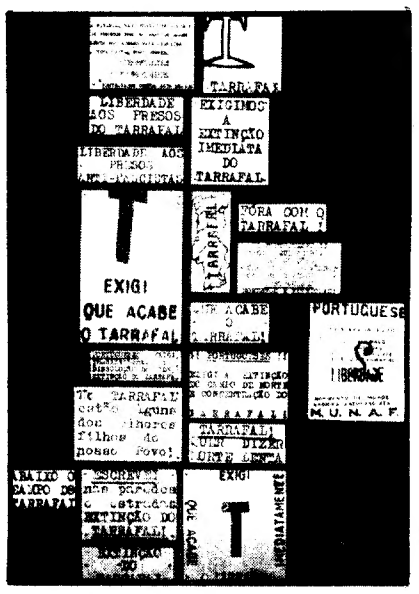
— Há dois anos e meio, senhor director.

Voltou-se o capitão Prates da Silva para o chefe dos guardas.

— Não há um período de duração para as roupas que se entregam aos reclusos?

— Saiba Vossa Excelência que há, senhor director.

— E qual a duração calculada para um casaco de cotim?



— Oito meses, senhor director.

A visita não decorria como anteriormente era habitual. O capitão Prates da Silva fazia perguntas, interrogava o chefe dos guardas, queria saber as razões de todas as dificiências que observava.

— Mas não há mantas na Colónia?

— Não há, senhor director.

— Mas não há porquê?

E o chefe dos guardas gaguejava explicações, tinha gestos vagos.

A impressão que o capitão Prates da Silva nos causou foi favorável. O tempo confirmou a nossa opinião. Foi um director humano, tal como antes o fora José Júlio da Silva, e durante nove anos se manteve dirigindo o Campo, até 1954, quando foi encerrado.

Foi encerrado como Colónia Penal. O fascismo de modo algum queria confessar agora que se tratava de um campo de concentração. Porém houve um tempo em que nas cartas enviadas aos nossos familiares escrevíamos «Campo de Concentração da ilha de Santiago em Cabo Verde». Para nós isto tinha alguma importância. Era uma forma de fazermos confessar — uma vez que o aceitavam — não se tratar de uma colónia penal, mas sim de um campo de concentração. A PVDE ao consentir visava um fim repressivo, espalhava o terror que os campos de concentração traziam em si, ao estabelecer-se analogia com os da Alemanha nazi. Permitiu-o enquanto o fascismo vencia pela Europa. Quando as derrotas na frente Leste abalaram as esperanças salazaristas na vitória do nazismo, então nas nossas cartas impunha-se a designação de colónia penal».

«SÓ QUERIA SABER DO MEU PAI...»

Episódio longínquo, que dolorosamente se fez presente com a morte, por emoção, do filho de um dos deportados que não resistiu às sevícias — a morte anteontem ocorrida, de Jaime Augusto França de Carvalho, antifascista como seu pai, Albino de Carvalho, ganha novo e emocionante contorno.

Já em Lisboa, acabado o pesadelo, um grupo dos do Tarrafal almoçava num hotel. Empregados e outras pessoas presentes começam a formular perguntas. Uma senhora, à telefonista do hotel, perguntou a um ex-prisioneiro:

« — Eu só queria saber como está meu pai. Há tantos anos que nada sei dele!

Soube que o pai fora o Albino de Carvalho. Republicano, antifascista, exilara-se em Espanha onde, quando rebentou a guerra civil, sa bateu contra os franquistas. De regresso a Portugal, fora preso e enviado para o Tarrafal onde morrera a 22 de Outubro de 1941, com cinquenta e seis anos.

— Sim, minha senhora, conheci muito bem seu pai. Estava comigo no Tarrafal...

— E já não está?

O nosso camarada não sabia que dizer.

— Não a avisaram?

Ninguém a tinha avisado de coisa alguma e ela insistia em saber.

— Morreu a 22 de Outubro de 1941. Com uma biliosa.

Ficou imóvel, a olhá-lo como que atordoada e a seguir afastou-se, quase a correr, com os ombros sacudidos pelos soluços.

Foi triste o almoço. Mas quantos assistiram avaliaram bem ao vivo o que era o fascismo.»

«HOMEM DE MAU CARÁCTER»

Em Junho de 1953 foram transferidos para Peniche os marinheiros que ainda se encontravam no Tarrafal. No Campo ficou apenas Francisco Miguel.

«Tinha voltado ao Tarrafal no início de 1951. Ia castigado com um mês de cela disciplinar e como «recomendação» do director de Peniche: «É homem de mau carácter e com tendência para estragar a fazenda nacional». Era esta a forma como se exprimia o uso dado por Francisco Miguel a dois lençóis e uma manta, transformados em sacos onde meter a terra cavada para abrir galeria por onde fugir. A fuga era certamente uma prova do seu mau carácter.

Era a segunda vez que Francisco Miguel era enviado para o Tarrafal. De Junho de 1940 a Janeiro de 1946, encontravam-se então no Campo uns duzentos presos. Daquela segunda vez seríamos uns vinte.

Havia muito mais silêncio. Os carcereiros não faziam a vida tão dura. Estudávamos, fazíamos pequenas estatuetas de chifre e nisto era mestre o camarada Casquinha. Tão cheios de vida eram os seus papagaios e cegonhas que os guardas nos pediam que os fizessemos para eles. Não fizemos. Eram ofertas para as nossas famílias. Eram objectos de adorno, mas na pequena base de madeira a que as fixávamos, numa cavidade bem dissimulada seguiam escritos nossos, longas cartas. Assim seguiu em letra minúscula um relatório de Francisco Miguel destinado ao Partido Comunista Português. Depois de dactilografado transformou-se em vinte e duas páginas cerradas, a um espaço.

Íamos assim quebrando o nosso isolamento apesar de todos os esforços dos carcereiros.

Mas também nós acabámos por ser transferidos, nós, os marinheiros do 8 de Setembro, os «sócios fundadores» do Tarrafal como muitas vezes dizíamos em gracejo.

Francisco Miguel ficou.

Durante seis meses foi o único preso do Campo.

A 26 de Janeiro de 1954, precisamente três anos depois da sua segunda chegada ao Campo, seguiu no **Alfredo da Silva**, com rumo a Lisboa.

O Campo de Concentração do Tarrafal estava encerrado.

«NEM ALGOZ NEM POMBA»

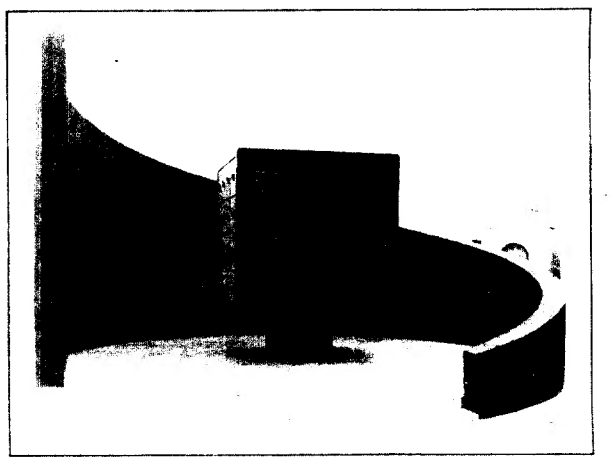
A obra colectiva a editar, da autoria de um grupo de ex-prisioneiros do Tarrafal, fala de um ignoto inferno, para além das brumas. A censura e, depois, a falta de documentação alicerçada transformaram o campo da morte numa lenda, quase. É essa lenda que, página a página, é desmontada no livro donde respigámos os episódios atrás. Como já se escreveu no «DL», nos perfis vários dos vários directores do «Campo» não será difícil reconhecer aquele outro perfil — do Salazar, ditador, — «nem algoz nem pomba», como de si dizia o capitão carrasco Filipe de Barros: entre a bestialidade e a unção. Era assim o «Abóbora», citado no primeiro episódio transcrito.

Mas — e o livro termina assim — **«os vencedores fomos nós,** nós que, pelo Primeiro de Maio, arriscando-nos aos espancamentos e à frigideira, de costas para as paredes das oficinas, aliestávamos, esperando pela alvorada. E, quando o Sol se erguia por cima dos telhados das casernas, levantávamos então o punho em seu-dação ao Sol que um dia amaneceria numa Patátria livre».

Quem deixará extinguir a luz estelar da madrugada de 25 de Abril de 1974?

Apelo à população

HOMENAGEM NACIONAL ÀS VÍTIMAS DO TARRAFAL



A Comissão Promotora da Trasladação apela a toda a população para participar no cortejo fúnebre que acompanhará os restos mortais das vítimas do Tarrafal.

Sábado 18 de Fevereiro

às 15 horas — saída da Câmara Ardente no Salão Nobre da SNBA (Rua Barata Salgueiro) **para o Cemitério do Alto de S. João,** onde serão colocadas as urnas no **Monumento** construído por subscrição nacional.

percurso do cortejo fúnebre: Marquês de Pombal, Saldanha, Av. Duque de Ávila, Praça do Chile.

A COMISSÃO PROMOTORA DA TRASLADAÇÃO DOS ANTIFASCISTAS MORTOS NO TARRAFAL